

Revista do
INSTITUTO
HISTÓRICO e
GEOGRÁFICO

DO RIO GRANDE DO SUL

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO R. G. DO SUL

ANO XXI — I TRIMESTRE — MARÇO DE 1941 — N.º 81

SUMÁRIO

Campos Sales — (Conferência) — (trabalho lido em sessão do Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul, por ocasião do centenário do ilustre brasileiro Campos Sales, quarto presidente da República) — por Darcy Azambuja	3	terremos situados na Praça da Alfandega para evitar a sua edificação	158
A origem da imprensa no Rio Grande do Sul — por Nestor Ericksen	15	A exploração do Rio das Mortes pelo Tte. Cel. Antônio Tupy Ferreira Caldas	157
Tratado de 1750 — Gomes Freire de Andrade, o General — (Memória apresentada ao Congresso do Mundo Português, pelo General João Borges Fortes)	27	Catálogo de inventários existentes no Arquivo Público do Estado — N.º 1 — Alegrete — (continuação)	165
História de Gabriel Malagrida — apóstolo do Brasil no século XVIII — (Conclusão) — por Paulo Mury S. J. — (tradução de Camilo Castelo Branco) — Reimpressão ..	35	ATRAVÉS DA IMPRENSA	
A constituinte de Alegrete — (capítulo de "A guerra dos Farrapos") — por Paulino Jacques	117	O mundo das letras — por Eloy Pontes	185
A incursão de Honório Lemos em Missões — por Celso M. Schröder	127	O centenário do Dr. Manoel Joaquim Sarniva — 1840 — 1899	191
Os principais fatos do Município de Taquara — por Bayard de Toledo Mércio	137	Pelos sertões do Brasil — por Clovis de Gusmão	194
Memorial dos proprietários e negociantes de P. Alegre, em 1821, solicitando tornar sem efeito a expedição de Título a Silvestre de Sousa Teles, de		NOTICIÁRIO	
		Uma viagem de pesquisas históricas — Autores — Francisco Antonio Xavier e Oliveira — Pe. Cacique — Restauração de edifícios e monumentos históricos de Portugal	205
		Bibliografia — por O. S. (Olinto Sanmartim) e W Sp. (Walter Spalding)	211
		Índice de Revistas — Sumário dos periódicos recebidos pelo Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul	229
		Outras publicações — relação de diversas publicações que acabam de entrar para as coleções do Instituto	236

e acalmou os espíritos mais excitados, pela sua atitude serena e estritamente pautada pela lei. Pareceu que poderia entregar-se à administração, que jazia no caos, mas em breve dois acontecimentos vieram em grande parte prejudicar a obra já realizada e definitivamente tolher a possibilidade de grandes iniciativas em seu período governamental.

O primeiro, foi a sedição de Canudos. São bastante conhecidas as peripécias desse drama e a profunda repercussão que tiveram. O segundo, foi a doença que obrigou Prudente de Moraes a afastar-se do cargo durante alguns meses. Assumindo o govêrno, o vice-presidente, Manoel Vitorino, na convicção de que terminaria o período devido ao estado de saúde do presidente, começa a governar de acôrdo com seus próprios pontos de vista, nem sempre idênticos aos adotados por aquele. Tão manifesta foi a divergência da nova orientação, que Prudente de Moraes abrevia a estação de cura e reassume o govêrno.

Suscetibilizado, Manoel Vitorino afasta-se dele e em breve chefia a oposição política ao supremo magistrado. Os jacobinos, isto é, os elementos que haviam apoiado Floriano na manutenção da ordem, não compreendem os nobres intuitos de Prudente de Moraes e são agora os maiores fatores da desordem. Eis como um historiador descreve êsse período, com côres bem vivas, mas exatas:

“Reassumindo a presidência da República, enfrenta Prudente de Moraes a maior impopularidade de rua que, talvez, já tivesse conhecido qualquer homem de govêrno no Brasil. Isolado no Palácio do Catete, não tinha certeza sequer da sua segurança pessoal: seria sempre possível à audácia crescente dos jacobinos um golpe de mão para depô-lo. Dir-se-ia que a cidade fugira ao controle da polícia, e que não passava o govêrno de incerta sombra de poder. Retraíam-se amedrontados ou exilavam-se na Europa os monarquistas, que se tinham organizado num partido político em 1896, sob a chefia de Ouro Preto. Repetiam-se diariamente no largo de S. Francisco os “meetings” incendiários. Os chefes jacobinos e os batalhões patrióticos sobrepunham-se às autoridades legais, em longínquo arremêdo da Revolução Francesa, da qual tinham adotado a fraseologia demagógica.

No Congresso encontravam calorosos aplausos os radicais, os jacobinos, os exaltados de toda espécie. “Ainda não libertos das tradições parlamentares do Império, os congressistas republicanos reivindicavam uma primazia que violava a natureza do regime”.

Nesse ambiente de profunda exaltação, deu-se o atentado de 3 de novembro de 1897, contra o presidente da República, em cuja

bia da população da capital uma imensa vaia, em todo o trajeto que fez do Catete à estação da estrada de ferro.

Essa vergonhosa ingratidão do povo, que êle salvara da ruína e da ocupação estrangeira, lhe deve ter magoado profundamente o coração. Mas levava a consciência de que não foram em vão os enormes sacrifícios realizados; os seus sucessores encontrariam o país financeiramente são e poderiam realizar as grandes obras de embelezamento e de progresso material que o Brasil estava a exigir. Mas a justiça não tardou em coroar com a benemerência e a gratidão nacional a obra incomparável do grande presidente, e, ainda em vida, êle pôde sentir as demonstrações de respeito e veneração de seus contemporâneos, momentaneamente cegos pelos interesses feridos e pela incompreensão.

E, hoje, as comemorações que em todo o país são celebradas em memória do seu nascimento, demonstram que o seu nome e a sua obra permanecem bem vivos no coração do Brasil. As nações jovens precisam renovar a sua esperança e a sua fé pela meditação das lições dos grandes homens que as serviram lealmente e se honraram no próprio sacrifício. Desatentas dêsses exemplos, desamparadas das idéias — forças que a tradição nacional oferece, desaconselhadas pelas doutrinas forasteiras que já em outras paragens da terra deram o inferno aos povos a quem haviam prometido o paraíso, elas não tardariam em penetrar na zona dos ciclones, onde sossobram as naus, com as bússolas enlouquecidas pelos violentos magnetismos dêstes tempos de universal confusão. O Brasil tem na sua história, tão desprezada e tão mal compreendida, ensinamentos magníficos de capacidade realizadora, de energia e de abnegação. Cultuando a memória de seus grandes homens, conhecendo-lhes as obras e as atitudes, as gerações de agora encontrarão mais fáceis e mais seguros os caminhos do seu destino. Campos Sales é uma dessas figuras consulares que devia estar gravada na memória coletiva dos povos a que serviram e honraram. Espírito liberal e conciliatório, coração compassivo, prezando extremamente a afeição dos amigos e amando a popularidade, preferiu a animosidade daqueles e o injusto desprezo público a mentir ao seu dever. Injuriado pelos amigos, difamado pelos inimigos, que nem sequer o lar austero lhe pouparam ao mais torpe e falso enxovalhe, êle marchou inflexível e sereno, preparando um futuro de paz, de bem-estar e de felicidade para aqueles mesmos que lhe atiravam lama e opróbio sobre o nome venerável. Pobre subiu ao poder, e dêle desceu paupérrimo. Mais desventurado do que Aristides, o Justo, a quem, morrendo na miséria depois de administrar dez anos o Tesouro de Atenas, a cidade olímpica teve de custear os funerais; Campos Sales teve que pedir emprestado e com juros o dinheiro necessário para regressar ao seu Estado natal; mais estóico do que Temistocles, que disse —

Fere, mas ouve — ao lacedemônio que o ameaçava, êle passou em silêncio sob a assuada e as pedras que o populacho lhe vibrava, aceitando sem queixa o mais doloroso ostracismo dentro da sua própria Pátria. No entanto, melhor do que Aristides e Temístocles, êle poderia ter dito: — Salvei o Brasil da miséria, reorganizando-lhe a vida econômica. Salvei o Brasil da dominação estrangeira, pagando suas dividas externas. Salvei o Brasil de si mesmo, restituindo-lhe energia e fé que, mais do que aos homens, dá às nações a fôrça de transportar montanhas.

A origem da imprensa no Rio Grande do Sul

Nestor Ericksen

Qual a origem da imprensa no Rio Grande do Sul?

Essa interrogação prendeu, sem dúvida, durante muitos anos, o interesse de todos os estudiosos que procuram, através de laboriosas pesquisas, com critério superior de servir exclusivamente aos imperativos da cultura, cooperar no sentido de contribuir para a organização da história do jornalismo brasileiro, e ficou, no entanto, até agora, sem resposta, dadas as dificuldades que se apresentavam.

Entre os estudos a respeito figuram, em primeiro plano, os de autoria de Augusto Pôrto Alegre, na "História da Fundação de Pôrto Alegre", assim como as investigações realizadas por êsse emérito desbravador dos episódios ligados à vida política e social do Rio Grande, que é Aurelio Pôrto, atualmente em atividade na redação dos "Anais do Itamarati", sem deixar, como é justo, de mencionar as contribuições de A. A. P. Coruja, o mais antigo dos nossos chonistas, e de Tancredo de Melo e Alfredo Rodrigues.

Numa análise aprofundada, porém, de todos os elementos estudados, quer pelos historiógrafos antigos, quer pelos observadores contemporâneos e modernos, através dêste ângulo obscuro do nosso passado, verifica-se, de imediato, a predominância das contradições e das dúvidas motivadas, como é natural, pela carência de documentos esclarecedores nos arquivos e museus.

O magnífico vulgarizador da "Efemérides", que tantos serviços prestou à cultura histórica, no Rio Grande do Sul, aponta o brigadeiro Salvador José Maciel como o patrono da criação da imprensa no Rio Grande do Sul, adiantando que o primeiro jornal — o "Diário de Pôrto Alegre" — diretamente orientado pelo então governador da Província, em 1827, tinha suas oficinas no Palácio do Govêrno, com saída pelo portão.

Dubreuil e Estivalet, dois exilados franceses, o primeiro tipógrafo e o segundo impressor, que haviam participado da batalha do Passo do Rosário, surgem como os primeiros trabalhadores gráficos em atividade, entre nós, naquela época agitada da vida estadual, e se aliam a Lourenço de Castro Junior, então comandante da polícia da cidade, português de nascimento e jornalista, para dar início à audaciosa empresa.

A. A. P. Coruja não elucidou, porém, as origens exatas da tipografia que deu lugar ao aparecimento do primeiro periódico riograndense, estabelecendo-se daí as dúvidas que até esta data vinham perturbando a visão dos mais atilados investigadores.

Houve, mesmo, então, quem atribuisse ao visconde de São Leopoldo a primeira tentativa no sentido de trazer para Pôrto Alegre a tipografia que, mais tarde, facilitaria a publicação do “Diário de Pôrto Alegre”, chegando-se a admitir a veracidade de tal propósito.

Há pouco tempo, no entanto em 1935, quando do primeiro centenário da Revolução Farroupilha, Aurelio Porto, entre outras valiosas contribuições, estudou em “Notas para a História da Imprensa no Rio Grande do Sul”, as contraditórias versões que circulavam nesse sentido, e apresenta, por sua vez, subsídios de excepcional mérito para o esclarecimento do assunto.

De indagação em indagação, através dos arquivos, num esforço de pesquisa direta e pessoal, aquele historiador traz à luz vários documentos que integram a “Correspondência de Barbacena” pelos quais se observa que o tenente-general, em viagem para o sul, durante a Guerra Cisplatina, tomara a iniciativa de providenciar para que fôsse incluída entre as peças do Exército uma tipografia de campanha.

Tal tipografia destinava-se, pelo que se sabe, à confecção do “Boletim do Exército”, e Barbacena visava com essa providência facilitar a marcha das operações, proporcionando ao mesmo tempo aos seus auxiliares diretos o conhecimento prévio de tôdas as medidas a executar, assim como para pô-los ao corrente de todos os incidentes da guerra.

Atendendo ao pedido de Barbacena, o ministro da Guerra, conde de Lages, mandou fazer a remessa do material solicitado, que teria chegado em Pôrto Alegre com os transportes de D. Pedro I na sua viagem ao sul, em fins de dezembro de 1826.

O prelo requisitado pelo tenente-general Caldeira Brant Pontes somente chegou, porém, segundo esclarece Aurelio Pôrto, a 23 de janeiro de 1827, em vista de dificuldades de condução surgidas.

Tendo assumido o comando do Exército do Sul a 1.º de janeiro de 1827, Barbacena oficia ao conde de Lages a 2 de fevereiro, narrando o estado em que se encontravam as tropas, e dando-lhes ciência ao mesmo tempo dos planos para atacar o inimigo, e, num “post-

scriptum”, informa: “Deveria ser impresso, mas não é ainda chegado o prelo”.

O 2.^o Boletim do Exército, contudo, datado das margens do rio Palma, a 5 de fevereiro de 1827, três dias após a expedição do primeiro, já era impresso, trazendo a seguinte indicação: “Na Imperial Tipografia do Exército”. O mesmo ocorre com o 3.^o Boletim e com a proclamação, datada de São Gabriel. ⁽¹⁾

Durante a batalha do Passo do Rosário, que tão graves prejuízos trouxe para as nossas armas, os argentinos fizeram grande número de prisioneiros, apreendendo, ao mesmo tempo, apreciável cópia de material bélico e os restos de uma “imprenta” do inimigo, que seria, provavelmente, a “Imperial Tipografia do Exército”, de Barbacena.

Esse episódio é, por certo, de grande importância para elucidar mais uma dúvida em que persistiam alguns investigadores.

A “Imperial Tipografia do Exército”, de que se utilizara Barbacena, teve assim, ao que parece, um fim melancólico, em plena campanha, afastando-se portanto a hipótese de que ela tivesse dado origem à imprensa riograndense.

Afastada a hipótese de ter sido a “Tipografia Imperial do Exército”, trazida por Barbacena, que deu origem à imprensa no Rio Grande do Sul, restam, contudo, ainda, aspectos que cumpre analisar para esclarecimento definitivo deste obscuro ângulo da nossa história.

Num estudo a respeito da controvertida matéria, diz Coruja, em *Antigualhas*: “A imprensa de Pôrto Alegre também tem sua história, de que bem poucos se lembrarão.

Uma tipografia, não sei de quem, apareceu em 1827, e se instalou em um dos salões térreos do palácio do governo com saída pelo portão.

Tendo caído prisioneiro dos *Pátrias*, os franceses Dubreuil e Es-tivalet, um compositor e o outro impressor, aí foi publicado o primeiro jornal em meia-fôlha, sob as vistas do presidente Salvador José Maciel, e superintendida pelo seu *fidus Achates* ou *fac-totum* Lourenço Junior de Castro.

Dos dois tipógrafos que ainda chegaram a trabalhar de fardeta argentina, um por aqui ficou por muito tempo, e o outro deu-se ao comércio pela campanha.

Em 53 anos quanta revolução não tem sofrido a imprensa na província!

Hoje, em 1881, não há lugarejo, elevado ao predicamento de vila, que não tenha o seu periódico.”

(1) Aurelio Pôrto — Notas para a História da Imprensa no Rio Grande do Sul.

A propósito Felicissimo de Azevedo acrescenta a seguinte informação que figura nos “Anais da Província de S. Pedro” (biografia do visconde de São Leopoldo, prefácio da 2.^a edição em 1857):

“A primeira tipografia que existiu na província e a colônia de São Leopoldo são criações suas.”

Quanto à primeira versão mencionada pelo autor de “Efemérides”, nela comprova-se a exatidão, em parte, da verdade sobre a história da imprensa riograndense, mau grado sejam contraditórias as informações relativas ao local da tipografia do “Diário de Pôrto Alegre”, assim como improcedente a presunção de que o nosso primeiro periódico foi fundado pelo brigadeiro Salvador José Maciel.

Realmente, o primeiro periódico funcionou, entre nós, graças ao decidido concurso material de Dubreuil e Estivalet, que após a batalha de Ituzaingó, desertaram das fileiras de Alvear, refugiando-se em Pôrto Alegre, sem esquecer também, a contribuição intelectual de Lourenço de Castro Junior, o sargento-mor comandante da “Milícia dos Henriques”, força de pretos livres encarregada do policiamento da cidade.

O brigadeiro Salvador José Maciel não tomou, por sua vez, a iniciativa de criar o primeiro jornal no Rio Grande do Sul, mas, o que é certo é que, como presidente da província, não se opôs ao seu aparecimento, pelo que se depreende através do exame de documentos encontrados.

Relativamente à alusão de Felicissimo de Azevedo, pretendendo atribuir ao visconde de São Leopoldo o primeiro passo no sentido de facilitar a criação da imprensa, entre nós, não temos provas em contrário, sabendo-se, contudo, que nenhum periódico foi publicado, no Rio Grande do Sul, antes de 1.^o de junho de 1827, data, aliás, que assinala o lançamento do DIÁRIO DE PÔRTO ALEGRE.

Há, sem dúvida, e a história o comprova, investigações que demonstram ter havido, anteriormente, um malgrado movimento em favor da instituição da imprensa no Estado.

A primeira iniciativa nesse sentido deve-se segundo João Pio de Almeida, em seu trabalho sobre a “Gênese da Imprensa Riograndense”, ao presidente João Carlos Saldanha de Oliveira e Daun, depois duque de Saldanha em Portugal, e diz aquele publicista que, com esse objetivo, ele “organizou, em 1821, uma subscrição entre o comércio de Pôrto Alegre, que éle próprio abriu com sua assinatura, e, a 10 de setembro desse ano estava coberta a importância de que carecia para adquirir a projetada imprensa”.

Daun não pôde, porém, realizar seu propósito por ter sido retirado do governo a 29 do mesmo mês e ano, e foi embarcado preso para a Corte, em virtude dos acontecimentos políticos do momento.

Somente, agora, contudo, com o aparecimento de uma preciosa coleção do DIÁRIO DE PÔRTO ALEGRE, talvez a única exis-

tente, que foi generosamente doada ao Museu Júlio de Castilhos pelo sr. Alfredo Varela, pode-se fixar com exatidão e clareza as origens da imprensa no Rio Grande do Sul, o que tentaremos fazer com a exclusiva finalidade de contribuir para o culto dos nossos mais caros valores do passado.

Afim de facilitar a exposição da matéria, e, mesmo, para fixar a origem da imprensa riograndense, convém relembrar contudo em rápidas pinceladas a história da imprensa no Brasil.

E' conhecida a intransigência com que Portugal se opôs durante a fase do Brasil-colônia à instalação da imprensa no país, pois temia, — e os seus temores por certo não eram infundados, — que esse instrumento de liberdade pudesse contribuir, com maior rapidez, para a nossa independência.

O exercício da imprensa era vedado, impondo-se castigos inquisitoriais a todos os que, rebelando-se contra a autoridade real, tentassem transplantar para o país a maravilhosa invenção de Gutenberg.

E explica-se daí o fato de que, instalada no México, em 1539, após dezenove anos da invasão por Fernando Cortez, somente a partir de 13 de maio de 1808, com a fundação da "Impressão Régia" pelo conde de Linhares é que começa a funcionar, no Brasil, autorizada pelo governo, a primeira tipografia.

Várias tentativas foram, é certo, levadas a efeito anteriormente, mas sem resultados satisfatórios, citando-se mesmo ter sido instalada em 1706, clandestinamente, em Pernambuco, uma pequena tipografia, para impressão de letras de câmbio e orações devotas.

Narra-se a propósito que, tendo o governador de Pernambuco, Francisco de Castro Moraes, tolerado o funcionamento da referida tipografia, assim não ocorreu à corte de Lisboa que, ao ter notícia do suposto atentado, pela ordem régia de 3 de julho de 1706, determinou mandasse "sequestrar as letras impressas e notificar os donos delas e os oficiais da tipografia, que não imprimissem nem consentissem que se imprimissem livros, ou papéis avulsos".

Inutilizada essa tipografia, quarenta anos mais tarde chegou ao conhecimento do governo da metrópole ter vindo para o Brasil certa "quantidade de letras de imprimir, e não sendo conveniente haver aí tipografias, nem mesmo utilidade para os impressores, por serem maiores as despesas que no Reino, de onde podiam vir impressos os livros e papéis ao mesmo tempo em que devia ir as licenças da Inquisição e do Conselho Ultramarino, sem as quais não se podia imprimir nem correr obras", logo foi determinado — informa Alfredo Carvalho na "Gênese e Progresso da Imprensa Periódica no Brasil" — por ordem régia de 6 de julho de 1747, ao governador de Pernambuco, D. Marcos de Noronha, que, se lhe constasse haver nos limites da capitania ditas letras, as mandasse sequestrar para o Reino por conta de seus donos, notificando a estes e aos oficiais da impren-

sa” para que não imprimissem livros, obras ou papéis avulsos, sem embargo de quaisquer licença que tivessem para a dita impressão, sob pena de que, fazendo o contrário, seriam remetidos presos para o Reino para se lhes impor as penas em que tivessem incorrido, de conformidade com as leis e ordens a respeito”.

Acredita-se que êsse material foi utilizado, mais tarde, no Rio de Janeiro, por Antonio Isidoro da Fonseca, tendo êste confeccionado vários opúsculos, entre os quais a “Relação da entrada que fez o excelentíssimo e reverendíssimo senhor D. Fr. Antonio do Desterro Malheyro, bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia dêste presente ano de 1747 etc”, um romance heróico, Epigramas, onze em latim e um soneto em português, além de, provavelmente, outros trabalhos do mesmo gênero.

“Não convinha a Portugal — diz Oliveira Belo em *Apontamentos Históricos* — que houvesse civilização no Brasil; desejando conservar essa colônia atada ao seu domínio, não queria arrancá-la das trevas da ignorância”.

A imprensa surge, com licença oficial, no Brasil, a 13 de maio de 1808, com a criação da *Impressão Régia*, cujo material foi trazido na “Medusa” por Antonio Araujo de Azevedo, depois conde de Barca, quando da vinda de D. João VI para o Brasil, corrido pelos exércitos de Napoleão.

Dirigida por uma junta diretora, da qual faziam parte o desembargador José Bernardes de Castro, José da Silva Lisboa, Mariano José Pereira da Fonseca, Sylvestre Pinheiro Ferreira, Manoel Ferreira de Araujo Guimarães e do cônego Francisco Vieira Goulart, lançou no próprio dia da sua criação a “Relação dos Despachos”, uma espécie de órgão oficial da Côrte.

Cada membro da junta percebia duzentos e quarenta mil réis de ordenado, sendo que o tesoureiro, Mariano José Pereira da Fonseca, mais cem mil réis.

Das oficinas da “*Impressão Régia*” saíram, após, outros trabalhos, opúsculos e monografias, e, a 10 de setembro de 1808, o número inicial do primeiro jornal que teve o Brasil — “*A Gazeta do Rio de Janeiro*” — sob a direção de Frei Tiburcio José da Rocha, e, mais tarde, orientada pelo brigadeiro Manoel Ferreira de Araujo Guimarães e o cônego Francisco Vieira Goulart, trazendo como dístico a divisa de Horacio:

“Doctrina sed vim promovent insitam
Rectique cultus pectora roborant”.

Com as dimensões de 19 x 13 e 1/2, a *Gazeta do Rio de Janeiro* era de publicação semanal, tendo sido substituída a 31 de dezembro de 1822 pelo “*Diário do Governo*”, impresso nas mesmas oficinas.

Antes, porém, do aparecimento da “*Gazeta do Rio de Janeiro*”, já circulava em Londres o “*Correio Braziliense*”, fundado por Hy-

polito José da Costa, que foi, sem dúvida, o primeiro jornalista brasileiro.

Radicado na Inglaterra, e natural da Colônia do Sacramento, onde nasceu em 1774, se dedicava na metrópole britânica ao ensino de línguas e à atividade jornalística, transformando-se num dos mais entusiastas propugnadores da independência do Brasil.

Tão incisiva era no Brasil a influência dos seus comentários, diz Oliveira Belo, que as autoridades portuguesas pretendiam obter do governo inglês, aliás inutilmente, a expulsão de Hypolito José da Costa.

O “Correio Braziliense”, ou “Armazem Literário”, era publicado mensalmente, apresentando secções variadas em que se abordavam as mais diferentes questões e assuntos.

Em 1811, Hypolito tentou introduzir clandestinamente na Baía, material tipográfico, mas as autoridades impediram em tempo o desembarque, sendo que, logo que surgiu a imprensa no Brasil, aquele jornalista congratulou-se com os seus patrícios pelo acontecimento.

Essa fôlha bateu-se pela extinção do tráfico de escravos e pela abolição gradual da escravidão, pleiteou a introdução de jurados em tôdas as causas, e, finalmente, propôs a criação de uma Universidade em Mariana e a transferência da capital do Brasil, sem indicar, contudo, a paragem em que devia ser localizada.

O “Correio Braziliense” circulou até dezembro de 1822 sendo que, na sua última edição, sugeria a criação de uma fôrça naval pelo Brasil, que considerava indispensável para que o mesmo se impusesse ao respeito das demais nações, assegurando ao mesmo tempo a defesa nacional.

Feita a independência do Brasil, Hypolito José da Costa considerou encerrada sua missão, tendo falecido a 11 de setembro de 1823 em Londres, sem ter podido conhecer a pátria emancipada, ideal que lhe atraía para o exílio e para o sacrifício.

Após a independência, uma nova era inicia-se para a imprensa brasileira, com o aparecimento de elevado número de jornais, tanto na metrópole como nas províncias.

A censura prévia havia desaparecido.

A liberdade ia criar naturalmente mais um instrumento magnífico de cultura para o país, como de fato criou.

A censura à imprensa no Brasil foi estabelecida, como temos observado no decurso dêste estudo, muito antes mesmo do aparecimento do primeiro jornal no país, notando-se que várias medidas coercitivas foram postas em execução durante a fase da vida colonial.

O primeiro periódico, porém, que sofreu os efeitos diretos da ação autoritária do governo da Metrópole, neste particular, foi o “Correio Braziliense”, cuja circulação no Brasil era proibida, sendo punidos todos os que, em quaisquer pontos do território, fôsem en-

contrados com exemplares dessa fôlha, considerada um atentado às instituições vigentes por bater-se com extraordinário denôdo em favor da independência.

Tão grande era a influência dos comentários de Hypolito José da Costa, segundo registam vários historiadores, que o governo imperial resolveu subvencionar, na Inglaterra, a publicação do "*Investigador Português em Londres*", dirigido pelo conde de Funchal, que tinha por objetivo precípua neutralizar os golpes da crítica desferidos pelo "*Correio Braziliense*" contra a política de Portugal.

O "*Investigador Português em Londres*", que circulou de julho de 1811 a fevereiro de 1819, foi redigido por Freire Carvalho, emigrado liberal, mas não pôde se opor à ação do seu antagonista, e, como informa Max Fleiuss, afinal emudeceu vencido.

Mau grado as providências policiais adoptadas, então, o periódico emancipacionista era lido no Paço pelo próprio príncipe, e por toda a parte penetrava, "até mesmo no gabinete do intendente geral de Polícia, que o recebia, dizia-se, das mãos de poderoso contrabandista, a isso não sendo estranhas, tanto a Legação inglesa como a Maçonaria" (1).

Até no Rio Grande do Sul, como se comprova mais adiante, o "*Correio Braziliense*" circulava clandestinamente, preparando as consciências contra o imperialismo absolutista do govêrno de ultramar.

Afim de se impedir, no entanto, que a referida fôlha pudesse fortalecer ainda mais o movimento de opposição contra o domínio português nesta Província, foram determinadas certas providências.

A propósito do aparecimento de exemplares num club de leitura em Pôrto Alegre, o então governador, conde Linhares, fez uma consulta a D. Diogo de Souza, nos seguintes termos:

"Illmo. Exmo. Senhor. Nesta terra á ua Casa de Conferencia Mercantil na Instituição da qual se estabeleceo que os directores farião vir diversas folhas publicas para serem alli lidas precedendo revisão delas na Sala do Governo. Entre outras tem chegado os *Correysos Brazilienses*, que eu não duvidei franqueassem na quella Casa em consequencia da declaração feita pelo Nosso Ministro Plenipotenciario Residente em Londres, a qual vem transcripta na pagina 658 a 661 do N.º 18 porem achando na minha volta do Rio Grande os ns. 23, 24, 26 e 27 parecem saem dos Limites da mencionada declaração e ouvindo que nesta Côrte se tinha procedido a precauções por motivo do referido Periodico mandei os recolher a esta Secretaria até V. Exa. me informar o que ao dito respeito é mais conforme com a Vontade do Principe Regente Nosso Senhor Ds. Gde. a V. Exa. — Porto Alegre 6 de Dezembro de 1810. Illmo. Exmo. Senhor Conde Linhares. D. Diogo de Souza". (2)

(1) Max Fleiuss — "A História da Imprensa no Brasil".

(2) Augusto Porto Alegre — "A fundação de Pôrto Alegre".

A providência adotada pelo conde de Linhares foi ratificada, proibindo-se a exibição do "*Correio Brasileiro*" no referido local

Após ao aparecimento da "*Gazeta do Rio de Janeiro*", a 10 de setembro de 1808, que foi, como já vimos, o primeiro jornal do Brasil, saído das oficinas da "*Impressão Régia*", começam a aparecer nas províncias os primeiros periódicos, muito embora o desenvolvimento da imprensa, entre nós, tenha se processado mesmo com relativa intensidade a partir da Independência.

E explica-se, sem dúvida, o retardamento operado, em vista das medidas de compressão de pensamento que ainda vigoravam na época.

Todos os periódicos, assim como papéis e livros, estavam sujeitos a censura prévia, estabelecendo-se rigorosas penalidades para os que viessem a transgredí-la.

A primeira *Lei de Imprensa* surgiu, porém, a 28 de setembro de 1830, tendo suscitado antes no Parlamento vivos debates nos quais participou ativamente o deputado Limpo de Abreu, autor do respectivo projeto.

O decreto assinado por Pedro I, cuja cópia obtive por gentileza do sr Walter Spalding, estabelece medidas para coibir os "abusos da Liberdade de exprimir os pensamentos por impressos, por palavras, e manuscritos e das suas penas".

Regulava liberdade de pensamento e de expressão, sem dependência de censura, "com tanto que hajam de responder pelos abusos que cometerem em exercício deste direito, nos casos e pela forma que esta Lei prescreve. Constituição Art. 179 § 4.º".

São especificados, então, os crimes e as respectivas penas a se-sabilidades e enunciado o processo de julgamento.

A irradiação da imprensa pelas províncias foi lenta, como é natural, dadas as circunstâncias conhecidas, surgindo por ordem cronológica os seguintes periódicos: "*Idade D'Ouro do Brasil*", a 14 de maio de 1811, na Baía; "*Aurora Pernambucana*", a 27 de março de 1821, em Pernambuco; "*O Conciliador*", a 10 de novembro de 1821, no Maranhão; "*O Paraense*", em março de 1822, no Pará; o "*Diário do Governo do Ceará*", a 1.º de abril de 1824, no Ceará; o "*Compilador Mineiro*", a 13 de outubro de 1823, em Minas Gerais; o "*Farol Paulistano*", a 7 de fevereiro de 1827, em São Paulo; o "*Diário de Porto Alegre*", a 1.º de junho de 1827, no Rio Grande do Sul; "*O Eco na Villa Real da Praia Grande*", em 1829, em Niterói, Estado do Rio; a "*Matutina Meaypontense*", a 5 de março de 1830, em Goiaz; "*O Catarinense*", a 11 de agosto de 1831, em Santa Catarina; o "*Iris Alagoense*", a 17 de agosto de 1831, em Alagoas; o "*Natalense*", em 1832, no Rio Grande do Norte; "*O Recopilador Sergipano*", em 1832, em Sergipe; o "*Estafeta*", em 1840, no Estado de Espírito Santo; a "*Gazeta do Governo da Paraíba do Norte*", em

1826, e, finalmente, “O Dezenove de Dezembro”, em 1853, no Paraná, e a “Estrêla do Amazonas”, em Manaus, em 1854.

Malograda, portanto, em 1821, a iniciativa do presidente da Província do Rio Grande do Sul, João Carlos Saldanha de Oliveira e Daun, de pretender fundar, mediante subscrição pública, um jornal nesta capital, somente a 1.º de junho de 1827 concretiza-se a idéia com o aparecimento do *Diário de Pôrto Alegre*.

O primeiro periódico riograndense surge, assim, durante o governo do brigadeiro Salvador José Maciel, tendo sido a respectiva tipografia adquirida com o produto das contribuições de pessoas generosas, segundo se observa na seguinte nota, publicada no número 1.º do “*Diário de Pôrto Alegre*”:

“Correspondencia

Fazendo-se dignos de respeito e considerações todos aquelles que procurarão promover a instrução publica, como o mais seguro modo de tornar os homens bons, e felizes; e sendo a imprensa o meio mais facil de communicação de pensamento, e o mais preferivel de todos os methodos para os Povos adquirirem os conhecimentos, que são inherentes á sua prosperidade, por isso, expomos aos Rio-Grandenses os nomes daquelles, que avidos de prosperidade publica contribuirão generosamente para a compra da Typographia, a que ora se deve o prezente Diario”.

Seguem-se os nomes dos subscritores, acompanhados das importâncias doadas para êsse fim.

Pelas indagações que efetuamos, verifica-se que a lista das contribuições foi repetida em diversos números, elevando-se a despesa da compra da tipografia a 918\$340 mil réis, segundo o demonstrativo publicado no Suplemento do Diário n.º 148, de 30 de novembro de 1827.

O “*Diário de Pôrto Alegre*”, jornal de reduzido formato, era vendido a 40 réis o exemplar e impresso na Tipografia Rio-Grandense, sob a direção e redação de João Ignacio da Cunha.

A composição e impressão da fôlha estavam entregues a Dubreuil e Estivalet, respectivamente, dois franceses exilados que como se sabe participaram da batalha de Ituzaingó, chegando-se mesmo a dizer que, desertando das fileiras do general Alvear, aquí ainda trabalharam durante algum tempo de fardeta argentina.

A tipografia que deu origem ao referido periódico foi adquirida no Rio de Janeiro, tendo chegado a Pôrto Alegre a bordo do “Bergantim Reino Unido”, conforme fatura datada de 4 de agosto de 1822, e pagou de seguro dois por cento sôbre o valor da mercadoria.

O que causa espécie, contudo, é o fato de, somente quase após cinco anos da chegada do material tipográfico, ter saído em Pôrto Alegre o primeiro periódico.

A que attribuir êsse hiato?

Conveniências de ordem econômica ou efeito da compreensão e da censura dos governadores?

Essa interrogação surge, naturalmente, à proporção que avançamos no exame dos documentos encontrados, mas fica sem resposta pela carência de meios elucidativos.

Não se encontra, na apresentação do referido periódico, nenhum artigo-programa, e somente no exemplar inicial a nota que acima inserimos, e, no de n.º 144, de 30 de junho de 1828, o seguinte aviso: “Com este numero finaliza-se este Diário: quem quizer subscrever para o novo Periodico dirija-se á casa do sr. José Pereira Coimbra na rua da Praia, n.º 51. As assignaturas são a 4.000 réis”.

A situação da empresa tornou-se logo mais precária, talvez pelo reduzido número de anúncios, assinaturas e leitores, até que a 21 de junho de 1828, a folha inseria o seguinte

“ANNUNCIO

Tendo a maior parte dos srs. proprietarios da Imprensa intitulada Typographia Rio Grandense, cedido e trespassado por esmolla a beneficio da S. Casa de Misericordia o direito que tinham á mencionada imprensa, e dezejando a Meza da mesma S. Casa cooperar quanto esteja da sua parte afim de não parar a referida Typographia: he do seu dever convidar todos os srs. Proprietarios da mesma imprensa para que tenham a bondade por si ou seus procuradores de comparecerem na Casa da Typographia, no dia 23 do corrente pelas 3 horas da tarde afim de se tratar sobre a sua administração, visto que no fim deste mez finaliza a subscrição do Diário.

Franc.º Pedro de Miranda e Castro”.

Realmente, a 30 de junho de 1828, o DIÁRIO DE PÔRTO ALEGRE desaparecia da circulação, mas a imprensa não sofreria mais solução de continuidade no seu desenvolvimento, pois que, em seu último exemplar, aquela fôlha já anunciava o próximo aparecimento do *Constitucional Riograndense*, que foi o segundo periódico a aparecer no Estado, a 5 de julho de 1828.

Vicente Ferreira Gomes — o Carona — foi o segundo redator do *Diário de Pôrto Alegre*, tendo substituído nesse cargo João Ignacio da Cunha, que acumulava as funções de administrador e redator do periódico, e, mau grado as pesquisas que fizemos, no exame cuidadoso e demorado da única coleção existente daquele jornal, nenhum indício real tivemos da atividade de Lourenço de Castro Junior, — o *fac-totum* de Maciel, como diz Coruja — na orientação e redação da referida fôlha.

O primeiro jornal rio-grandense, constituído apenas de uma fôlha, trazia, entre outras matérias, comunicados relativos à situação no Rio da Prata, notícias de interesse local, movimento de entradas e

saídas de navios, assim como alguns anúncios, e funcionava à rua da Igreja n.º 113, sendo os exemplares avulsos vendidos á rua da Praia n.º 85, na Loja de José Justiniano de Azevedo.

Poderíamos, como é evidente, alongar ainda mais êste trabalho, de vez que a seara da História é inesgotável, mas não é êsse o nosso primacial objetivo, e preferimos encerrar por aquí as nossas observações.

Antes de finalizar, porém, algumas conclusões se impõem:

1.º — Fica perfeitamente evidenciado que, ao contrário das opiniões de diversos historiadores, que lutaram com a falta de documentos esclarecedores, não foi a Tipografia Imperial do Exército, trazida por Barbacena, que deu origem à imprensa riograndense;

2.º — Não coube ao brigadeiro Salvador José Maciel, presidente da Província, em 1827, a iniciativa da fundação da imprensa entre nós, embora não se tenha oposto ao seu aparecimento, por interesse político ou espírito de benevolência;

3.º — Esclarece-se, afinal que a tipografia que deu lugar à instalação do *Diário de Pôrto Alegre* foi adquirida no Rio de Janeiro, com o produto de uma subscrição popular, ficando cada contribuinte como mutuário da empresa, que não era do estilo cooperativista, pois que as somas entregues eram variáveis, sem qualquer juro, nem havia compromisso de devolução em caso de falência;

4.º — Não era o *Diário de Pôrto Alegre* órgão oficial do governo ou de qualquer corrente dominante de opinião, no momento em que surgiu e assim permaneceu durante sua efêmera existência;

5.º — Comprova-se que a nossa primeira fôlha não funcionava em sala do Palácio do Governo, com saída pelo portão, e sim na rua da Igreja, hoje Duque de Caxias, no prédio de n.º 113, à esquerda, indo pela antiga Praça da Matriz;

6.º — Finalmente, as pesquisas efetuadas demonstram que o primeiro redator e administrador do "*Diário de Pôrto Alegre*" não foi Lourenço de Castro Junior, mas, sim, João Ignacio da Cunha, que foi substituído, depois, por Vicente Ferreira Gomes, vulgo "O Carona".

Fica, assim, perfeitamente esclarecida a origem da imprensa no Rio Grande do Sul, afastando-se tôdas as dúvidas que, anteriormente, povoavam de sombras êste belo capítulo da nossa história.

Tratado de 1750

Gomes Freire de Andrade, o General

Memória apresentada ao

CONGRESSO DO MUNDO PORTUGUÊS

pelo

General JOÃO BORGES FORTES

*Sócio da Academia Nacional de História, do
Instituto de História Militar, do Brasil e cor-
respondente dos Institutos Históricos do Rio
Grande do Sul e da Baía.*

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1940.

GOMES FREIRE DE ANDRADE

Remontei lentamente a áspera ladeira de Santa Teresa em demanda da igreja anexa ao primitivo convento do Destêrro para ali visitar a campa onde jazem as cinzas do grande servidor do Brasil que foi Gomes Freire de Andrade.

Esperava encontrar sôbre o sepulcro do ilustre general, na capela mor, uma lápide que assinalasse o lugar sagrado de seu repouso. Não a encontrei; se existe, está coberta pelas tijoleiras do pavimento.

De muito desejava eu prestar essa minha homenagem ao eminente filho de Portugal que é, aos meus olhos de convicto admirador, também um grande brasileiro.

Não cause surpresa tal asserção.

Brasileiro foi Gomes Freire, pois, de seus longos 75 anos de existência, 30 passou-os ininterruptamente no govêrno do Sul do Brasil.

Dedicou-se à nossa terra com tôdas as faculdades de sua extraordinária capacidade de administrador, de militar e de chefe.

Brasileiro será Gomes Freire enquanto estiverem de pé os arcos monumentais da Carioca, as muralhas vetustas da Ilha das Cobras, as brancas paredes da igreja e convento de Santa Teresa.

Brasileiro foi Gomes Freire quando, durante sete anos a fio, perlustrou as campanhas do Rio Grande para dilatar as terras de sua Pátria trazendo as Missões para a soberania portuguesa.

Brasileiro quando tinha sôbre os ombros a jurisdição de tôdas as capitanias contíguas, do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas Gerais, de Goiaz e do Mato Grosso.

Brasileiro porque aquí exalou o último alento de uma merecida vida e porque no chão do Brasil guardamos as suas preciosas cinzas.

E também português! Pela glória que alcançou na terra nativa como soldado, pelo título nobiliárquico com que o premiou seu Rei em recompensa de uma vida inteira consagrada à Pátria, em serviços sem conta e de alto valor; pela riqueza da herança que deixou em documentos inestimáveis do tempo de seu govêrno; pela glória insigne de lhe servir de berço natal!

Filho dêsse heróico Portugal, dedicado ao serviço incondicional do Brasil ao tempo em que éramos um só povo, as duas nacionalidades, hoje distintas, ufanam-se ao escrever a história de Gomes Freire, soldado, homem de estado, diplomata, intelectual, mártir do patriotismo.

* * *

O Tratado de 1750 parecia ajustar as contas entre Portugal e Espanha no tocante às suas questões das colônias da América do Sul. Portugal abria mão à sua velha pretensão de ocupar a margem setentrional do Prata e entregava a Colônia do Sacramento à Espanha. Esta dava-lhe em troca as terras das Missões Orientais do Uruguai e uma nova linha de limites demarcada no terreno separaria as duas soberanias no Continente de São Pedro.

Para a demarcação da linha foi Gomes Freire de Andrade o supremo delegado da Côrte de Lisboa enquanto o Marquês de Val de Lirios representava em igual hierarquia o govêrno castelhano.

Investido de tão ingente tarefa Gomes Freire tudo empreende para o seu integral desempenho.

A investidura apresenta três aspectos distintos: o primeiro é a sua face diplomática, tratando-se de uma delicada missão onde duas embaixadas com o mesmo objetivo aparente, a fixação da

fronteira, seriam natural e espontaneamente inspiradas por sentimentos antagônicos, tendo em conta os interesses das nações que representavam e os antecedentes históricos de seus povos.

Outro aspecto é o trabalho técnico, espalhando-se pelo domínio da geodésia e da topografia, inçado de dificuldades dado que o interior do Brasil era inteiramente desconhecido.

O terceiro era o mais grave: o aspecto militar da missão. Contava-se como certa a resistência dos povos das Missões ao ajustado na Europa, pois os índios estavam dominados pelos jesuítas e estes eram visceralmente contrários à execução do Tratado.

Gomes Freire era consumado diplomata. Fidalgo de raça, inteligente, finamente educado, versado nas etiquetas palacianas, conhecedor profundo da alma humana, sabendo pormenorizadamente as circunstâncias que envolviam a marcha das negociações, participando das dúvidas e desconfianças que lavravam o ânimo das duas comissões, Gomes Freire empregava, quando precisas e a seu tempo, a finura, a argúcia, a energia e sempre a perseverança no propósito de afastar quaisquer óbices que embaraçassem a execução do Tratado.

Para as questões de ordem técnica confiava Gomes Freire na competência dos astrônomos e engenheiros vindos da Europa. Confessando-se leigo em tais assuntos, não lhe faltou entretanto preparo para logo compreender que o saber e capacidade de muitos desses técnicos era completamente deficiente.

Uma das mais acertadas e úteis providências desde logo tomadas pelo General foi a criação de um corpo de trabalhadores para os serviços braçais de campo. Escolheu para chefe desses homens Christovam Pereira de Abreu, conhecedor perfeito de toda a região meridional ao mesmo passo que os seus comandados eram *bandeirantes* de índole, práticos da vida rude do interior brasileiro.

Diplomata, fidalgo, estadista, Gomes Freire era principalmente — o general. Militar de coração, o soldado vibrava em toda a intensidade de sua alma e inteligência.

No curto prazo de dous meses após a chegada da *Lampadosa* com a sua nomeação de Delegado do Rei na Demarcação, já despachara tropas para o Sul e logo seguia em seu encalço.

Seu espírito vive empolgado pelas operações militares que têm de ser empreendidas para realizar a ocupação da região missioneira e, portanto, como lá chegar através do imenso e desconhecido deserto que era todo aquele território. Examina inicialmente as vias de acesso e como já existisse a estrada de Souza Faria, Araranguá acima, pensa em atingir as Missões marchando por ela.

Em viagem recebe mais amplas informações sobre o relevo do terreno, o curso do Rio Grande, — como eram então chamados a Lagoa dos Patos, o Guaíba e o Jacuí, — a navegabilidade dessa

via fluvial e exulta com a perspectiva de que, sulcando o importante curso, águas acima, pode penetrar na almejada terra dominada pelos jesuítas e seus obedientes seguidores.

Abre-se ao seu conhecimento uma nova e excelente linha de invasão para o seu exército.

Chegando ao Presídio do Rio Grande assegura, com a construção do pequeno forte de S. Gonçalo, à margem do Sangradouro da Mirim, a eventualidade de uma marcha na direção das campanhas do Oeste, ao mesmo tempo que lhe serve de guarda-flanco a uma possível investida dos rebelados.

* * *

Encontram-se nas paragens de Castilhos os dous poderosos representantes, Gomes Freire e o Marquês de Val de Lirios, e inicia-se a execução material do Tratado de 1750.

A correspondência confidencial das duas importantes personagens está hoje francamente divulgada e revela o estado de espírito reinante: ambos aparentam confiança recíproca, cada qual mais profundamente suspeito da atitude de seu contendor.

Enquanto no cenário de Castilhos representa-se êsse espetáculo de fina comédia que era o estudo que os embaixadores faziam-se reciprocamente, nas Missões e em Madri os Jesuítas tramavam a tragédia cujo epílogo foi a dolorosa carnificina de Caiboaté.

Essa maquinação sinistra evidenciou a alta competência militar de Gomes Freire.

Compreendeu êle logo que só ao império das armas cessaria a pretensão insensata dos padres, revoltando-se contra os decretos legítimos de seu soberano. Prepara portanto os planos de operações de guerra e as combina com o representante de Espanha.

Um exército castelhano remontaria a margem do Uruguai indo colocar-se em S. Borja: Gomes Freire com o exército português seguiria a linha do Guafba e demandaria Santo Ângelo.

Desdobrando seu plano de ação Gomes Freire aproveita toda a linha navegável desde o Presídio a Santo Amaro, onde estabelece os armazéns de aprovisionamento e, progredindo para dentro do território a conquistar, manda construir na embocadura do Rio Pardo uma pequena obra de defesa, que se fez famosa sob o nome de *tranqueira do Rio Pardo*. São medidas perfeitas de sabedoria e previsão.

Está o General no campo propício ao seu gênio. Reflete, estuda, pesa, planeja e manda! E' o traço peculiar de sua feição, — nascera para mandar.

O marquês de Val de Lirios esboça fielmente o gênio de Go-

mes Freire nas expressões de uma carta que mandou a D. José de Carvajal y Lancaster, Ministro em Madri:

“pero como el es hombre de una viveza extraordinária en su edad, y que no sabe hablar sin vehemencia, es necesario que yo tenga sumo cuidado en quebrarle su actividad con la blandura o’ torciendole los discursos, porque aunque tiene mucha capacidad de aquellas que solo consisten en una buena prontitud,, temo que cada conversacion seria una disputa.”

.....

“y temo que se contaminen todas estas, sobre lo cual habla con espiritu marcial, y como que desea ponerse a’ la cabeza de sus tropas.”

* * *

A rebelião dos Padres explodira. Quando o primeiro destacamento de Gomes Freire instala o insignificante reduto da forqueta do Rio Pardo com o Jacuí, os índios em avultado número agriDEM os seus ocupantes. Caro pagaram o atrevimento, porém não esmo-receram e reforçados reiteram o ataque dias mais tarde.

A *tranqueira* também fôra reforçada e mais uma vez fracassa a investida dos rebeldes, muitos em número, fracos em armas e disciplina militar.

Gomes Freire prossegue na execução do convencionado plano de operações. Organizado completamente em Rio Pardo o seu exército, rompe a 24 de Agôsto de 1754 a marcha pelas campanhas do Jacuí e avança até o passo dêsse nome onde se lhe depara a multidão dos rebelados das Missões.

Não é um exército que procura disputar a fôrça de armas o campo da luta. E’ uma multidão heterogênea que ameaça, dissimula, negocia...

Gomes Freire analisa com firmeza e penetração o ambiente que o circunda: tem diante de seus fogos aquela massa informe, ignorante, desgraçada, que êle pode varrer ingloriamente com a metralha de seus canhões e fuzís dirigidos por mãos hábeis e disciplinadas. Avançaria a qualquer momento. E o exército de seus aliados? A resposta não tardou.

Andonaegui, o general que comandava os castelhanos, personificava a insinceridade. Solidamente preso aos propósitos dos jesuitas não tinha empenho algum pela integral realização do Tratado de Madri: sua conduta inspirava arraigada suspeição.

A dubiedade de seu caráter valeu-lhe uma vergonhosa derrota quando os índios embargaram-lhe o passo na ação de Japejú.

A sabedoria e prudência do ilustre chefe português prevalecem em tão graves circunstâncias.

Demorando-se no passo do Jacuí, pronto para investir o território missioneiro, dominando qualquer resistência porventura oferecida pela turba rebelde, pronto também para modificar suas diretrizes no caso em que seu aliado alterasse a sua atitude, Gomes Freire não esperou longos dias para receber a confirmação de suas suspeitas quanto à conduta de Andonaegui.

Obrigado pelo inimigo a retirar-se à sua base de partida, o exército espanhol não poderia desempenhar a parte que lhe competia na ocupação das Missões. Pela incapacidade do general castelhano desmoronara o plano articulado.

O General português tivera porém tempo suficiente para compreender a mentalidade dos infelizes governados dos Padres.

Chama à razão os seus caciques, atenua a hostilidade cultivada contra os portugueses e realiza com êles uma convenção pela qual ficam sob o domínio de Portugal tôdas as terras ao Oriente do Jacuí.

Ao firmar essa convenção deixa claramente expressa uma cláusula pela qual o General fica livre para a qualquer tempo, desde que assim o determinasse o govêrno do Rei de Portugal, penetrar com seu exército nas terras de Missões afim de ocupá-las.

Vitória esplêndida alcançada pela inteligência e energia do eminente chefe que durante o período angustioso passado no Jacuí sofrera com seus soldados os mais terríveis rigores de uma extraordinária inundaçào, dando-lhes o exemplo da resignação devotada ao dever militar.

Ganha Gomes Freire uma ampla superfície territorial, impõe sua vontade ao adversário, tem livres os braços para movimentos ulteriores.

* * *

Regressando ao Rio Pardo com seu exército na integralidade de sua força, Gomes Freire entrega-se à faina de organizar a ordem administrativa no govêrno do Continente, onde por muito tempo dominara um governador militar fraco e incompetente, e com seu alto gênio, fecundo e sábio, por tôda a parte espalha as medidas mais sadias.

A guerra não tivera têrmo. Andonaegui reorganiza o exército castelhano e procura readquirir o prestígio perdido na primeira campanha: apresenta-se agora com uma nova compreensão de seu dever. Cabe-lhe agir como súbdito fiel a seu Rei, como honrado mi-

litar investido de elevado comando, como homem de caráter que obedece a sua própria consciência e não pode ser joguete de alheias vontades.

E, subordinado aos planos combinados com o General e Embaixador lusitano, vem juntar-se ao exército português nas pontas do Rio Negro para de novo investirem unidos rumo às cobiçadas Missões.

Marcham as duas colunas paralelamente através dos campos invios; cortam arroios e rios: acompanham-nas de longe as vedetas dos indígenas.

A 9 de Fevereiro de 1756 tiveram os desgraçados rebeldes a audácia de apresentarem-se em linha de batalha para defrontar o exército aliado. A cochilha de Caiboaté, no hoje município de São Gabriel, ensopou-se do sangue das centenas de vidas que ali tiveram fim. Caíram exânicos 1.400 missioneiros, as dóceis vítimas da revolta dos jesuítas. E' um exército destruído e a vitória definitiva para o general que comandava a invasão.

Esse general foi Gomes Freire de Andrade.

A marcha reinicia-se e não tardam a reaparecer as dificuldades: a imensa distância das bases de reabastecimento pela linha de comunicações traçada na progressão do avanço, o acesso impenetrável no alto degrau da Serra Geral, sem caminho algum, salvo uma tortuosa picada ocupada pelo inimigo.

O general que até ali trouxera vitorioso e pujante de força os dous exércitos tem o ensêjo de demonstrar o valor de sua inteligência de grande chefe: a previsão de seu gênio domina as dificuldades.

Para remover umas apoia-se Gomes Freire na linha do Jacuí que êle criara em sua primeira penetração no interior e por essa linha recebem os exércitos as comunicações e os reabastecimentos.

O corpo de bravos bandeirantes que êle fizera organizar antes de deixar o Rio de Janeiro entra pela mata bravia da serra e rasga uma estrada pela qual em poucas semanas subiam as tropas com todo o seu material e ávidas de alcançar aquela longínqua terra das Missões.

Fraca foi a resistência dos índios; trilhando agora os formosos rincões do planalto Gomes Freire alcança finalmente a redução de São Miguel onde a 16 de Maio de 1756 consuma-se a submissão dos rebeldes.

Em tôdas as operações militares dirigidas pelo grande general o successo coroa as combinações de seu gênio. Nem uma das virtudes e predicados que formam o valor de um chefe falha em Gomes Freire.

O mais alto atestado dessa feição do famoso general está nas máximas que ele próprio compôs para diretrizes de sua conduta como soldado:

- 1.^a A verdadeira glória pelas armas.
- 2.^a Amar igualmente a honra e o perigo.
- 3.^a Na paz e na guerra a mesma vigilância.
- 4.^a Valor e diligência asseguram a vitória.
- 5.^a Do inimigo recear sempre.

* * *

Os trinta anos de seu governo no Brasil formam o monumento imperecível de sua glória como a mais eminente personalidade que Portugal colocou a frente dos destinos de sua colônia na América do Sul.

Nesse governo, delineando as medidas de resistência aos ataques contra a Colônia do Sacramento em 1735 e 1762 Gomes Freire, longe dos acontecimentos e do campo das operações, ostentou invariavelmente o brilho de seu gênio militar.

Na primeira investida, a de 1735, coube aos portugueses a vitória final e, se não alcançamos êxito de mais transcendentês consequências, devêmo-lo à incapacidade de um chefe de esquadra que amava mais os seus navios que a honra das armas e a glória do triunfo.

De longe embora, Gomes Freire é o general perfeito. Ele prevê e provê; abastecimentos, reforços, víveres, armas, navios. Organiza a diversão de Christovam Pereira, ordena a investida de Buenos Aires, concita a destruição da esquadra castelhana, anima a ocupação de Montevidéu.

E' o seu temperamento vivaz de General que vibra em todo êsse angustioso período.

Na campanha do Rio Grande, Gomes Freire está no seu elemento propício. Aí se expande em plenitude o seu gênio: comanda, combate e vence...

Em 1762! Ah! Não sofreu o seu patriotismo e o pundonor de soldado e de português a dolorosa afronta de saber que tremulava sôbre as fortificações da Colônia do Sacramento a bandeira castelhana arvorada pelo implacável D. Pedro de Ceballos.

A primeiro de Janeiro de 1763 Gomes Freire exalava o último alento e à sua glória tão mercidamente alcançada vem se juntar êste último florão, a coroa do martírio, morrendo de dor ante o triunfo efêmero do tradicional inimigo.

General Borges Fortes.

Rio, Fevereiro de 1940.



RAFAEL PINTO BANDEIRA,

cujó original está em Lisboa. A cópia fotográfica aquí reproduzida foi-nos oferecida pelo Dr. Murilo Bastos, encarregado da Mapoteca do Itamarati, por intermédio do nosso consócio Dr. Castilho Goycochea.

Como se vê, o precioso documento reproduz, em linhas gerais, o clássico retrato de Rafael Pinto Bandeira, o que comprova sua autenticidade.

História de Gabriel Malagrida

(Conclusão)

V

MALAGRIDA ENTRE OS SELVAGENS TOBAJÁRAS,
CAICAIZES E GUANARÉS

(1724-1726)

Quando o padre Malagrida se esforçava em reanimar o fervor e a piedade no povo paraense, de repente recebeu dos superiores ordem de voltar a S. Luiz. Logo que ali chegou, depois de borrascosa viagem, foi nomeado reitor da missão dos Tobajáras: era o encargo que o varão de Deus, em seu zelo sancto, ambicionava desde muito. Cheio de jubilo, retomou nos hombros o fardelzinho, e abordoando-se ao seu cajado, foi sosinho e descalço em demanda dos neophytos confiados ao seu disvelo.

A missão dos Tobajáras estanciava a vinte leguas de S. Luiz, e abarcava toda a margem esquerda do rio Itapicuru. Tres povoações indianas, incluindo a mais conhecida — a dos Tupinambas — formavam o nucleo d'esta nova christandade: havia ali que farte incentivo ao zelo apostolico do padre Malagrida.

Aposentado na sua choça, em meio d'aquelles barbaros, pegou de cultivar com ternura paternal aquellas almas toscas e apagadas, que até então se haviam atascado desenfreadamente no enxurdeiro de suas paixões. Acercando-se dos neophytos, explicava-lhes o cathecismo, ensinava-lhes as orações da egreja, fallava-lhes de recompensas e castigos da outra vida; e, sem esmorecer na lida com tamanha ignorancia e bruteza, envidava todos os recursos da mais engenhosa caridade para lhes inspirar sentimentos christãos. Mais de uma vez, remuneraram-no

com ingratidões e ultrages; mas que lhe fazia isso? A semelhança do divino Mestre, voluntariamente vertera a ultima gota de sangue para arrancar essas almas das prêzas da brutalidade.

Em esta mesma orla do Itapicuru, perto da tribu dos Tobajaras, acampavam os Caicaizes, gentio feroz, cuja conversão ao christianismo oppunha graves estorvos. Desde muito que esses barbaros se haviam rendido aos portuguezes; porém, menoscabando todos os tractados, devastavam as aldeias e plantações dos seus novos senhores. Os colonos portuguezes deram sobre elles a ferro e fogo, e os forçaram a embrenhar-se no âmago de suas florestas. Mas, passado tempo, graças ao padre Tavarey e Francisco Cardoso, aquelles barbaros, cansados da vida errante por matagaes, e batidos por tribus hostis, renovaram o tractado e pediram instantaneamente missionarios que os educassem na Religião do verdadeiro Deus. Condescendeu-se com elles. A sua tribu foi reunida á dos Tobajáras, e entregue aos cuidados do padre Malagrida.

Muitas penas e fadigas deviam custar estes novos neophytos ao fervoroso missionario! Os caicaizes, brutificados pelo fetechismo, pareciam desconhecer redondamente a existencia de Deus. A mais sordida devassidão havia-lhes bestificado o intendimento e barbarisado a palavra. Nus, errantes, pobrissimos, assim viviam da caça ou da pesca, á mercê do acaso.

Malagrida, de primeiro, estudou-lhes a linguagem; depois, com palavras cariciosas e dadivas, curou de lhes ganhar a confiança. Visitava-os a miudo em suas cabanas, medicava os enfermos, levava-lhes acipipes que mendigava, e até para os alimentar se privava de comer e sustentar as forças extenuadas. Mediante mil traças suggeridas por sua caridade immensa, logrou, em breve tempo, captar a estima e até o amor d'esses barbaros que, a final, o escutavam aprazivelmente. A doutrina celestial amolgara-lhes a ferocia da indole. Renunciaram á vida de brutos. Em summa, o ardente missionario, que não cessára de implorar as benções do ceu sobre os seus trabalhos, logrou o prazer de regenerar nas aguas do baptismo a maxima parte d'esta tribu selvatica. Mas já então lhe preluziam novas conquistas.

A quatorze dias de navegação de S. Luiz, nas margens do córrego de Codo, que conflue no rio Itapicuru, demorava a ferocissima tribu dos guanarés. Chamados pelo padre João Villar, jezuita portuguez, haviam apoiado de seus bosques para assentarem vivenda em sitio menos aspero. Mas, como as bexigas os devastassem cruelmente, abandonaram o padre Villar, incendiaram as choças, e retrocederam para os matagaes. Como quer, porém, que houvessem saboreado as doçuras da vida mais humana, já os bosques lhe não quadravam tanto. Ao cabo, pois, d'alguns annos enviaram uma deputação ao governador do Maranhão, Bernardo Pereira de Berrêdo, para renovar a alliança desatada. Concluiu-se o tractado, sob condição de que elles da-

riam trinta indios armados de frechas que combatessem os Barbados, outra tribu barbara que prejudicava grandemente os colonos portuguezes. Os emissarios dos Guanarés fingiram acceitar as condições, e prometteram tudo ao governador, a ponto de induzirem o padre Villar a seguil-os.

Ditoso com este ensejo de ganhar almas para Deus, o destemeroso missionario embarcou-se logo com alguns neophytos em direcção áquelles selvagens. Seguiam-no alguns soldados bem armados, com destino de combater os Barbados.

Quando chegou, os selvagens acolheram-o com demonstrações de sincera alegria, incutindo-lhe rissonhas esperanças. Desgraçadamente, entre os enviados Guanarés que tinham ido a S. Luiz, estava um d'esses Barbados que haviam de ser perseguidos. Na volta, o indio avisou os companheiros de que se tramava contra elles; e já se haviam entre si pactuado para a matança dos soldados portuguezes. Quando estes menos o esperavam, viram crescer sobre si com medonho alarido a horda numerosa dos barbaros, armados de frecha e maças. Intenta o padre Villar fallar-lhes; mas um d'elles o derruba morto d'uma pancada. A maior parte dos portuguezes tem a mesma sorte; alguns, apenas, conseguiram evadir-se nos bateis.

Depois de haverem despojado o cadaver do santo martyr, os barbaros arrojaram-no ao rio. Trez dias depois, foi encontrado incorrupto sobre a ourela da margem, em meio de outros cadaveres já em começo de putrefacção. Lance maravilhoso! rodeavam-no aves de preza, e multidão de peixes vorazes que os indios chamam *piranha* ou *peixes-diabos*; mas nenhum d'esses animaes tocára nos despojos preciosos do martyr. Aureolavam-lhe a fronte resplendores, e o sangue rubro que lhe gotejava das feridas recendia grato aroma.

Succumbiu o padre Villar em 27 de agosto de 1719. (*) O ceu vingou depressa a morte do seu servo fiel. Uma epidemia terrivel arrebatou todos os filhos dos Guanarés. O miseravel, que tingira as mãos no sangue do missionario, foi devorado vivo por esqualidos insectos, e acabou a vida despedaçado de dôres, por maneira que seus proprios parentes reconheceram n'elle a vingança divina. Temerosos da justa ira dos portuguezes, os assassinos foram estabelecer-se mais longe, nas margens do rio Iguara. E d'ahi não cessavam de guerrear cruel e implacavelmente os Caicaies, em meio dos quaes deixámos o padre Malagrida.

A fim de pôr termo aos males dos seus queridos neophytos, resolveu o intrepido apostolo penetrar em meio d'aquelle bravo gentio, para o ganhar para Jesus Christo. Tratou ao proposito de propiciar com presentes muitos Guanarés. Depois, convidado por elles, lá foi

(*) Vej. P. Franco, *Synopsis*, anno 1719, pag. 459.

com vinte cathecumenos da tribu dos Caicaies. Foi recebido benignissimamente. Correram os selvagens ao seu encontro; e, saudando-o como pai, levaram-no triumphalmente a uma cabana de folhagem, onde o convidaram a repousar-se da fadiga da viagem. Bem longe estava Malagrida de suspeitar a perfidia dos seus hospedeiros. Chegada a noite, adormeceu pacificamente.

A deshoras, os barbaros reuniram a assembléa dos anciãos. O mais velho, erguendo-se, discorreu ácerca das injurias, minuciosamente relatadas, que elles haviam tragado dos Caicaies, seus inimigos. “E’ chegado o momento da vingança! — disse elle em conclusão. — Amanhã, ao romper do dia, quando elles ainda estiverem sopitados no somno, matemol-os”. Foi applaudido por unanimidade. Depois do que a assembléa dispersou-se silenciosa.

Aos primeiros assomos da manhã, ouviu o padre Malagrida, a subitas, uma voz mysteriosa que lhe murmurava ao ouvido: “Fugi depressa, que estaes em grande perigo!” Desperto de sobresalto, olha em redor de si, e não vê ninguem; mas não duvida que o seu anjo da guarda o adverte. De feito, instantes depois, os cathecumenos Caicaies se lhe precipitaram na choça, exclamando: “O baptismo! o baptismo! Eis os Guanarés! Ouvi os seus gritos de morte!...” E mal clamaram isto logo os inimigos armados de frechas e clavas invadem a cabana, ululando horridamente; e, n’um relançar de olhos, o chão é juncado de agonisantes banhados de sangue. Á vista de tal espectáculo, Malagrida, descuidoso do perigo sobranceiro, vai buscar um vaso cheio de agua; depois, ajuntando os seus desgraçados companheiros prostrados por terra, expirantes e cortados de golpes, inclina-se sobre cada um d’elles, move-os ao pesar de suas culpas, e a todos pelo baptismo franqueia as portas do ceu. Acabava de baptisar a ultima victima, quando os barbaros ruem infurecidos sobre elle, despem-lhe o habito, e amarram-no com liames flexiveis ao tronco de uma arvore. Depois, entrando-lhe á cabana, saqueam tudo que topam, e profanam o calice e os mais objectos sagrados que Malagrida levára comsigo para a celebração dos sagrados mysterios. Afinal, apoderando-se dos paramentos sacerdotaes, disputam-lhe os pedaços com que se vestem; e assim cobertos, um com a cazula, outro com um retalho da alva, vão dançar vertiginosamente á volta da victima amarrada, vociferando estridula berraria. N’este em meio, o virtuoso missionario, postos os olhos no ceu, agradecia ao Senhor havel-o julgado digno de soffrer em gloria do seu santissimo nome. Cançados de gritar e saltar, os barbaros reuniram novo conselho para decidir da sorte do prisioneiro. Todos os chefes da tribu pediram á uma a sua morte; e logo foi escolhido o mais robusto para executar a sentença. E então, o barbaro, nú e pintalgado de laivos vermelhos, empennachado á volta da cabeça, com uma clava enorme cahida sobre a espadua, avança arrogantemente contra o martyr, passeia mui de passo em roda

d'elle, casquinando um grande ruído de taboinhas que cingia nos cotovelos e calcanhares; e, de tempo a tempo, com um estridente berro, annunciava á victima que era chegada a sua ultima hora.

Entretanto, com a vista posta no ceu, e o aspecto esclarecido de santo jubilo, rendia Malagrida graças ao Senhor por poder, enfim, colher a palma de martyr, ha tanto tempo suspirada. Nas preces ferventissimas, pediu ao ceu o perdão dos seus algozes, e que lampejasse nos olhos d'elles o clarão da verdadeira fé. Aproxima-se, finalmente o barbaro, da victima, e já brandia a formidanda maça, quando uma velha indiana se lança contra elle, e, retendo-lhe o braço, exclama: "Suspende! Não ouse matar o enviado do Grande-Espirito! a sua morte se-te-hia funesta! Eu conheci aquelle que matou, ha annos, o primeiro *roupeta-negra* que aqui veio; vi-o morrer de horrivel morte, comido de bichos, traspassado dos maiores soffrimentos!"

A taes vozes, o selvagem deixou cahir a clava. A indiana vai ter com o chefe da tribu e persuade-o a mandar embora sem tardança aquelle homem, cuja morte lhes acarretaria enormes infortunios.

E, sem detença, os Guaranés desatam Malagrida, e impellindo-o brutalmente diante d'elles, levam-no á margem do rio Tapicurú; depois, atirando-o para uma canôa que desatracaram da margem, abandonam-no impiedosamente á corrente das ondas.

Levado pela corrente, o devotado servo de Deus não podia desfitar os olhos da inhospita margem, onde estivera a ponto de derramar seu sangue por Jesus Christo. Lagrimas pesarasas lhe inundavam as faces! De subito, uma voz plangente sôa d'entre o arvoredado da margem: "Padre! padre!" Com grande esforço, conseguiu avizinhar á margem, e atravez das ramarias pôde lóbrigar uma fórma humana que se levava de rastos para a ourela do rio. E, de prompto, reconheceu um menino Caicaie que o seguira para o ajudar á missa. Durante a carnificina dos neophytos, a pobre creança fôra ferida na cabeça e ficára como morta; porém, voltando a si, podéra escapar-se na força do tumulto, e emboscar-se na floresta, d'onde entrevira o padre Malagrida na canôa, a derivar rio abaixo.

Gostoso por poder salvar esta querida creança que amava como filho, Malagrida recebeu-a no barco, pensou-lhe as feridas, e enfaixou-lh'as com um pedaço da roupeta. Apesar de extremamente fraco, o moço indio, lançando mão de uma vara que serviu de remo, dirigiu tão acertadamente o batel que, ao fim de trez dias, chegaram á aldeia dos caicaies. Iam lividos e desfigurados, mais semelhantes a espectros que a homens. Malagrida apenas comera um pedaço de sola n'aquelles quatro dias; por tal modo os dentes se lhe haviam cerrado que foi mister abrir-lhe os queixos com instrumento de ferro. Quanto ao menino, esse não pôde vencer tamanhos soffrimentos: poucos dias depois, expirou.

Os Caicaies, como soubessem da matança dos seus, romperam em gritos de desesperação; e, tumultuando á volta da choça de Malagrida, pediam, a brados dilacerantes, as victimas que elle conduzira á morte: "Restitue-nos nossos pais, nossos esposos, nossos irmãos, nossos filhos; tu é que os perdeste, tu é que os levaste a morrer!" Novas lastimas intercortavam estas acerbos vozes. O coração do missionario estalava de angustia. Por fim, á força de brandura e bondade, conseguiu consolar a dôr dos neophytos e enxugar-lhes o pranto. (*)

VI

MALAGRIDA ENTRE OS BARBADOS

(1726-1727)

Continuava o padre Malagrida a fertilisar com seus suores as christandades nascentes dos Tabajaras e Caicaies, supportando com paciencia prodigiosa as fadigas de tão aspera missão, quando, em fins de 1725, se lhe occasionou favoravel lanço de passar á tribu dos Barbados, a quem, desde muito, elle desejava levar o verbo da salvação.

Os Barbados, assim chamados por que deixavam crescer as barbas, ao invéz dos outros indios, haviam assentado as choupanas no meio d'uma vasta floresta, perto das margens do Meary, a nove ou dez dias de navegação da foz d'este rio. Era a mais bellicosa nação d'aquellas paragens. Tinham horror ao vestido, mais ainda que as outras tribus. Á feição de enfeite, acolchetavam no beico inferior, furando-o, um annel no qual penduravam uma volumosa pedra redonda.

Fartas vezes os portuguezes haviam tentado subjugar aquelles barbaros; mas retrahiam-se sempre repellidos. A caridade do padre João Tavares pôde mais com elles, resolvendo-os a desemboscar-se das mattas e estabelecer-se ás margens do Itapicuru. Aguilhoados da curiosidade, alguns chefes da tribu adiantaram-se, uma vez, até a aldeia dos Caicaies, entre os quaes estava Malagrida. Avisado da chegada, o missionario ajuntou, á pressa, as maças, facas e outros objectos d'esta natureza, que podessem agradar aos barbaros; e depois, carregado com taes presentes, foi ter-se com o chefe dos Barbados, e poz em campo os recursos todos de sua eloquencia afim de convencellos a abjurarem a sua grosseira religião e seguirem a doutrina do Deus verdadeiro, á imitação das tribus visinhas, de Caicaies e Tobajaras.

(*) O biographo latino achou estas particularidades em uma relação escrita pelo proprio Malagrida.

Deram os Barbados mostras de acolherem favoravelmente as propostas do santo varão. Convidaram-no a ir á sua tribo, e prometteram sahir-lhe ao caminho para o conduzirem.

Renovadas repetidamente as promessas, despediram-se de Malagrida de modo o mais cordeal e esperançoso.

Confiando então a sua querida missão dos Tobajaras e Caicaies de outro jesuita, o apóstolo do Maranhão voltou ao collegio de S. Luiz para receber instruções dos seus superiores, e aperceber-se para a proxima viagem aos Barbados. Reuniu provimento grande de maças, anzoes, facas e outros utensilios, com que esperava acarear a estima dos selvagens. Depois, destemido de perigos, partiu para Maracú, vinte leguas distante de S. Luiz. Ahi, escolheu quatro robustos indios da tribo dos Guarajaras para remadores; e, porque ignorava a lingua dos Barbados, tomou como interprete um moço selvagem da tribo, que havia sido baptisado e ensinado no collegio do Maranhão. Um corajoso portuguez disputou a honra de acompanhar o missionario na sua excursão apostolica.

Com este ranchinho, entrou Malagrida em uma pequena barca; e desviando na corrente de Pindaré até confluir com o rio Meary, remontou o segundo até á sua origem, em territorio já dos Barbados. Levava já nove dias navegados, sem encontrar os selvagens comprometidos a conduzi-lo; porém, ao decimo dia, viu surgir d'entre uma brenha á beira d'agua alguns indios, que lhe espiavam a chegada. Depois saudaram o missionario com gritos de alegria, correram a dar aviso aos companheiros; e, d'ahi a pouco, toda a tribo descia á margem, e rodeava Malagrida com mostras de sincera amisade.

Não obstante, sem esperarem que o padre repartisse as dadivas, saltaram no batel e roubaram tudo, sem dispensa de um pouco de sal, que comiam deliciosamente. Com muito custo conseguiu Malagrida salvar do saque o calice e outros objectos sagrados.

Longe de se descompor com esta primeira violencia, rogou-lhes que o conduzissem ás suas choças. Ao travez de charnecas e mattos, ao cabo de seis horas de jornada, chegaram ao acampamento. Rodearam-no logo muitos velhos, mulheres e creanças, com a mira posta em alguma dadiva; quando viram, porém, que o missionario já não tinha que distribuir, arredaram-se carrancudos; e, ao outro dia, de madrugada, toda a tribo abandonou o padre e os companheiros, indo acampar n'outro local.

Que fazer no seio d'aquellas immensas florestas, sem provisões nem abrigo contra as inclemencias do ar e ferocidade das bestas-féras? Cheio de confiança em Deus, o valoroso missionario não se acozarda. Decidido a permanecer, a despeito de todos os impedimentos, no coração d'aquelle selvagismo, que elle queria de força arrancar ás prezas do demonio, ordenou aos companheiros que construíssem com ramarias uma choupanazinha onde podessem acoitar-se da chuva e

do vento. Com suas mãos ergueu o padre um altar, em que depois fruiu a consolação de immolar quotidianamente a victima immaculada, pela salvação dos barbaros. Na celebração dos santos Mystérios hauria elle alentos para soffrer jubiloso todas as angustias de sua nova vida no deserto.

Aos tormentos da fome ajuntavam-se as ferroadas dos mosquitos, que o não deixavam repousar noite e dia. Todo seu alimento era hervas ou raizes, molhadas em agua. Algumas vezes, os companheiros lhe traziam alguma caça; mas este recurso acabou-se logo; que os quatro indios, fartos de vida tão molesta, desapareceram nas florestas, e não voltaram. Ficou Malagrida sósinho com o seu fiel portuguez e o moço interprete. Chegaram os extremos horrores da fome. Na ultima indigencia, ia mendigar aos Barbados alguns fructos e raizes amargas; mas elles, pelo ordinario, ultrajavam-no.

Andando um dia no bosque em cata de raizes, topou um Barbadão, que espostejava uma fêra que matára á frecha. Malagrida abeirou-se d'elle, pedindo-lhe um bocadinho da sua presa, pois que havia dois dias que não comêra nada; o selvagem, porém, sem lhe responder, chamou o cão, e atirou-lhe um pedaço de carne. “Por que dás tu ao teu cão essa carne e m’a não dás a mim?” perguntou Malagrida. — “E’ porque o meu cão — respondeu o barbaro — ajuda-me a caçar; e tu, se te chegas a mim, é para comer”.

D’est’arte apreciavam aquelles barbaros a dedicação do santo missionario.

Nada, todavia, o desalentava. Gisando mil traças que o zelo lhe suggeria, foi procurar os indios nas cabanas, fallou-lhes com santo enthusiasmo das bellas do christianismo, e insensivelmente os encaminhava ao conhecimento das sublimes verdades da religião. Teve a consolação de baptisar, a occultas dos pais, grande numero de creanças moribundas, que d’ali partiram para os córos angelicos; o demonio, porém, raivando por vêr fugirem-lhe as victimas, aproveitou o incidente da morte d’ellas para desencadear contra o missionario furiosa tempestade.

Havia na tribu feiticeiros influentissimos n’esses povos supersticiosos. O inimigo do genero humano inspirou-lhes que arguissem o padre do Deus verdadeiro de matar as creanças mediante uma agua mysteriosa que lhes vertia na face. Esta accusação resultou o effeito esperado: os barbaros cada vez suspeitavam mais de Malagrida.

Havia algum tempo que um menino dos Barbados fôra baptisado durante uma doença mortal, e ganhára ao padre tão vivo affecto que não havia separa-lo d’elle. Instigados pelos feiticeiros, os pais prohibiram-o de estar com o missionario, ameaçando-o de matarem Malagrida se elle desobedecesse.

Quanto ao interprete, obrigaram-o tambem a deixar o padre e ir-se para sua familia. Não tinha pois Malagrida comsigo senão o leal portuguez, ditoso em aquinhoar dos soffrimentos do seu bom padre.

A perseguição dos feiticeiros não parou aqui. Estes enviados do inferno ajuntaram o conselho da tribu; e, sob sua proposta, deliberaram desfazer-se dos dois importunos hospedes. Durante trez noites, consoante o seu costume, prepararam os apprestos do attentado horrendo que meditavam. Com os corpos mascarrados de preto e escarlate, a cabeça ornada de pennas multicores, dançavam bailes phreneticos, e expediam clamores que repercutiam nas profundezas da floresta.

Não sabia Malagrida a que intentos attribuir aquelles transportes de jubilo feroz; todavia, não os agourava para bem. Com effeito, na madrugada do terceiro dia, viu os dois neophytos, que lhe haviam arrancado dos braços, correndo para a sua cabana, exclamando: “Foge, depressa, padre, que te querem matar. Foge connosco; nós te salvaremos, ainda que nos matem!...” Não pôde Malagrida suste o pranto, vendo a dedicação e o terno apêgo d’essas duas creanças; curou de convencel-as que fugissem á morte que as ameaçava, e voltassem escondidamente ás cabanas de seus pais; porém, os mocinhos christãos lhe supplicaram a chorar que os não despedisse. “Ó querido padre? — clamavam elles — nós queremos ir contigo ao ceu; vem, foge, que ainda é tempo!” — “Fugir para onde? Bem sabeis, meus filhos, que os nossos inimigos nos cercam por todos os lados; por onde quer que vamos, perseguir-nos-hão, e não poderemos escapar-lhes...” — “Eis aqui o nosso guia — tornou um dos neophytos, pegando, subitamente inspirado, do crucifixo que pendia do pescoço do padre. — Pega da cruz, e leva-a diante de ti de modo que a face do Senhor fique voltada contra os inimigos; esta cruz os cegará, e elles deixar-nos-hão passar sem nos fazer mal”. Malagrida acreditou ouvir a voz de Deus n’estas palavras proferidas por uma creança. Tomou pois o Crucifixo, ergueu-o ao ares voltado para os inimigos, e poz-se a caminho com o portuguez e os dois jovens indios, seus guias. Assim marcharam silenciosos atravez das florestas, e se encaminharam á margem do Meary, d’onde esperavam poder facilmente passar ás plantações dos europeus. Mas, passado tempo, os guias perderam a vereda, e de volta em volta intranharam-se tanto pela floresta que já desesperavam achar-lhe evasiva.

No entanto, á hora marcada, os barbaros, sedentos de sangue, correm á choça de Malagrida para executar o horrido sacrificio. Acham-a deserta. Fremem de raiva. Rompem na piugada dos fugitivos em todas as direcções. A este tempo, Malagrida e os companheiros erravam á tôa no bosque, traspassados de cruelissimas agônias. A cada instante, tremiam de cahir nas mãos dos inimigos, cujos

gritos ouviam ao longe misturados aos urros dos tigres e outras feras da matta. Não podiam dar passo que se não ensanguentassem nos espinhos dos çarçaes. Os dois indios, bem que habituados ao giro d'aquelles bosques, desanimariam, se Malagrida os não alentasse com o exemplo e palavras consoladoras. Finalmente, depois de dois dias de inaudita tortura, dado que mettessem por caminho diverso que deviam seguir, acharam-se de repente na ourela do Meary, que elles já não esperavam encontrar.

Mas, em taes ermos desconversaveis, onde achariam barco? Os dois indios cortaram arbustos tenros, e entretecendo vergonteas fizeram duas informes jangadas, sobre as quaes os quatro se confiaram á corrente que os levava com medonha celeridade. Vogando assim ao sabor das ondas, ouviram estrallejar um grito na margem: eram os Barbados. Mais alguns instante, e Malagrida com os companheiros lhes estariam nas prezas. Contorcendo-se em raivosos tregeitos, os barbaros avistaram ao longe a victima cortando as ondas; seguiram longo tempo a fragil jangada com a vista: alfin, desapareceu na revolta do rio, e os barbaros, desesperados de os empolgarem, voltaram á profundeza da floresta, amaldiçoando os nigromantes que não previram a fuga do missionario.

Livres d'este imminente perigo, os quatro foragidos proseguiram a sua navegação arriscada, rendendo graças ao Senhor que os livrou da furia dos inimigos. Ainda assim, não estavam de todo livres: as jangadas eram pessimamente feitas para resistirem muito tempo á violencia da corrente. Arrebatadas pela rapidez, ao cahir da noite, desfizeram-se contra um tronco de arvore que fluctuava; e, no mesmo instante, se submergiram os quatro.

Felizmente os dois indios eram déstros nadadores. Se não fossem elles, Malagrida pereceria infallivelmente. Pegaram d'elle, e lançaram-no são e salvo na margem. Sem poder enxugar a roupa, o apostolo intranhou-se alguns passos na floresta; e, ajoelhando á beira de uma arvore, orou; e, apesar de cansado, orou até ao romper da alva. “Nunca — disse elle depois — o Senhor me locupletou de favores celestiaes como n'aquella noite de saudosa memoria! Em quanto eu me inlevava na contemplação de sua bondade, que de tantos perigos me defendera, cuidei vêr um corcel, ricamente ajaezado, e preste a desferir carreira. Pensei reconhecer n'este symbolo que Deus me chamava a excursões longinquas por paizes que missionarios não trilharam ainda. E, ao mesmo tempo, ouvi uma voz certificar-me que os nossos trabalhos estavam no fim”. O futuro provou que a visão não era illusoria; um prodigio a confirmou no dia seguinte.

Um pouco sobre a terra nua, e restaurando as forças desfallecidas com algumas raizes amargas, os companheiros de Malagrida teceram outra jangada, que abandonaram como a primeira ao capricho

das ondas. Pouco tempo depois, encontraram em uma angra do rio um batel apercebido de tantos remos quantos eram os remadores. Espantados por acharem barco em logar tão deserto, puzeram pé em terra, e procuraram na areia as pégadas de quem trouxera o barco; e como não encontrassem vestigio que trahisse a passagem de entes humanos, pegaram de gritar. Só o ecco dos bosques lhes respondeu. E então, depois de esperarem ainda algum tempo, resolveram entrar no barco que a providencia quizera propiciar-lhes, em logares tão ermos. Fervorosos de gratidão em este novo beneficio, remaram vigorosamente, e d'ahi a pouco um dos moços indios, expedindo um grito de alegria, mostrou ao longe as plantações portuguezas nas margens do Meary. Logo que o barquinho embeçou com a praia, todos os colonos, que já carpiam a morte de Malagrida, na convicção de que os Barbados o mataram, foram ao seu encontro e o receberam com alegres aclamações. Liberalisaram-lhe os mais sollicitos cuidados; e logo que recobrou forças deram-lhe um barco mais commodo que o transportasse ao collegio de S. Luiz do Maranhão.

VII

MALAGRIDA PROFESSOR DE LITTERATURA NO COLLEGIO DE S. LUIZ

(1727-1728)

Quando a sublime alma do apostolo se abrasa em zelo da gloria de Deus, não ha fadigas nem dores capazes de extinguir esse fogo devorante: trabalhar para Deus é a sua vida; soffrer por Deus é a sua ventura. Tal era Malagrida.

Algumas semanas eram passadas depois que elle voltou ao gremio de seus irmãos, encantados de o verem; e já suspira por novos trabalhos e novas conquistas. Com olhos lagrimosos ajoelhou aos pés do superior, pedindo-lhe licença para voltar ás povoações selvagens; mas o superior, insinuando-lhe a precisão que ha de seus serviços no collegio Maranhense, consegue que o apostolo generosamente immole as suas mais caras tendencias; e tão zeloso quanto fôra em buscar indios nas suas florestas, encarregou-se de ensinar bellas-lettras aos moços religiosos da Companhia. Porém, do mesmo passo que iniciava os alumnos nos segredos da eloquencia sagrada e profana, aspirava tambem a constituil-os apostolos idoneos para um dia lhe seguirem os traços e lidarem como elle na conversão dos selvagens. Não se baldaram taes esforços; que as suas palavras, como resteadas de fogo, entraram ao intimo d'essas almas juvenis, e esmertaram n'ellas o desejo de operar actos heroicos pela gloria de Deus.

As occupações do ensinamento não bastavam ao zelo de Malagrida: carecia de outras luctas; e mal podia entender-se como tantas fadigas o não prostravam. Já no confessorio, já no pulpito, já á cabeceira dos enfermos e dos agonisantes, dia e noite e a servir quantos o procuravam. A cidade de S. Luiz era estreita para tanta actividade. Todos os domingos ia a algumas aldeias vizinhas pregar a palavra de Deus aos camponeses. Sigamol-o em uma d'essas excursões. No sabbado á tarde, assim que sahia da cadeira de litteratura, punha-se a caminho, sempre descalço, com o unico viatico do breviario e bordão. Assim palmilhava quatro ou cinco leguas; e por distrahir-se dos tédios da viagem recitava o officio ou abysmava-se em profundas meditações, por tal modo absorvido na préce, que nem dava tento que seus pés lacerados nas sarças, deixavam apoz si longa esteira de sangue. Por chuva e sol, atravez charnecas e torrentes, pisando um chão ardente e areento que se abatia debaixo dos pés, caminhava sempre; enfim, arquejante, coberto de suor e ensopado em chuva, chegava, depois de andar quatro ou seis horas, ao termo de sua viagem, ao cerrar da noite.

Immediatamente entrava na igreja, onde o esperava multidão de fieis, portuguezes e indios, confluentes dos arrabaldes. Sem mudar de roupa, subia ao pulpito, e com maviosos discursos movia o povo á penitencia; depois, entrando no confessorio, só d'ahi sahia dada a meia noite. Como lhe cumpria dizer missa no dia seguinte, não podia tomar algum alimento; e em jejum voltava a orar, e só interrompia a resa com alguns momentos de dormir, depois do que continuava a oração até romper a aurora. Logo que amanhecia, voltava ao confessorio, rodeado da turba dos penitentes, e só d'ahi sahia antes do meio dia para voltar ao pulpito e pregar um sermão que preparava os fieis para a Santa Eucharistia. Findo o sermão, celebrava missa, distribuia a communhão, dava em voz alta acção de graças com tal fervor e uncção que todos os assistentes derramavam lagrimas. Por ultimo, quando o povo sahia, prolongava as suas rezas até que o arancavam do altar para tomar algum alimento. Depois de ter comido o bastante para sustentar as quebrantadas forças, voltava para o collegio, onde chegava perto da noite, extenuado de canção. Ao outro dia, voltava á cadeira de litteratura como se não houvesse sahido do collegio.

O infatigavel professor renovava estas excursões trez ou quatro vezes por mez. Em tempo de férias, descançou das canceiras do ensino indo evangelisar as aldeias vizinhas de S. Luiz. Tapuytaperá, e Jeatú, Tapicurú, Nayatuba, Meary, ouviram successivamente sua voz. Tambem prégo em S. Luiz, juntamente com os padres José Martins, e José Tavares.

Taes foram os trabalhos decorridos no anno de 1727.

VIII

NOVA EXCURSÃO AOS BARBADOS E AOS GAMELLAS

(1728-1730)

Malagrida, quando tão fervorosamente se empenhava em formar futuros apóstolos e restabelecer a fé entre os colonos europeus moradores no Maranhão, não podia olvidar os seus queridos selvagens errantes nas selvas, e assim esperava impaciente ensejo favorável para voltar ao meio d'elles. A occasião depressa chegou.

Vencidos pelos portuguezes em combate decisivo, os Barbados imploraram paz, e como prova de sinceridade reclamaram missionarios que lhes quizessem ensinar a religião do verdadeiro Deus. Malagrida, esquecendo quanto padecera em meio d'aquella tribu feroz, deu-se pressa em offerecer-se para tão perigosa missão, e tanto poderam suas instancias que os superiores o elegeram. Rapidamente reuniu boa provisão de facas, e agulhas, e outros objectos de ferro e aço; e seguido do padre Jeronymo Pereira, e de uma diminuta escolta de portuguezes e indios, incluindo o moço interprete que já na primeira viagem o seguira, embarcou-se de novo no Pindaré, e dirigiu-se á força de remos a Meary. Chegado ao confluyente dos dois rios, passou alguns dias em casa do capitão d'este districto, Pinheiro de Meirelles, que o recebeu em sua casa com a veneração digna de um santo, e lhe opulentou o seu thesourosinho com copia grande de coisas que deviam ajudal-o a captar a affeição dos barbaros; e até lhe offereceu seu filho, na flor dos annos, para o acompanhar na sua excursão.

“Como! — lhe respondeu Malagrida. — Pois um menino assim, poderia resistir ás fadigas e provações d'esses matagaes, onde não ha outro alimento senão fructos silvestres, que nem sempre apparecem? Não, eu não consentiria que elle fosse á terra d'esses ferozes barbaros, e culpar-me-hia se expozesse vida tão juvenil e tão bellamente esperançosa”.

Porém o capitão generoso, superando todas as fragilidades da natureza, exclamou: que seria ditoso se visse seu filho aquinhoar as calamidades do santo missionario. Por sua parte, o menino, que se chamava José, lançou-se aos joelhos de Malagrida, e exclamou: “Meu padre, rogo-lhe que me leve comsigo aos Barbados; comerei do que elles comem, e se me matarem não temo a morte por Jesus Christo”.

Dobrou-se Malagrida a tal nobresa de alma, e recebeu o menino no barco; depois, submettendo-se á protecção de Maria, estrella dos mares, entregou-se á corrente d'esse mesmo rio, onde dois annos antes tantos perigos correu.

Quando chegou, estavam os barbaros reunidos em grande numero nas margens do rio.

À vista do barco, fizeram grande gritaria em prova do seu contentamento; porém maiores transportes estrondearam quando Malagrida começou a distribuir liberalmente as dadivas que levava. O missionario sorria a esses barbaros que se acotovellavam á volta d'elle com os braços estendidos; depois, quando um recebia uma faca, outro uma clava, retiravam-se saltando de gosto e floreando no ar, com roucos gritos, o objecto que lhe coubera. Aproveitou Malagrida pressurosamente as boas disposições dos Barbados. Com auxilio de dois companheiros, construiu duas cãbanas de ramagens, uma para oratorio, e outra para habitação. Em seguida mandou a barca e os remadores para o Maranhão, ficando com seis companheiros e o moço interprete.

Installado bem ou mal n'essa pobre cabana, poz peito á obra de suavisar e corrigir os ferozes costumes dos seus barbaros hospedes. Graças á sua ardente caridade, tornou-se em breve objecto de admiração e amor de toda a tribu. As creanças principalmente folgavam de reunirem-se á volta d'elle, e suspensas de seus labios escutavam anhelantes as grandes verdades que lhes expunha. Era tão admiravel a paciencia com que cem vezes repetia as mesmas coisas para as imprimir na memoria ingrata dos seus ouvintes, como o ingenho com que lhes fazia entender os mysterios da fé, mediante comparações ajustadas ao genio da nação, e á rudeza d'essas intelligencias brancas. Não foram estereis estes trabalhos: o santo missionario teve o prazer de baptisar grande numero de adultos, e com sua diligencia n'essas regiões, até ali tão infructiferas, formou uma fervorosa christandade.

Mas, tão bella colheita custou ao obreiro evangelico muito suor derramado n'aquella terra ingrata, e muitos perigos imminentes. Aventurando-se um dia a um caminho arriscadissimo, cortado a espaços por grandes lagos e torrentes impetuosas acardumadas de caimões, não tinha para atravessar as torrentes senão umas redouças suspensas sobre o abysmo de uma á outra margem, e presas aos galhos das arvores. Quando passava uma d'estas pontes aerias, ou por que lhe faltasse o pé, ou as redouças se rompessem, o missionario cahiu ao rio, e foi salvo por um bravo neophyto que se lançou a nado.

Não foi este o unico perigo d'esta excursão. Sahira com dois indios e dois soldados portuguezes; e, a meio caminho, os indios desapareceram. Quasi ao mesmo tempo, veio um neophyto annunciar-lhe que os pagãos de uma tribu visinha queriam matal-o e aos seus companheiros. Tratam de fugir; mas por desgraça, chegam ás margens de um lago e não acham ponte que os passasse. Com pouca hesitação lançam-se os dois soldados a nado, pegam do missionario entre elles e o sustentam cada um com sua mão á flôr das ondas. "Custa a comprehender, (diz o biographo latino que nos conservou este por-

menor) como poderam escapar ao perigo; porque a cada instante roçavam com o pé em crocodillos e serpentes, e apesar d'isso chegaram sãos e salvos á outra margem. “Outra vez que Malagrida havia de atravessar um lago semelhante, dois indios que o acompanhavam o tomaram sobre os hombros; mas não achando bastante commoda esta maneira de o levar, ataram-no de pés e mãos e pela cintura a um longo esgalho do qual cada um d'elles poz sobre o hombro uma ponta. Foram assim indo até ao meio do lago; mas ahi, cansados de caminhar no lodo, onde ás vezes se enterravam até ao pescoço, ameaçaram o padre de o deixar assim no meio da agua se lhe não dobrasse o salario. Que remedio teria o pobre missionario senão ceder-lhes!

Emquanto assim trabalhava na conversão dos Barbados, travou-se guerra cruel entre esta povoação e a tribu visinha dos Acroás. Eram os mais ferozes indigenas de todo o Maranhão. Os portuguezes os designavam geralmente com o nome de Gamellas, por causa d'uma especie de vasozinho circular, que elles mettem á laia de enfeite no labio inferior. Era-lhes delicioso comer carne humana; e na satisfação d'este feroz appetite, caçavam os seus semelhantes dentro das florestas, e quantos desgraçados lhes cahiam nas mãos eram implacavelmente assados e comidos. Muitos barbados eram já mortos victimas de tanta ferocidade. E a fim de exterminarem tão monstruosas cruezas, toda a tribu pegou em armas, e com o soccorro de uma manga de portuguezes, avançaram sobre o inimigo em numero de seiscentos homens. Malagrida ajuntou-se áquelle pequeno exercito. E prevendo que o combate seria encarniçado, e as victimas de ambos os lados seriam muitas sem baptismo, envidou todos os esforços da sua eloquencia em persuadir aos caudilhos dos Barbados de tentar conciliação antes de romper a batalha. Prometteram-lhe que sim. Passados trez dias de marcha difficil e perigosa, descobriram em fim as choupanas dos Gamellas. Já elles tinham visto de longe o exercito inimigo, e vinham correndo a encontral-os com pavorosos berros. Malagrida então, hasteando um crucifixo, adiantou-se sósinho com o interprete para a frente d'elles, e lhes offereceu a paz em nome dos Barbados e dos portuguezes, e mostrando-lhes Jesus crucificado, dizia: “Este Deus, cuja imagem vêdes, deu por nós seu sangue e vida, baixando do ceu para trazer a paz ao mundo. Conhecei-o, e adora-o; deixaes as florestas onde erraes quaes bestas-féras, vivendo miseravel vida; vinde ao aprisco de Jesus onde achareis abundante pasto.”

Á palavra paz os Gamellas responderam com uma saraivada de fréchas, e grande número de portuguezes e Barbados foram a terra. Por pouco que Malagrida não foi victima d'esta infame traição. Uma frecha vibrante no ar lhe bateu na cabeça; mas resvalando-lhe no chapéu foi ferir um indio a quem o bom padre fazia trincheira com o seu corpo.

Os Gamellas, aproveitando a turbação do exercito, precipitaram-se com furor sobre o inimigo; mas os portuguezes, assestando-lhes um rijo fogo de mosquetes, mataram grande numero. Os barbaros, que nunca tinham visto nem ouvido armas de fogo, recuaram assombrados primeiramente; mas, passada a surpresa, voltaram á carga com as suas terriveis clavas. Então o padre Malagrida, vendo quão difficil seria resistir a tamanha multidão, aconselhou aos portuguezes que batessem em retirada, o que elles logo fizeram. Quanto aos Barbados, muito a seu pezar abandonaram o campo; e como consolação do desastre levaram comsigo o cadaver de um dos inimigos, que desfizeram em bocadinhos, depois de o ultrajarem indignamente. A poucos passos d'esta scena horrenda, Malagrida occupava-se a cravar um espeque em que pendurou um cesto cheio de instrumentos de ferro: queria dar com isto a perceber aos barbaros que os Portuguezes eram alli vindos com intenções pacificas. Na volta da expedição, os Barbados, furiosos com o revez, expulsaram todos os portuguezes a quem imputavam a derrota. Malagrida muito a custo conseguiu consolar os seus queridos selvagens; porém, alumiado por luzes celestiaes, em nome de Deus lhes annunciou, que desde aquella hora em diante não teriam que temer dos seus crueis inimigos. Esta predição confirmaram-na os successos. Ao cabo de alguns annos, os Acroás, já menos ferozes, sahiram das suas florestas espontaneamente, pedindo alliança aos portuguezes, e um missionario que lhes ensinasse a religião do verdadeiro Deus.

Foi-lhes enviado o padre Antonio Machado, que passou com elles seis annos (1751-1757), soffrendo com heroica paciencia todas as penas d'esta laboriosa missão.

Por sua parte, Malagrida permaneceu ainda dois annos entre os Barbados. O seu biographo, que teve grande parte em seus trabalhos, nos descreve a vida que elle passava entre aquelles barbaros, dizendo: "Renuncio em contar pelo miudo tudo o que este venerando religioso soffreu emquanto residiu entre os Barbados. Quer-me parecer que elle viveria vida mais socegada em meio de bestas-feras do, que com tal gentio, corrompido e perverso quanto é possível. A sua vivenda era uma choça miseravel, exposta a todos os ventos, e infestada de multidão de mosquitos, que lhe não deixavam hora de descanso. Havia entre esses insectos notavelmente um, chamado *pium*, quasi invisivel a olho desarmado, mas cuja ferroadada causa dores atrozes. Não obstante, o padre Malagrida supportava todas estas incommodidades com santa algeria: "Que quereis vós? dizia elle aos que se lastimavam dos mosquitos: — Esses bichinhos foram postos no mundo para exercitar a nossa paciencia, e incutir-nos no animo, a pezar nosso, a idéa de Deus!"

De envolta com estes padecimentos, o Senhor concedeu ao seu servo uma doce consolação; quero fallar da morte edificante d'aquel-

les dois selvagens que deixaram familia e tribu para seguir o santo missionario. Morreram, ambos na flor da idade, em sentimentos de ternissima piedade. Um, chamado Gabriel, como seu pai adoptivo, em poucos dias foi arrebatado por uma febre maligna: no auge do fogo que o consumia, denotava jubilo grande por ir unir-se ao seu Deus com os anjos e santos do paraizo. Expirou suavemente com o sorriso nos labios, nos braços de Malagrida, que não pôde ter as lagrimas vendo este anjo alar-se para o ceu. Chamava-se o outro Paulo Oliva. Chegara ao collegio de S. Luiz na vespera da festividade de S. João Baptista. Os meninos, consoante a uzança que ainda hoje dura em certas provincias, tinham accendido uma grande fogueira no meio do pateo, e saltavam á competencia por cima das brazas a ver quem o faria mais alto. Esta brincadeira era muito predilecta do nosso juvenil selvagem; pois como era muito expedito accitou logo o desafio. E para logo deu alor aos braços, e arrojou-se intrepidamente ás chammas; mas no mesmo instante, outro menino, correndo com toda a força, chega do lado opposto, e em resultado do embate os dois infelizes cahem derrubados sobre o brazido. Um d'elles safou-se pouco molestado; porem não succedeu o mesmo ao selvagemzinho: quando o tiraram do lume, estava coberto de horriveis queimaduras e vomitava golphos de sangue. Levaram-no para a cama, onde elle, descurando as feridas, mandou chamar o padre Jeronimo Pereira, seu confessor, afim de preparar-se para chegar ao tribunal de Deus. Nos oito dias que ainda viveu, deu provas de paciencia verdadeiramente admiraveis. "Com certeza, — repetia elle — sou indigno de possuir a felicidade do ceo, e apezar d'isso anceio ardentemente gozal-a cedo."

Momentos antes da sua morte, como elle se mostrasse turbado de grande terror, o confessor lhe perguntou o que tinha: "Não vedes este monstro prestes a devorar-me?" O confessor aquietou-o fazendo-lhe pronunciar os doces nomes de Jesus e Maria, suas derradeiras palavras. O padre Malagrida, quando lhe contaram esta formosa morte, exclamou: "Tudo o que tenho soffrido até agora, me é recompensado pela entrada d'esses dois anjos no ceu." Palavras sublimes do apostolo que nenhuma conta faz de suas dores quando se trata da salvação de uma só alma.

IX

MALAGRIDA PROFESSOR DE THEOLOGIA E DE LITTERATURA SIMULTANEAMENTE

(1730-1735)

No principio do anno de 1730 foi Malagrida outra vez chamado pelos superiores para ensinar theologia no collegio do Maranhão. Era custoso ao fervente apostolo arrancar-se á sua cara missão: assás o

revelou nas lagrimas choradas, quando abençoava pela derradeira vez os seus amados neophytos: mas, digno filho de Santo Ignacio, a sua missão era obedecer sem delongas nem replica ao menor aceno de seus superiores.

Depositou a nascente christandade dos Barbados nas mãos do padre João Tavares, e retomou a pé o caminho de S. Luiz. Logo que chegou, este infatigavel missionario, ha pouco ainda occupado em balbuciar em lingua barbara os primeiros elementos em lingua christan, começou um curso publico de theologia, que continuou por espaço de cinco annos consecutivos, com reputação sempre augmentada de santidade e sciencia. Ao mesmo tempo dedicava longas horas em iniciar os meninos do collegio nos segredos da poesia e eloquencia. Verdadeiramente havia ali muito que satisfizesse um homem activo e laborioso, mas não bastava a Malagrida. Ensinava promiscuamente a theologia e a litteratura, exercia o cargo de prefeito dos estudos, de consultor do collegio, e de toda a vice provincia, emfim dirigia como pai espiritual a consciencia de seus irmãos, que fiavam tudo d'elle. Ninguém mais a ponto sabia sanear escrupulos, e consolar aquelles que as tentações aprezavam. Porém uma das suas obras privilegiadas, era dirigir a congregação da Virgem Sancta, á qual pertenciam os alumnos do collegio mais distinctos em applicação e piedade. Com tal director, aquelles meninos volviam-se verdadeiros apostolos, que com o exemplo e com a palavra recendiam a suavissima fragrancia de Jesus Christo. Todos os domingos e dias santificados ajuntavam-se os congregados na capella do collegio, e guiados pelo proprio padre Malagrida, sahiram procissionalmente, com o estandarte erguido, e percorriam devagar, com os cantares das litanias, as ruas principaes da cidade. Chegados a qualquer praça, paravam, e dispunham-se em circulo á volta de Malagrida; e quando o povo, attrahido por este espectáculo, se agrupava á volta d'elles, começava o padre a explicação do cathecismo, e em prezença das multidões interrogava os meninos, que timbravam em responder com acerto diante de assemblea tão numerosa; depois concluia com o sermão sobre assumpto já tratado em forma de cathecismo, e impressionava vivamente o espirito dos ouvintes.

Eram estas as occupações de Malagrida durante o anno escolar. Chegadas as ferias, afadigava-se em outros encargos, levando ás aldeias dos arrabaldes os *exercicios* de Santo Ignacio.

Resoava-lhe constantemente aos ouvidos aquella voz mysteriosa que ouvira pela primeira vez no concavo da floresta onde o naufragio o arrojara, quando fugia aos Barbados pelo rio Meary: — “Vai — repetia-lhe aquella voz: — vai trabalhar na salvação das almas.”

Mais de uma vez pedira aos superiores authorisação para unicamente curar das missões: era-lhe porem estorvo a falta de homem

que o substituisse. Tentou enfim o ultimo recurso perante o geral da companhia, escrevendo-lhe uma carta na qual, em nome da gloria de Deus, o conjurava a deferir-lhe.

Em quanto esperava resposta de Roma, continuou ardentemente os seus labores do costume nos suburbios do Maranhão. Attendeu mormente a extirpar discordias e odios que reinavam entre esses povos de indole arrebatada e vingativa. Se sabia que dois christãos nutriam reciprocos sentimentos de odio, ia ter com elles e com energicas palavras lhes arrancava a promessa de se reconciliarem publicamente na igreja, dando-se o osculo de paz, diante da imagem do Salvador crucificado, como caução de sincera e cordial amisade.

Pregava elle um dia na cidade do Maranhão ácerca do perdão das injurias. Muitos ouvintes seus, tocados pelas palavras do sancto varão, ergueram-se de golpe em meio da assembléa, pedindo reconciliação aos inimigos. Entre estes havia um que recebera de seus parentes injuria mortal; e, dado que fosse elle o offendido, abeirou-se do inimigo e propoz-lhe publica reconciliação; mas elle desabridamente o recebeu. Á vista d'isso, Malagrida, indignado e transportado em zelo santo, apostrophou o culpado do alto do pulpito: "Pois que! meu irmão: — lhe diz elle — não quereis perdoar ao vosso proximo para que o Senhor vos perdoe?" Repetiu estas palavras muitas vezes; e como aquelle homem obdurado insistia na recusa, exclamou com voz atroadora: "Peccador, recusas escutar o teu Deus que te convida a perdoar, enquanto ainda é tempo; mas não tardará que prestes conta ao teu juiz da tua dureza, e soffrerás então o castigo merecido."

No dia seguinte aquelle desgraçado morreu de um tiro desfechado por mão desconhecida. Toda a gente reconheceu n'aquella subita morte um castigo do ceu, e desde então, o missionario foi considerado como santo que lia no futuro os juizos de Deus.

X

MALAGRIDA EVANGELISA A PROVINCIA DO MARANHÃO E PASSA Á BAHIA

(1735-1736)

Fóra dos grandes centros de população, como S. Luiz e Pará, havia na basta diocese do Maranhão, alem dos selvagens vagabundos, grupos de habitantes, dispersos, nos interiores das terras, compostos de gente ignobil que se refugiara n'esses desertos para esquivar-se ao rigor das leis. Eram negros, mestiços, escravos foragidos, ladrões de

estrada, apostatas infames de pessimos costumes, empregados no lodaçal de todos os vicios, e quasi totalmente privados dos soccorros da religião.

Malagrida esperava desde muito a ventura de levar os cuidados da sua caridade áquellas almas desamparadas. Realisou-se-lhe a vontade.

Apoz longos mezes de espera, recebeu de Roma carta em que o padre Geral Francisco Retz lhe concedia que reatasse as suas excursões apostolicas, e admoestava os superiores a que o auxiliassem n'aquella obra eminentemente util á gloria de Deus e á salvação das almas.

Remanesciam ainda duas difficuldades graves: por falta de sujeitos idoneos não sabiam os superiores onde encontrar professor de theologia que substituisse Malagrida; e afora isso, não podiam dar-lhe companheiro, sem o qual, todavia, metter-se em empreza tão erigada de perigos seria temeridade. Acudiu a tudo a providência. O padre Manuel da Silva, que ensinava theologia de concerto com Malagrida, offereceu-se a reunir os alumnos dos dois cursos, e João Rodrigues Cavete, administrador da diocese do Maranhão, durante a vacatura da sé episcopal, quiz ser o companheiro do fervoroso missionario, cuja eminente virtude apreciava.

Eis aberta carreira nova ao nosso heroe, na qual entrou sob os auspicios do seu bem-aventurado Padre, aos 31 de julho de 1735, quando se festeja Santo Ignacio de Loyola.

Embarcado em um ligeiro bote, subiu a remos a corrente do Itapicurú, saudou de passagem as christandades novas que fundara nas margens d'este rio, e, apoz quinze dias de ruim navegação, apor-tou enfim á aldeia, onde viviam, por elle associados, os Guanares, entre os quaes estivera no gume de colher a palma do martyrio.

Foi esta a ultima aldeia que topou antes de embrenhar-se nas regiões incultas e desertas, que separam S. Luiz da Bahia. Desde esse ponto, em extensão de 450 legoas; é tudo serras alcantiladas, hirtas de mattos, atravez dos quaes só o machado pode abrir vereda; ou então esplainadas immensas, queimadas no estio pelo ardor do sol, e alagadas no inverno por torrentes sem numero. N'estes infinitos desertos, não ha mais creaturas vivas que bestas-feras e alguns indios ferozes que espreitam dentre os sarcaes o caminheiro desgarrado para o cravarem com suas azagaias hervadas, e lhe comerem as carnes, assadas em fogueiras.

Tamanhos perigos não estremecem a coragem do intrepido apostolo: sempre tranquillo e sereno, caminha afoitamente, distrahido em Deus, e suavizando na oração as fadigas do caminho. Depois de ter seguido a corrente do Maratoan, um dos confluentes do Parnahyba, voltou para Cerobis; d'ahi passou á Piracuruca, paiz dos ia-

dios Ilaroás, e chegou enfim até Moicha, aldeia mais importante que se topa nessas bastas savanas.

Desde muito que a sua reputação o precedera n'esses lugares selváticos. Alguns habitantes, perdidos por esses bosques, e maravilhados dos prodígios que se contavam do padre, disseram: "vamos ver este santo homem", e afrontando os incomodos de uma longa viagem chegaram até Moicha a visitar Malagrida: "Não, eu não sou santo", lhes diz elle sorrindo docemente, saudando-os muito affavel. Por estas palavras os habitantes da floresta perceberam que o homem de Deus lhes entrara ao recondito da alma, e confirmados plenamente no alto conceito que formaram de Malagrida, volveram-se ás suas cabanas, bemdizendo o Senhor que lhes fizera conhecer um *santo*!

Graças á veneração que inspirava, o santo varão colheu copiosos fructos das suas prégações. Depois que evangelizou as duas provincias mais remotas do Maranhão, a de Pyauhi e a de Parahyba, pensava em retroceder, quando lhe chegou uma deputação com bandeira á frente, enviada pelos habitantes das margens de S. Francisco. O caudilho do pequeno rancho, conjura Malagrida, em nome de Jesus Christo, a ter piedade dos povos da provincia da Bahia, e a ir repartir com elles tambem o pão da palavra divina.

Se o digno apostolo escutasse somente os impulsos do seu coração, partira logo, correspondendo a tão honroso convite; mas elle ignorava se os superiores tencionavam que transpusesse os limites da diocese do Maranhão; e filho verdadeiro da obediencia, nada queria operar sem o consentimento d'aquelles que lhe eram representantes de Deus.

Por grande ventura encontrara em caminho o padre Francisco Camello, que seguia para S. Luiz: deu-lhe uma carta para os superiores, na qual relacionava os seus primeiros actos, fallava dos seus novos projectos, e pedia licença para alongar as suas excursões apostolicas. Depois, emquanto a resposta não ia, dirigiu-se a pé ás margens de S. Francisco, e, como outr'ora S. João Baptista nas margens do Jordão, prégou a penitencia aos fieis que encontrou. N'este intervallo, voltou de S. Luiz o padre Camello, e entregou a Malagrida a licença desejada. No galarim dos seus votos, partiu logo o apostolo a prègar nas muitas parochias, cujos vigarios, ao rumor da sua chegada, lhes reclamaram a presença nos termos mais urgentes. Seguido do padre Camello, visitou sucessivamente Jacobina, Tucos, Agua-fria, Tucon, e as outras aldeias dispersas na provincia da Bahia. Ao mesmo tempo avisou da chegada o padre Miguel da Costa, visitador geral do Brazil, que estava então no seminario de Belem, perto da Bahia. Em uma carta delicadissima dizia ao novo superior que lhe era aprazivel ter logar entre os seus filhos mais devotados e

submissos. O padre Costa, que o conhecia desde muito pela fama, deu-se pressa em lhe sahir ao encontro com os padres Manoel Franco e Vicente Gomes, e o recebeu com ternura paternal; ao passo que Manoel de Cerqueira, reitor do collegio de Belem, o convidou a descansar em sua caza, do cansaço da longa viagem. Dezesete mezes eram passados depois que Malagrida deixara S. Luiz do Maranhão.

Grato nos seria seguil-o passo por passo nesse longo trajecto, e vel-o trilhar descalço pedregosos caminhos, expostos ás inclemencias do ar, passando noites inteiras por florestas, desabrigado, deitado no chão estreme, com as roupas molhadas da chuva; e, neste viver assim, prègando, confessando, cathequisando, por entre tamanhos desconfortos, mostrando sempre alegria e resignação inalteraveis: porém, estas miudezas ficaram como sepultadas nas solidões que as presenciaram: dois factos apenas se resgataram do esquecimento. O primeiro foi propriamente referido por Malagrida ao padre Caetano Dias. Na expansão de uma pratica intima o padre Dias, observando que o apostolo tinha a barba toda branca e os cabellos louros, perguntou-lhe como se fizera aquella mudança. O santo varão respondeu com a seguinte narrativa:

“Divagava eu em uma vasta floresta, pensando no meu Deus, quando, repentinamente, vi surgir ante mim, sob forma humana, uma pobre alma do purgatorio, soluçando lamentaveis gemidos, e pedindo-me que me apiedasse d’ella e a consolasse com as minhas oraçoens: “Rogo-vos — ajunctou ella — que só cesseis de implorar para mim a clemencia de Deus, quando as vossas barbas encanecerem: esse será o signal de que estou redemida... “E, dito isto, desapareceu. Fiz o que ella me recommendára; e, pouco tempo depois, com grande espanto meu, a minha barba, que era loura como os cabellos, tornou-se branca. Convencido de que Deus aliviara aquella alma atormentada, mudei as minhas oraçoens em cantico de acçoens de graça.

Outro prodigio assignalou a viagem de S. Luiz á Bahia. Um dia que o sol meridiano dardejava seus raios escaldantes sôbre tôda a região, Malagrida ajoelhara á sombra de uma arvore a recitar o officio. De subito, ouve um gritar de barbaros; e, erguendo os olhos, vê caminhando para elle um rancho de homens conduzindo um possesso cuja furia difficilmente reprimiam: “Vimos pedir-vos que livreis este desgraçado — disseram elles ao missionario. E no entanto o energumeno, espumejando de raiva e ringindo os dentes, rolava os olhos pavorosos, remettendo contra Malagrida, mas sentindo que mão invisivel o refreava. Então o homem de Deus ordena ao demonio que solte a preza; e mal proferida a phrase, Satan pegou de gritar pela bocca da victima: “Basta! basta! quero sahir! — És o pai da mentira — replicou Malagrida — Só te acreditarei quando me deres cau-

ção da tua promessa. — A caução que te dou — urrou o demonio en-furiado — é que não cessarei de te perseguir até á morte”. E profe-ridas estas vozes, sumiu-se.

No decurso desta historia veremos que o inimigo dos homens cumpriu a ameaças, desquitando-se da palavra dada quando poz Ma-lagrida sobre uma fogueira infamadora, e ali morreu estrangulado por mão do algoz! Pelo que, o pintor que nos deixou os traços des-te sancto homem, querendo em pouco resumir a sua vida de an-gustia, gravou na orla do retrato estas palavras de Escriptura: *Quan-ta malignatus est inimicus in sancto!* (*) Que de protervias o ini-migo não praticou com aquelle sancto!

XI

TRABALHOS APOSTOLICOS DE MALAGRIDA NA BAHIA E SEUS ARREDORES

(1736-1741)

Nos confins das duas provincias de Maranhão e Bahia, na ex-tremidade oriental de uma enseada magnifica, medindo oito leguas longitudinaes e seis de largura, ergue-se a opulenta cidade de S. Sal-vador, commumente chamada Bahia, nome derivado da bahia á entrada da qual está situada. Esta cidade, outr’ora capital de todo o Brazil, era, em virtude da sua posição, o nucleo de commercio flo-rentissimo; porém ahi, onde regorgitava abundancia de bens terreaes, buscaram em vão os olhos contristados do apostolo o thesouro mais precioso da virtude e piedade. Durante cinco annos, não obstante, esforçar-se-ha sanctamente em restaurar o reino de Jesus Christo nas almas d’esses mercadores, mais preoccupados dos interesses transi-torios d’esta vida, que da sua eterna salvação.

No principio de dezembro de 1736, entrou o apostolo na Bahia. Ao primeiro boato da sua chegada, o povo foi esperal-o e recebê-lo com jubilosas aclamações. Não se cançavam de contemplar o rosto d’aquelle homem extraordinario, cujos cabellos ruivos e barba bran-ca imprimiam certa magestade que impunha respeito e veneração.

Levava Malagrida consigo uma imagem da Sanctissima Vir-gem, que o acompanhára em suas peregrinações. Á vista d’aquella sagrada imagem, formou-se improvisa e espontaneamente uma procissão; a estatua foi collocada em um andor enfeitado de folhas e flores, e conduzido em triumpho ao collegio dos jesuitas. Era para

(*) Ps. LXXIII, 3.

Malagrida dulcissimo goso ver as honras com que era recebida Aquella que elle tão do coração chamava sua Senhora e Mãe!

Antes, porém, de prègar a esse povo tão bem intencionado, o apostolo quiz brunir, como elle dizia, as suas armas espirituaes. Encerrou-se no seu cenobio, e ahi, por espaço de dez dias, retemperou sua alma nos sanctos exercicios da oração e penitencia. Depois, cheio de divino espirito, inaugurou na igreja do collegio a série das suas prègações. Tomando como texto as palavras do apostolo: “Eis o momento favoravel, eis os dias da salvação,” rogou aos ouvintes que não descurassem os preciosos momentos da graça; e, em seguida, mostrando a imagem de Maria, ainda exposta no andor em que a levaram ao collegio: “Vede ahi Nossa Senhora! — exclamou elle. — Das afastadas regiões do Maranhão dignou-se vir até á vossa cidade para nos reconciliar com seu Filho offendido, e fazer ouvir palavras de perdão aos peccadores constrictos: ouvide-a, e fazei o que Ella vos disser!”

Em seguida ao primeiro sermão, Malagrida mandou a veneravel imagem para a Cathedral. Á frente da procissão ia elle com um crucifixo: seguiam-no longa fila de padres e fieis, cantando louvores á Virgem Sanctissima. Na cathedral, subiu ao pulpito, e commentou as palavras de S. Paulo: “Somos embaixadores do Altissimo, vindos a exhortar-vos que não recebais em vão a graça de Deus!”

A multidão compacta sob o pulpito não foi menos assidua nos dias seguintes, pois que logo estrondeou a pujança apostolica do sancto missionario. A descripção que fez do peccado e da sua iniquidade produziu tal commoção, que algumas pessoas do auditorio desmaiaram; em quanto outras, gemendo e batendo nos peitos, se lançavam depois aos pés do apostolo confessando peccados occultos desde muitos annos. Homens inimistados por velhos odios, deram entre si publicamente o osculo da paz; ricos mercadores esviasaram seus cofres em restituições valiosas; o pompear derivou a modesta simplicidade — e não foi este o somenos triumpho de Malagrida; por que era ahi tão fora de villa e termo o luxo que certas damas, por que não podiam esquipar-se com brilhantes adornos, já deixavam de ir ás egrejas em dias de festividade. O sancto homem remediou tamanhas desordens com as suas prègações. Entre as conversões que operou, apenas temos lembrança de duas.

Um homem, enxurdado no lamaçal do vicio, resistira a todas as solicitações da graça. Sermões, exhortações, rogos, nada vingara desprendê-lo de seus ignobeis costumes. Tentou Malagrida por sua vez amolentar aquelle empedernido coração; e, como tambem a elle se lhe baldassem os esforços, no fim de um sermão, açoitou-se publicamente por tão aspero modo, que o sangue lhe espirrava das espaldas ao pavimento da igreja. A tal espectaculo o peccador não se

conteve: desfeito em lagrimas, correu a prostrar-se aos pés do sancto, implorando com gemidos o perdão de seus crimes.

Vivia uma mulher separada do marido, havia muito tempo. O marido, abalado pelos sermões de Malagrida, resolveu pôr termo ao escandalo, e rogou ao padre que movesse a reconciliação. Foi o jesuita a casa da mulher, que se recusou a cumprir seu dever, e nem sequer se dignou responder-lhe. Elle então, pegando do crucifixo, admoestou-a a cuidar em sua salvação, nas penas eternas que a ameaçavam. Nem assim. Desesperado de vencer a teimosia d'esta desgraçada creatura, ergueu-se para sahir, mas ao abrir a porta, exclamou: Bemaventurada Virgem Maria, refugio dos peccadores! vinde em soccorro d'esta infeliz, que tão rapida resvala á perdição." A mulher ouvira, sem comprehendel-as, aquellas palavras; e quiz saber o que o padre dissera. "Eu disse — respondeu elle em tom de inspirado — que, se não mudais de vida, vos despenhareis infallivelmente na eterna condemnação! — Oh! eu quero salvar-me! — exclamou então a dispavorida mulher: — quero converter-me! perdão! perdão! meu padre! — E com o rosto coberto de lagrimas prometteu d'hora em diante observar fielmente os seus deveres de esposa christan.

Estabeleceu Malagrida na capella do Bom-Jesus a confraria do Sagrado-Coração, afim de fortalecer o bem que operára nas almas. Nenhuma devoção lhe pareceu mais consentanea a conservar nos espiritos a luz da caridade que a devoção ao coração adoravel do Salvador; pelo que, em todas as suas missões a recommendava principalmente ás almas pias.

Entre as pessoas desatadas do jugo do demonio por seus sermões, havia numero grande de moças infelizes que tinham vivido no maior desregramento. Afim de abrigar estas almas á seducção, planeou edificar-lhes azilo de refugio onde podessem solitarias chorar as passadas culpas, e delir com a penitencia as maculas da vida peccaminosa. Communicou este designio ao superior, que approvou a excellente obra; observou-lhe, todavia, que, não dispondo de rendimentos certos para alimentar as pobres mulheres, era de recear que a empreza, aliás utilissima á gloria de Deus, não surtisse bom resultado. Respondeu o sancto á objecção que fiava tudo da Providencia divina, e citou o exemplo de Santa Thereza, a qual, com medianos recursos, construiu muitos azilos florescentes. Convieram os dois que se submettessem à decisão do Geral da Companhia. Não se demorou a resposta de Roma. Em sua carta, o padre Francisco Retz felicitava Malagrida pela dedicação com que trabalhava na conversão das pobres peccadoras; — obra tanto do agrado de Santo Ignacio. "Approvo grandemente — ajunctava elle — o vosso projecto de edificar azilo para essas mulheres abandonadas; mas, antes d'isso, fundae um convento onde sejam recebidas donzellas dotadas; e, com

os soccorros d'esta casa, mais facil vos será realisar o primeiro projecto."

Esta resposta do Geral foi para Malagrida a expressão da vontade Divina. Poz logo mãos á obra. Graças ás avultadas esmolas, espontaneamente offerecidas por pessoas dadivosas, parte do convento depressa se construiu. Mais de vinte donzellas das principais familias da Bahia disputaram ao mesmo tempo a distincção de consagrar-se ao Senhor no mosteiro novo. No dia em que tomaram posse da sua sancta morada, foi dia festejado em toda cidade. As mesmas distinctas pessoas acompanharam-nas até aos umbraes do convento; e, ahi, Malagrida lhes fallou algumas phrases calorosas, felicitando-as por sua boa-sorte. E, depois, cerraram-se as gradarias das novas esposas de Jesus Christo. Deu-lhes Malagrida a regra das Ursulinas; e para logo, o aroma de suas virtudes rescendeu por toda a cidade, e todos bemdiziam o apostolo e suas obras. Os padres, escrevendo ao seu bispo, applicaram ao sancto varão as palavras do Apocalypse. "Eu vi o anjo do esforço, Gabriel" ou o texto de S. Lucas: "O anjo Gabriel foi enviado á cidade".

Os desvelos de Malagrida com esta fundação não interromperam o curso dos seus sermões. Todas as cidades, e aldeias comvisinhas da Bahia, Maragogipe, Cachoeira, Agua fria, Inhambupe, Villa Nova e outras ouviram revezadamente a sua voz, e por toda a parte numerosas conversões lhe assignalaram a passagem. Quasi sempre o homem de Deus era forçado a prégar ao ar livre, pois que as egrejas eram pequenissimas para conter as multidões ávidas de ouvil-o. De muitas leguas em roda, confluíam os habitantes dos bosques para o vêr, e lhe seguiam os passos de aldêa em aldêa. O inferno remugiu mais de uma vez, enraivecido pelas conquistas do padre. Na cidade de Maragogipe, uma das primeiras em que préguou, ouviram-se durante a noite horrendos gritos de envolta com lamentações, como se o demonio quizesse assim testemunhar quanto lhe doía o arrancarem-lhe as suas victimas.

Esta incrível efficacia da palavra de Malagrida devia-se á sua sancta vida e ao assombroso numero de prodigios com que Deus se comprazia em glorificar o seu servo. Assim foi que, em meio de um sermão que préguava na igreja de Nossa Senhora do Rozario, em Maragogipe, viram-no de subito aureolado de celestial resplendor, e de sua capa, semelhante á que trajava o apostolo das Indias, espargiam-se raios luminosos. Na parochia d'Agua fria um dia que elle préguava da paixão do Salvador, e, debulhado em lagrimas, mostrava ao povo a imagem de Jesus Crucificado, elevou-se um globo luminoso de sua fronte e esvaeceu-se no ar, deixando apoz si uma res-tea de fogo.

Quando fallava do inferno e de suas chammas, ás vezes punha a mão sobre um cirio accêso, e apoz tempo consideravel, a retirava

illesa. Outra vez, em Cayru, um incredulo, querendo mostrar que não havia nada espantoso n'aquelle acto, tambem poz um dedo na chamma de uma tocha; mas, com grande confusão sua, tirou-a rapidamente, e tão queimada, que até esteve a pique de perder o braço.

Malagrida, além do dom dos milagres, tinha o de ler no recondito das consciencias, e ante-ver o futuro. Em Maragogipe descobriu a um peccador, que se lhe confessava, todos os peccados que uma viciosa vergonha lhe não deixára confessar. Tal foi o pavor do penitente que não pôde proferir mais palavra; e, indo d'ali para outro padre pressurosamente, referiu-lhe o que passára e confessou todos os seus peccados.

Muitas vezes, em suas viagens, succedeu saudar por seus nomes pessoas que nunca vira nem conhecêra.

Quando fallava ácerca da morte, designava, ás vezes o numero dos ouvintes que deviam morrer dentro de um anno, e este numero realisou-se sempre exactamente.

Na aldêa de Villa-Nova, perto da Bahia, nas margens do S. Francisco, suspendeu-se em meio do sermão e, com intonação prophetica, exclamou: "Peccadores! fazei penitencia! Dentro de quatro annos a morte devastará muitos d'entre vós. N'esta egreja em que vos estou prégando não achareis onde enterrar os cadaveres."

Era em 1738. Em 1742, no tempo predito pelo sancto varão, o rio de S. Francisco, desbordando dos diques, alagou todo o paiz; e as aguas na resaca deixaram um germen de epidemia, que empestou tres quartos da população. Oxalá que, menos dada ás delicias, aproveitasse das advertencias do apostolo.

Não menos assombroso era o poder que Malagrida exercia sobre o espirito das trevas. Na ilha de Hitaparica, situada na enseada que dá seu nome á Bahia, havia um negro possesso de tres demonios e tão furioso que espedaçava as correntes de ferro, e abalava desde os cimentos a casa onde o prenderam. Com uma palavra Malagrida livrou este desgraçado.

Na Bahia, levaram-lhe uma mulher pactuaria de Satanaz; tornou-se ludibrio d'elle e soffria em todos os membros tormentos cruelissimos. Bastou-lhe lançar no pescoço d'esta infeliz uma reliquia de S. Francisco Xavier, e logo o demonio a desapossou, praguejando em horrendos urros.

Durante uma missão em Aguafria, uma moça fez, por desgraça, uma confissão sacrilega. Duas vezes a Virgem Santissima lhe appareceu e disse: "Confessa todos os teus peccados ao *meu* missionario; senão serás terrivelmente punida." Depois da segunda admoestação, a moça voltou á egreja para desopprimir sua consciencia do peso oppressor; mas uma falsa vergonha lhe paralisou ainda a lingua. Á terceira vez, a Mãe de Deus dignou-se apparecer a esta desditosa; e, incriminando-lhe a infidelidade, enviou-a a outro padre;

mas nem assim ousou confessar o peccado. Em castigo d'este crime, o demonio senhorou-se d'ella na propria igreja, e tanto a atormentou que, dentro em pouco, a reduziu ás ultimas. Os paes, julgando-a eivada de doença de consumpção, conduziram-na a Malagrida, para que a livrasse do mal. Ao primeiro volver de olhos, Malagrida conheceu a causa do padecimento. "Quem te permitiu — disse elle directamente ao demonio — entrar no corpo d'esta menina?" — Aquella que preside ás tuas missões — casquinou o demonio pela bocca da enferma". E então Malagrida poz-se em joelhos; e feita breve oração, declarou á menina que, posto a não podesse completamente livrar dos seus padecimentos, teria ella quando menos a consolação de poder aproximar-se em paz dos sacramentos. E succedeu o que o homem de Deus lhe dissera.

Não curava sómente enfermos de alma, que tambem os enfermos de corpo. Muitos doentes, condemnados pela medicina, recuperaram a saude simplesmente com o contacto de qualquer objecto que pertencesse ao religioso.

Na Bahia um official real agonisava rodeado da afflicta familia. Chama-se Malagrida, que põe as mãos no moribundo, recita algumas orações, e o volve cheio de saude á esposa e aos filhos.

Na mesma cidade curou por egual theor outro homem já nos cancéllos do sepulchro. Movido de gratidão, cahe o homem aos pés do bemfeitor para lhe agradecer. "Não fui eu; — disse Malagrida. — Foi a tua fé que te salvou."

Em sua humildade o santo varão nada temia tanto como passar por thaumaturgo. Não obstante, as maravilhas multiplicavam-se sob suas mãos. Em Inhambupe deu saude a um enfermo, dando-lhe a beber um copo d'agua, sobre a qual fizera o signal da cruz. Nem outra medicina lhe foi mister para a si mesmo se curar, quando quebrou uma perna, da queda de um cavallo. Sem perder o minimo do seu sossego, como outr'ora S. Francisco Regis em lance analogo, cruzou uma benção sobre o membro fracturado, depois ergueu-se sem difficuldade, deixou a cavalgadura, e continuou desfaticadamente a pé o seu caminho.

Exercia Deus terriveis castigos sobre aquelles que recusavam render-se aos salutaes avisos do padre Malagrida, para assim dar maior poder á palavra do seu ministro. Em Iguaripe, uma mulher que vivia ha muito desordenadamente, fôra convidada por uma de suas amigas a ouvir o santo padre. "Tenho amanhã muito tempo — respondeu a desventurada." Ah! não devia ella ter *amanhã*: a morte colheu-a de sobressalto n'aquella mesma noite, e assim foi ella onerada de crimes ao tribunal Divino! Chorava Malagrida a perda d'esta alma, quando Deus o indemnizou consoladoramente. Entrando Inhambupe, viu o apostolo chegar perante elle um venerando ancião, que lhe

rogou com risonho aspecto que se hospedasse em sua modesta casa. Não pôde Malagrida recusar-se. Ao outro dia, aquelle bom velho, chamado Pedro Dias, expirava santamente nos braços do seu hospede, que parecerá ali conduzido por Deus para expressamente assistir tão digno christão nos seus derradeiros momentos.

Ligam-se a este periodo da vida de Malagrida outros prodigios mais, que não são somenõs dos que se contam mais maravilhosos de S. Francisco de Assis, e de Anchieta.

Prégava na Bahia o sermão final de uma missão. De repente uma pomba de brilhante alvura paira por sobre sua cabeça; e depois de fazer trez circulos no ar, voeja, e vae pousar sobre a estatua de Santo Ignacio; depois vem segunda vez esvoaçar em volta da cabeça do prégador, e desaparece. Ao mesmo tempo uma esplendorosa luz refulge por todo o auditorio e vae sumir-se no oriente.

Em Boypeba, trinta leguas afastadas da Bahia, em quanto elle prégava na praça á multidão immensa, uma reboada de passaros esvoaçou sobre o auditorio, trinando agradaveis cantares como se a seu modo celebrassem o Deus anunciado pelo apostolo.

Fallando ao ar livre diante de muito povo, em Seregipe del Rei, de repente estrugio um violento furacão, e grossas nuvens, sobranceiras aos ouvintes, ameaçavam fundir-se em agua. Já os assistentes se remexiam em cata de abrigo; mas Malagrida fez-lhes signal que socegassam. Lance maravilhoso! Em quanto que a chuva cahia a torrentes, nem uma só gota molhou o auditorio. Foi mais além o prodigio. Na extrema da esplanada que se juntaram os fieis, alteava-se um outeiro, d'onde ruíam em grossas ondas as aguas da chuva; já iam tocar no auditorio, quando de repente, desviadas por mão invisivel, seguem outra direção, com grande espanto do povo.

Em presença de tantas maravilhas, o povo entusiasmado acclamava Malagrida um grande santo. Quando sahia á rua, pessoas de todas as condições e edades lhe beijavam respeitosaente as mãos, o habito e até os vestigios dos pés; outras, menos discretas, cortavam-lhe pedacinhos da loba para conserval-os como reliquias de preço. O humilde religioso era o primeiro a reprovar taes excessos. A rubidez que lhe inflammava o aspeito assaz dizia quanto estas honras molestavam sua modestia. Mas por mais que fizesse, os mais grados personagens eram tambem os mais fervorosos em lhe prestarem taes testemunhos de veneração. O visorei do Brazil, D. André de Mello, galdardoava-se em o assentar, algumas vezes, á sua meza e lhe escrevia frequentes cartas em que demonstrava a mais sincera estima.

O arcebispo da Bahia, D. José Fialho, da ordem de Cister, eleito em 1738, repetia a quem lh'o queria ouvir que todo o bem praticado em sua vasta diocese era devido ao zelo apostolico de Malagrida.

Comtudo, para acrisolar a virtude de seu servo, Deus lhe proporcionava ás vezes acerbas humilhações. Andava elle evangelizando

nas aldeias visinhas da Cachoeira, quando o vice-provincial lhe enviou carta a mandal-o sem detença recolher á Bahia. O tempo necessario era passado, e Malagrida não chegava. O superior, que estava certo de haver remettido a carta, duvidou da submissão e virtude do missionario. Um ou dois mezes depois, chegou Malagrida ao collegio e demandou logo o superior para lhe dar conta dos seus trabalhos; este, porém, recebeu-o com o rosto carregado, e lhe perguntou porque não obedecera ás suas ordens. A tal pergunta, o santo varão, abaixando modestamente os olhos, respondeu respeitosamente que não recebera carta; depois, prostrado aos pés do superior, prestou-se a soffrer qualquer penitencia que lhe fosse, não obstante, imposta. O superior despediu-o, sem ficar isento de suspeitas; mas passado dias, achou, entre uns papeis, uma carta fechada: era a que devia enviar a Malagrida. Reconheceu então seu erro, e se reprehendeu amargamente por ter duvidado, um momento, da virtude do santo missionario.

XII

VAI MALAGRIDA A PERNAMBUCO. — SUAS MISSÕES N'ESTA CIDADE

(1741-1746)

A voga das maravilhas operadas por Malagrida na diocese da Bahia chegára aos ouvidos de D. Luiz de Santa Thereza, da ordem dos Carmelitas descalços, bispo de Pernambuco. Este prelado, como quizesse dar aos fieis, confiados ao seu zelo, o prazer de ouvir um tal apostolo, convidou-o em termos muito persuasivos a ir evangelisar o seu rebanho.

Medeiam mais de cem leguas da Bahia a Pernambuco. Sem se affrontar com a distancia, Malagrida, armado com o seu crucifixo, sahiu no fim de 1741, e sempre a pé consoante o costume, por arden-tes areaes, lá foi á conquista de novas almas. Por onde quer que transitava ia annunciando aos povos a palavra divina.

Em outubro chegou a Penedo, nas margens de S. Francisco. Ahi, encontrou muitissima gente procedente das terras circumpostas. Durante quinze dias fez os exercicios de Santo Ignacio e operou bastan-tes conversões. Por preservar do vicio duas moças que a miseria expunha no cairel do abysmo, sacrificou duzentos escudos, que mendigara no caminho para acabar o convento da Bahia. “A Providencia m'os restituirá — dizia elle.” Não lhe mentiu a sua confiança. Um dia que, n'esta intenção, acabava de offerecer o santo sacrificio da missa, ouviu bater á porta de sua cella; abriu e viu um mancebo que,

depois de o saudar cortezmente, lhe entregou um rôlo de dinheiro em oiro, pedindo-lhe que o empregasse em alguma obra de piedade. Malagrida, passados momentos de hesitação, recebeu o dinheiro e depollo sobre a meza; voltando, depois, a agradecel-o ao portador, não achou ninguém: o mancebo desaparecera. Sobresaltado com tal aventura, contou Malagrida o dinheiro, e achou pontualmente os duzentos escudos. Não pôde já duvidar que Deus lhe enviára aquella esmola como em approvação da sua liberalidade com as duas raparigas arrancadas por elle á miseria e ao crime.

De Penedo dirigiu-se Malagrida á aldeia de Poxim, situada na raia da diocese de Pernambuco. Que dôr foi a sua quando viu a egreja d'aquella terra quasi abandonada e em ruínas! Sem intermissão de tempo, poz-se elle mesmo á obra. Viram-no pasmados os camponezes a carregar ás costas grandes calhaus das pedreiras vizinhas. Incitados pelo exemplo, que sua propria inercia condemnava, trabalharam com afan, e d'ahi a pouco estava a egreja de todo restaurada. Malagrida provou o prazer de ahi celebrar o santo sacrificio e prégear a numero-so auditorio com muito aproveitamento. De Poxim passou á villa das Alagoas o ardente missionario. O alcaide d'esta villa, José Gregorio, divulgou de antemão a chegada do santo; pelo que foi tal a affluencia de povo que já se receiava carestia de viveres; mas, por visivel protecção da Providencia, as feiras foram abundantemente fornecidas, durante a missão.

Malagrida, como visse quanto aquella multidão anceava ouvil-o, deu-se todo, sem resalva, ao seu ministerio; depressa, porém, lhe decahiram as forças, e cahiu doente com febre. Então se viu quanto os povos lhe queriam. De toda parte se faziam votos ao ceu pela sua cura. Deus escutou as ferventes supplicas; e o apostolo, convalescido, proseguiu em sua missão.

Logo que voltou ao pulpito, o digno émulo de S. Francisco Xavier se assignalou com prodigios novos. Havia na villa das Alagoas um energumeno que resistira aos exorcismos: intimado a sahir do corpo do desgraçado, o demonio zombava das ameaças. “Uma só coisa poderá expulsar-me — dizia elle — e essa coisa existe em tal casa”. Alguem correu logo á casa indicada, e levou reliquias de santo: nada produziram. Afinal, procurados todos os cantos e desvãos da casa, encontrou-se um frasco de agua benzida por Malagrida. Levaram-na no mesmo instante, e o demonio, estorcendo-se horrentemente, pegou de fugir, e não voltou.

Porém, mais celebrado prodigio, attestado por testemunhas presencias, e cuja fama estrondeou no Brazil e em Portugal, fez realçar na villa das Alagoas o poder de Malagrida. Construiu-se no estaleiro do porto uma embarcação de alto bordo. Quando a quizeram lançar no mar, cahiu sobre um flanco, enterrou-se fundamente na vaza, sem que, apesar de todos os esforços, podessem levantál-a e arrastal-

a á tona d'agua. O armador desesperava-se pensando na perda que soffria. Exhaustos todos os recursos, resolveu recorrer ao santo varão, já conhecido por outros prodígios. Foi ter-se com Malagrida, expoz-lhe sua desgraça, e supplicou-lhe que fosse abençoar com a sua imagem da Virgem o navio encalhado. Recebeu-o bondosamente o padre, e condoido do seu infortunio fez tudo que pôde para consolal-o; suspeitando, porém, e discretamente, que se tratava de operar um milagre, recusou constantemente ir ao sitio indicado, allegando que era um peccador indigno de graças extraordinarias.

Para vencer a humildade do santo homem, recorreu o armador a uma pia fraude. Malagrida, antes de sahir da villa, devia, segundo o uso, levar processionalmente pelas ruas principaes a sua querida imagem de Nossa Senhora.

Sabedor do intento, o dono do navio conchavou-se com os que deviam dirigir a procissão para que ella passasse á vista do estaleiro onde a embarcação encalhára. Graças a este innocente artificio, Malagrida, despercebidamente chegou á vista do navio. E então, toda a matalutagem, e com o capitão á frente, lhe saiu ao encontro, e de joelhos rogaram que subisse com a imagem da Senhora á coberta do navio.

Este inesperado espectáculo apiedou o coração do jesuita: subiu a bordo, recitou em voz alta uma breve mas fervorosa prece, que todo o povo repetiu; depois, abençoou o navio com a imagem, e ordenou aos marinheiros que fizessem um derradeiro esforço, ajuntando que a misericordiosa rainha do céu os ajudaria infallivelmente. Cheios de confiança, os marujos amarram os cabos; mas, ainda antes de elles acabarem este preparativo, aquella pesada mole, estremecendo-se por si mesma, endireita-se e resvala descendo até ao mar. A vista d'isto, o povo entusiasmado exclama: "Milagre!" e, rodeando Malagrida, o proclama a brados o novo thaumaturgo do Brazil!

Eram decorridos oito mezes depois que o santo apostolo sahira da Bahia: attingia o termo da viagem. Algumas leguas além de Alagoas encontrou o governador de Pernambuco, Antonio Ribeiro Leite. Este honrado magistrado, que ia em correição á provincia, suspendeu a visita para acompanhar o venerando missionario á capital. Este pacto foi para elle de muita benção; que, mais tarde, subjugado pela graça, deixou o mundo, e entrou em um convento de franciscanos a servir Senhor mais poderoso que os reis da terra.

Entrou Malagrida em Pernambuco em principios de março de 1742. Ao outro dia da chegada foi comprimentar o bispo, que o convidara; mas o prelado, antecipando-se, foi pessoalmente ao collegio dos jesuitas, e assim que avistou o padre abraçou-o com vivissima ternura, não podendo cabalmente exprimir-lhe quanto era feliz em possuil-o na sua diocese.

Passados os primeiros transportes de jubilo que lhe causava tão amavel encontro, fallou magoadamente do penoso estado em que se achavam os seus diocesanos, quanto a religião. Em consequencia de uma funesta contenda suscitada entre elle e o governador geral da provincia, numerozo partido se arvorara contra elle em Pernambuco; recusavam reconhecê-lo por bispo; propalavam contra elle odiosas calumnias, por tal modo que ainda não ousára mostrar-se em alguns dos principaes bairros da cidade. Exposto diffusamente o triste estado das coisas, terminou pedindo a Malagrida, que, com os seus sermões, fizesse entrar no dever aquelle pobre povo illudido por intrigantes. O santo apostolo prometteu-lhe que sim.

A grande cidade de Pernambuco comprehende duas partes distinctas, designadas com os nomes de Olinda e Villa do Recife. Por esta ultima foi que Malagrida principiou a obra da conversão. A sua chegada era o assumpto geral das conversações na cidade.

O clero, com as ordens religiosas e muita gente de todas as classes, foram comprimental-o ao collegio, e beijando-lhe as mãos e o habito o conduziram em procissão á cathedral.

Esperava-o o bispo no limiar do templo; e depois de o conduzir ao côro, subiu ao pulpito e, com um sentido discurso, exhortou os fieis a aproveitarem-se da mercê que o céu lhes fazia, enviando-lhe ministro tão poderoso em palavras e obras. Depois, voltando-se para Malagrida, ajoelhado no meio do sanctuario, apresentou-lhe um crucifixo, e disse: “Eis aqui, meu padre, o symbolo da salvação; prégaí Jesus Christo, e Jesus Christo Crucificado”.

Então o ardente missionario, avançou até aos penetraes da egreja, afim de ser ouvido da multidão que ficára fóra, e com aquella eloquencia que lhe era propria exhortou o povo a ser assiduo nos exercicios da missão.

No dia seguinte foi o proprio bispo quem inaugurou na egreja dos padres oratorianos com um sermão ácerca dos ultimos fins do homem. Na tarde d’esse mesmo dia, Malagrida prégo do mesmo assumpto na egreja dos Jesuitas, em presença do prelado.

Durante vinte dias successivos, bispo e missionario desenvolveram de commum accordo as mesmas verdades, um de manhã, e outro de tarde, e em todo o tempo mostrou o povo constante empenho em escutar a palavra divina. Notou-se com assombro que Malagrida, tratando as mesmas verdades e diante do mesmo auditorio, avantajando-se ao bispo, sabia apresental-as com fórmulas novas, sem nunca repetir o que o prelado dissera (engenho que revelava no prégador dons extraordinarios.)

E, de feito, Malagrida era eminentemente orador; no dizer dos que o ouviram, tudo n’elle se concertava á maravilha para impressionar penetrantemente o auditorio: exterior grave que inspirava respeito e veneração; palavra energica e calida, facilidade grande de phra-

sear, meneios expressivos, accentuação sonora, emfim, dulcíssima unção; por modo que o ouvir-o era prazer insaciavel; ás vezes, porém, a sua voz accentuava-se tão estridente que fazia arrepios, e es- trugia no recondito da alma. Aqui vem de molde esboçar o methodo que o veneravel jesuíta adoptou nas suas missões. Nos primeiros dias, quer na egreja, quer nas praças quando a egreja era pequena, desenvolvia fogosamente as terríveis verdades da fé: peccado, morte, inferno, juizo final, etc. Como se não lhe bastasse aterrar o espirito dos fieis com estes abrasados discursos, o santo prégador, assim que acabava um sermão, pegava d'uma corrente de ferro, e flagellava-se com ella publicamente da maneira mais cruel, deixando só de lacerar os hombros ensanguentados, quando cahia esvahido de forças. Cada golpe que abria n'aquella innocente carne pungia no fundo dos corações, e era então que se operavam, como já acima referimos com exemplos, as prodigiosas conversões.

O habil missionario, sabendo que o povo é mui caroavel das grandes pompas espectaculosas, empregava muitos dias em ceremonias religiosas, ás quaes dava a maxima solemnidade e magnificencia.

A primeira festividade era consagrada a uma confissão publica ao Santissimo Sacramento do altar. Em reparação dos sacrilegios e crimes commettidos contra a pessoa adoravel de Nosso Senhor, presente no tabernaculo, cantava uma missa solemne, seguida de sermão, em que exhortava os fieis a nutrir-se frequentes vezes do pão da vida. A' noite sahia uma grande procissão, em que o Santissimo Sacramento era levado em triumpho pelas ruas da cidade, com immenso concurso de povo, ao compasso dos hymnos e canticos sagrados.

Em outro dia, era a festa da Virgem Santa. Depois de um pagnegirico ardentemente amoroso, organisava em honra da mãe de Deus uma magnifica procissão, em que a Virgem era levada pela cidade, com canticos e litanias.

Depois, era o dia consagrado aos mortos. Pintava em pungente discurso os tormentos das almas do purgatorio; movendo os fieis a consolal-as com a oração, fazia conduzir pelas ruas da cidade um andor encimado de uma caveira exposta a todas as vistas. O funebre sahimento marchava vagorosamente, ao compasso do lugubre dobrar dos sinos, de envolta com o gemer e soluçar da multidão; quando chegavam a alguma praça, o missionario fazia parar o catafalco, e subindo ao lugar mais eminente, fallava da morte, lembrando a fatal sentença: "Estão condemnados a morrer todos os homens. E' certo que dentro em pouco se farão assim os funeraes de mais de um d'esses que a esta hora me escutam: e então, riquezas, honras, prazeres, vaidades de que servem?" Estas palavras produziam commoção tão viva que dirieis serem verdadeiros os funeraes!

Terminava finalmente a missão pela chamada procissão da penitencia. Era esta a ordem: á frente ia a cruz, depois muito povo em

duas filas, submetendo-se por expiação de peccados a toda a especie de maceração. Uns rojavam gramalheiras de ferro, outros atavam apertadamente as mãos sobre o dorso, outros verberavam as espadoas com sanguinolentas disciplinas, outros cravejavam corôas de espinhos na testa, alguns amarravam os braços em forma de cruz n'uma barra de ferro. Aquelles, finalmente, carregavam enormes pedras ou enormes cruces, caminhando todos descalços e recitando os psalmos da penitencia. No remate, ia Malagrida, descalço, fronte coroada de espinhos, corda ao pescoço, crucifixo na mão.

E assim corriam toda a cidade, parando a espaços, para ouvir algumas palavras da bocca do santo homem.

Em cada missão havia um dia especialmente destinado á reconciliação de inimigos. Mediante a palavra do apostolo, os homens desavindos longos annos, iam ao pé da cruz, e publicamente se perdoavam as offensas mutuas, sigilando a reconciliação com um osculo de paz.

Facil é de ver que taes missões transformariam cidades ainda as mais corrompidas. A villa do Recife onde deixámos Malagrida, não se exceptuou do movimento geral. Cooperou mórmente na sua conversão o exemplo do chefe militar que, á frente de sua familia, ajoeilhou publicamente á meza da comunhão, que elle não frequentava desde muitos annos.

Não foi menor o exito do Santo Apostolo, na parte de Pernambuco, chamada Olinda. Entre as conversões operadas, realçam as de um peccador empedernido, que odiava mortalmente um morador da mesma cidade. Alumiado pela graça e renunciando á satisfação da vingança, aquelle homem promettera ao missionario que, em remedio ao escandalo que dera até então, pediria publicamente perdão ao seu inimigo, em plena egreja, no fim do proximo sermão; vencido, porém, de despeitos humanos, no dia marcado não se lembrou da promessa. Duas ou trez vezes, Malagrida o interpellou do alto do pulpito: sempre a mesma recusa. Então o apostolo, arrebatado do transporte santo, estende a mão sobre um cirio accezo, e com uma voz retumbante, exclama: “Onde é que te escondes, ó mais desgraçado dos homens? Podes fugir aos olhares do teu proximo; mas fugirás aos de Deus, que lê nos corações? Escaparás á sua mão vingadora? Quem te impelle a violar assim a fé jurada a teu Mestre e Senhor? Não temes que sobre ti desça o gladio da justiça divina, suspenso e pendente sobre tua cabeça? A! teme o raio, que te fulminará quando menos o pensares! Esconde-te, esconde-te! Assopra a brasa do teu odio! Minha mão arderá neste fogo enquanto o teu odio arder”.

A taes palavras, o peccador aterrado, pallido e tremulo, sahe da multidão, vae ao pé do pulpito, confessa o peccado, e pede publicamente perdão ao seu inimigo, com grande edificação de todos os assistentes, não menos abalados do arrependimento d'este homem quan-

to atonitos de verem a mão do santo missionario perfeitamente illeza depois de ter tão longo tempo estado sobre a chamma.

Outra particularidade d'esta missão em Pernambuco foi conservada pelo proprio Malagrida em uma relação escripta em portuguez, e transladada em latim pelo biographo de quem colhemos o essencial d'esta narrativa. Folgamos de poder offerecer ao leitor este documento interessante em que a alma de Malagrida toda se revela.

O titulo é o seguinte:

Noticias da cura miraculosa de um mudo, que recuperou instantaneamente a palavra por intercessão da Santissima Virgem, protectora das missões, pelo intento de apressar a beatificação do veneravel padre José Anchieta, nesta Sexta feira 31 de agosto de 1742 no Collegio do Recife.

“Tudo que vou contar, em verdade o certifico, e se preciso for estou prompto a jurar-o sobre os Santos Evangelhos. No principio d'esta semana, o padre provincial, Manoel Sequeira, ha pouco desembarcado neste porto, me entregou carta do reverendissimo padre Geral, na qual entre outras coisas escriptas por seu punho, S. paternidade me recommendava instantemente que exhortasse o povo em meus sermões a confiar nos merecimentos e protecção do veneravel padre José Anchieta; que talvez assim, faria Deus luzir sua misericordia com algum assignalado beneficio ou milagre que podesse lustrar o processo da beatificação do glorioso thaumaturgo. Pelo que de mim é, ha muitos dias que eu almejava o momento em que me fosse permittido ver no altar aquelle insigne servo de Deus; doia-me ver, depois de tantos prodigios que o santo operara em vida lhe escasseasse ainda um milagre. Cheio deste sentir, não cessei de recommendar o exito, em minhas supplicas ao Senhor. Confessal-o-hei? sahindo hontem, quinta feira, ao entardecer, com destino a caza do thesoureiro mór, em companhia do irmão Manoel Lopes, encontrei na praça, ao pé do palacio, um menino tolhido dos membros, que se arrastava por terra como vil animal. Tocou-me a inspiração de evocar para este desgraçado a protecção do veneravel padre; mas acobardou-me o pejo, e não o fiz.

“Hoje de manhã, recommendei novamente a Deus esta empreza, e um quarto de hora depois do fim da meditação, enquanto eu recitava o breviario, o irmão Manoel bateu á porta da minha cella, para me dizer que alli estava um homem que me queria fallar. Sahi logo, e perguntei ao homem o que queria. Não me respondeu, nem o podia fazer por que era mudo. O menino que o acompanhava fallou por elle, e me disse que se queria recommendar a Nossa Senhora das Missões. E certo é que o homem avistando na minha cella a imagem da Virgem Santa, foi de corrida ajoelhar-se-lhe. E eu tambem me ajoelhei, invocando o thaumaturgo do Brazil; porem como eu não tivesse ima-

gem nem reliquias suas, dirigi-me a Nossa Senhora, rogando-lhe que fizesse o milagre, para assim manifestar quanto lhe era agradável, que o seu servo fosse honrado como santo. Foi esta a supplica que eu fiz: Vós sabeis, ó Maria, comquanto amor o veneravel padre exercitou todas as potencias de sua alma em glorificar-vos, não só com suas virtudes, senão ainda com os seus poemas; dignai-vos pois glorifical-o também; operae este prodigio em seu favor, dae falla a este mudo.

“N’este momento, doces lagrimas me resvalavam nas faces, e eu dizia dentro em mim: se este mudo recobrasse a palavra subitamente, seria manifesto o milagre, e todos os meus votos preenchidos. Eis que no mesmo instante, o mudo exclama: *Jesus!* E eu repeti: *Jesus!* E elle repetiu o doce nome, eu accrescentei: por intercessão do sancto e glorioso José de Anchieta, soccorrei-me, Rainha dos Ceus, quebrai as prizaões da minha lingua. E o pobre mudo repetiu distinctamente as palavras todas. O menino (que de certo era seu filho) chorava de alegria, e eu chorei também. Chamei o padre reitor Domingos Gomes, para que fosse testemunha d’este spectaculo. Informamo-nos do nome d’este homem, da terra em que nascera, da casa que habitava, dos parentes e conhecidos, e a tudo respondeu satisfatoriamente. Emquanto o padre reitor se dispunha a sahir para proceder á averiguação legal, conduzi o nosso homem á camara do reverendo padre Provincial, que muito tempo conversou com elle, e lhe perguntou a quanto tempo era mudo, que remedios empregara, e como viera alli. A todas as perguntas respondeu distinctamente, affirmando que ficara assim cahindo de um cavallo, e que tinha desbaratado inutilmente com medicos e remedios o pouco dinheiro de que podia dispor”.

Tal é em sua affectuosa simplicidade a narrativa de Malagrida. Ninguem faria melhor do que essas linhas, a pintura da sua confiança inabalavel e filial, na Mãe de Deus, que elle tanto folgava de chamar a Protectora e Augusta Senhora das suas Missões.

XIII

MISSÕES DE MALAGRIDA NA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

(1742-1746)

Depois de ter restaurado a pratica das virtudes christãs na grande cidade de Pernambuco, resolveu Malagrida distender até aos campos visinhos o beneficio de suas prégações. Não o seguiremos passo a passo no seu peregrinar. Respigaremos aqui e ali os factos mais interessantes ao intento.

Perto do promontorio Santo Agostinho, na aldeia de Nossa Senhora do Lago, o ceu parecia de bronze, e a seccura esterilisa a toda a terra. Os lavradores tremiam de ver perdido o fructo de seus lavores. Malagrida, compadecido, qual anjo de paz, sóbe ao pulpito, e, em nome da Santissima Virgem, annuncia que o flagello se aplacará antes de tres dias. No tempo marcado pelo apostolo, cahiu chuva copiosa que salvou as sementeiras.

Em Iguarassú, convertêra Malagrida muitissimas publicas peccadoras; e, para evitar reincidencias, resolveu construir-lhes segundo asylo. Auxiliou neste pio intento um virtuoso padre, chamado Miguel de Sepulveda e uma senhora de relevante porte, Antonia Maria de Jesus. Graças ás suas generosas esmolas, pôde elle, antes de sahir de Iguarassú, assentar os alicerces do novo asylo, apesar de vivas e poderosas opposições.

Na povoação de Afogados viram-no os moradores labutar, como o ultimo dos alvenis, na reedificação da egreja arruinada.

Em Goyanna, trez factos maravilhosos assignalaram a sua presença. Uma peccadora, movida pela graça e pela voz de Malagrida, desdera os laços que a prendiam ao crime, e refugiara-se em casa de uma amiga. Furioso pela perda do objecto de sua peccaminosa paixão, o cúmplice d'aquella infeliz usou de meios violentos para arrancal-a do seu refugio e leval-a para si. Soou logo o escandalo na terra e Malagrida consternou-se intimamente.

No dia immediato, subiu ao pulpito, e, abruptamente, interrompendo o sermão, exclamou: "Meus irmãos, o lobo que arrebatou a ovelha de Christo, a esta hora, já recebeu o castigo merecido." Ao sahir da egreja, o auditorio soube horrorisado que, no mesmo instante em que o homem de Deus proferira aquellas palavras, o miseravel raptor cahira fulminado de morte subita.

Em outro sermão que prégoou na mesma villa de Goyanna, fallava Malagrida das penas do purgatorio. Eis que de repente se interrompe para recommendar aos fieis a alma de certa pessoa que nomeou e que morria em uma aldeia bastante longe d'alli. No mesmo dia se soube que aquella pessoa expirára á hora em que o missionario pedir a os suffragios dos fieis.

Ainda em Goyanna, como quer que encontrasse em uma egreja o enterro de um padre, mostrou-se exuberante de insolita alegria, e disse em alta voz, de modo que todos o ouviram, que aquelle padre ia muito cedo gosar da posse do seu Deus; depois, relatou uma por uma todas as virtudes que decoravam aquele pobre padre, com tanta exactidão como se fosse intimo confidente, sendo certo que nunca em sua vida o vira.

Passou Malagrida de Goyanna a Parahyba, evangelizando de passagem em muitas aldeias, de concerto com o capuchinho Antonio Maria, de Modines. E' Parahyba uma cidade assaz importante, situada

a trinta leguas distante de Pernambuco, junto da embocadura do rio que lhe dá o nome. Só em barca pôde ali aportar-se, motivo das lagoas que a circumvalam. Malagrida achou uma canôa, que lhe enviou o governador da terra. Era este um homem de character altivo e desconversavel. Com providencias vexatorias perdera a estima dos seus subordinados; até com os padres jesuitas interrompera completamente relações. De boa mente, quizera elle captar Malagrida, para o fazer instrumento contra os outros padres; mas ia mal por ahi. Debalde se apresentou a Malagrida com o cortejo das auctoridades da terra para lhe offerecer pousada em seu palacio. O humilde religioso recusou urbanamente, defendendo-se com a regra do seu instituto. Esta recusa, embora justissima, feriu o governador, que dissimulando molestia, amanhôu traças de não assistir a algum sermão do apostolo.

E, no entanto, o jesuita alvorotava a cidade com o seu verbo eloquente. Desde o fundo dos seus carcereos, os forçados ouviam fallar do santo varão, e lhe escreveram pedindo-lhe encarecidamente que lhes fosse falar tambem a elles da misericordia de Deus. Commovido, deu-se Malagrida pressa em ir. Passou trez dias com elles, e os dispoz todos a receber o Senhor em santa communhão.

D'aqui transferiu-se á aldeia de Varge-Nova. Estava em ruinas a egreja: faz-se pedreiro para a restaurar. Um dia, quando carregava uma grande pedra, passou rente de um carro, puxado a bois. Um d'elles, até então mansissimo, assoma-se de repente, e dá-lhe um coice que o derribou atordoado. Levaram-no a uma casa visinha, onde esteve quatro dias soffrendo immensas dôres. Aos que o iam consolar, respondia que o causador d'aquelle mal fôra o demonio, e que não tardaria a estar curado. Assim se verificou.

Passados annos, aquelle santo homem, fallando d'este accidente em uma carta dirigida a um de seus irmãos, confessava que no meio de seus soffrimentos corporaes saboreava consolações ineffaveis; depois concluindo com um piedoso gracejo, escrevia: "Se o bom Deus nos consola assim de um coice, que será quando nos deliciarmos com as suas caricias?"

N'esta aldeia da Varge-Nova vivia um mulato abysmado na lama dos vicios mais sordidos. Informado Malagrida do viver deploravel d'este homem, foi procural-o, e empregando a revezes supplicas e ameaças, instou a escutar-lhe as suas instrucções. Mas o peccador contumaz recusou render-se. Um ou dois dias depois, Malagrida recommendou desde o pulpito aos fieis que pedissem por um peccador que, antes de vinte e quatro horas, se despenharia no inferno, se não fizesse penitencia. Estas palavras gelaram de terror o auditorio. No dia seguinte, indo o padre para a egreja, foi de passagem a casa do mulato, instando-o a ir ao sermão. Não o achou. Assoberbado de amargura, dirige-se o jesuita ao templo. E, apenas principiou o ser-

mão, que aquelle desgraçado, entrando em casa, se sentiu de repente mal da cabeça, e morre de subito nos braços da criminosa barregan.

Com o coração retalhado por não poder salvar aquella alma, voltava Malagrida ao collegio de Parahyba. Diante da porta encontra um negro que tinha na perna uma chaga asquerosa. Quando avistou o padre, lançou-se-lhe o negro aos pés, rogando-lhe que se apiedasse d'elle. Malagrida, condoido, levantou-o brandamente e o conduziu ao seu quarto, e ahi lhe disse que ajoelhasse á imagem da Virgem, e pedisse a cura áquella que era a saude dos enfermos. Obedeceu o negro. Depois, fez-lhe Malagrida o signal da cruz sobre a perna, e exhortou-o a esperar soccorro da Virgem Santa. Alguns dias depois, a perna curou-se completamente, caso que não podia dar-se sem verdadeiro milagre, segundo o certificado do cirurgião Manuel Pereira.

Confiadissimos n'este homem dilecto do Senhor, os parahybenses valeram-se d'elle para, com sua intercessão, alcançarem alguma reforma nas medidas despoticas do governador de quem acima fallamos. Destemido da ira de tão poderoso homem, Malagrida conjurou-o em nome de Deus a ser justiceiro com seu povo. Inuteis rogos! O corajoso missionario foi repulso affrontosamente. Insistiu o missionario; mas o governador declarou-lhe arrogantemente que não mudava nada no seu regimen; que para as medidas que ordenára escrevera a el-rei para lh'as approvar. "Pois sabei — replicou Malagrida abrasado em lume prophetico — que antes que a vossa carta entre no paço do rei, tereis vós transposto os umbraes da eternidade."

Poucos dias decorridos, o governador morreu impenitente, recusando absolutamente receber as consolações da religião.

Revelou-se ainda o espirito prophetico de Malagrida em outra occasião. Em certa aldeia chamada Bom Jardim, estava o santo varão na egreja, absorto em meditação e com o rosto rutilante. Ergue-se de salto, e abeirando-se de certo homem que ali estava, lhe perguntou: "Amais Nossa Senhora?" "Sem duvida — respondeu o homem enleado". "Vede lá" — replicou Malagrida. — "Sois sincero?" "Com certeza sou; e não ha coisa que eu não faça pela Virgem Maria." Então Malagrida, com severo aspeito, tornou: "Se pretendeis ser um devotado filho de Maria, porque tendes, ha tantos annos, occulto este peccado? (E nomeou-lh'o.) Porque não vos depurais pela penitencia das manchas de vossa alma? Que esperais?"

Ferido por taes vozes, como se o ferisse uma fиска, e intrado de profundissimo arrependimento, aquelle peccador sacrilego confessou-se logo, e expoz as culpas que sonegara, havia muitos annos.

Tão favorecido do ceu, ainda assim Malagrida não abatia um ponto de sua humildade. Eis aqui uma prova revelante: Em uma vasta assembléa, sustentava contra um theologo uma questão delicadissima. Expoz modestamente a sua doutrina; porém, como ella desauthorava a opinião do adversario, este assomou-se a termos de lhe remes-

sar palavras injuriosas. E, logo, o padre humilhado como se fosse o agressor, lança-se aos pés do theologo a pedir-lhe perdão: espectáculo penetrante que encheu de admiração os assistentes!

Antes de retomar o caminho de Pernambuco, coroou Malagrida a sua obra em Parahyba com o ultimo bem-fazer: a fundação de um seminariosinho para educação da mocidade destinada ao sacerdocio. Assentou a primeira pedra em fins de 1745, sendo presente o governador Antonio Borges da Fonseca e o reverendo padre Antonio Soares, vigario da cidade. Entre os bemfeitores d'esta casa está em primeira plana Theodoro Alvares de Souza, que deu a Malagrida um valioso rendimento. Com taes fundações assegurou no porvir aquelle excelso varão, o bem começado por sua palavra apostolica.

XIV

TORNA MALAGRIDA A S. LUIZ — PARTE PARA LISBOA (1747-1749)

Havia 12 annos (1735-1747) que Malagrida peregrinava apostolicamente as vastas dioceses do Brasil. Em vista dos trabalhos prodigiosos, emprehendidos por este sublime operario durante esse lapso de tempo, a imaginação espanta-se! E, todavia, a tamanhas fadigas, aquelle vero discipulo de Jesus Crucificado, ajuntava ainda inacreditaveis austeridades! Tão certo é, que aos santos só na cruz se depara a felicidade!

Com quanto fossem mui laboriosas estas missões, Malagrida jejuava tão rigorosamente que o seu alimento não excedia quatro onças por dia, e muitas vezes menos; não comia carne nem peixe: alguns legumes mal adubados, um bocado de pão e queijo, alguma fructa, eram o seu sustento. Vinho só o bebia quando estava doente, por obediencia. Dormia pouquissimo, erguia-se de noite para orar, e algumas vezes para ouvir as confissões prolongava as vigílias muitas noites a fio. Ordinariamente, só concedia ao corpo cansado duas horas de dormir; e dormia vestido, deitado no chão da cella, ou sobre um banco com o breviario por travesseiro, ou então em uma cadeira com a cabeça encostada ás mãos. Nas suas viagens, raramente se servia de carro ou cavalgadura; a maior parte das suas jornadas fêl-as a pé e descalço por areaes ardentes. Além d'isto uzava de continuo cilicio dobrado e eriçado de puas: á noite e de manhã flagellava-se asperamente com uma cadeia de ferro armada de agulhões, que elle aguçava de tempo a tempo; e talvez este santo odio ao corpo fosse a mais, se os superiores lhe não enfriassem o seu amor ao padecer. Bem podera elle dizer de si como o grande apostolo das nações: "Levo a cruz de Jesus Christo impressa no meu corpo".

Sigamol-o agora em suas novas excursões apostolicas.

Depois que sahiu de S. Luiz, o novo bispo D. Manoel da Cruz, da ordem de Cister, occupára a sé episcopal d'aquella cidade. Este prelado, como ouvisse narrar os grandes feitos operados por Malagrida no Brazil, desejou possuir tambem o celebre missionario; e assim rogou aos superiores que o chamassem ao Maranhão.

A' voz d'aquelle que para si fazia as vezes de Jesus Christo, Malagrida sahiu sem demora de Pernambuco, e, seguindo o caminho da costa, se dirigiu á villa de S. Luiz apressadamente. Chegado a um lugar que se dizia Magu, encontrou o irmão José Pereira, que o reitor do collegio de S. Luiz, padre João Ferreira, lhe enviára ao encontro. Debalde o irmão, compungido pela vista dos pés macerados e queimados do pobre missionario, lhe instou que montasse a cavallo d'alli até o rio onde o esperava a embarcação: o valoroso apostolo recusou-se, e concluiu sua joroadá sempre descalso e demorando-se em todas as aldeias para annunciar a palavra divina.

Chegou enfim a S. Luiz aos 11 de maio de 1747. Apesar da longa auzencia, a memoria de suas primeiras prêgações não desbotára ainda na lembrança dos moradores d'aquella cidade.

Divulgada a noticia de sua chegada, sahiu o povo a encontral-o, e o conduziu triumphalmente ao palacio do bispo, que lhe deu o mais affectuoso acolhimento e o felicitou por tudo o que fizera até então em gloria de Deus, recommendando-lhe ao seu zêlo aquelle rebanho occupadissimo infelizmente nos interesses temporaes, tão avessos da eternidade.

Bastaram a Malagrida seis dias para se restaurar das fadigas d'uma viagem superior a duzentas leguas: logo no dia 17 foi missionar oito dias á povoação de Tapuitapera ou Alcantara.

N'este entremeio, D. Manuel da Cruz, transferido para a Sé de Marianna, entregou a diocese a D. Francisco de S. Thiago, da ordem dos minimos. Malagrida interrompeu então suas lides para se apresentar ao novo bispo e renovar os poderes. Recebeu-o benevolmente D. Francisco, e logo o encarregou de fazer uma missão geral na mais ampla egreja da sua cidade episcopal.

No dia aprazado para a abertura d'esta missão, o proprio prelado, em um discurso muito efficaç, exhortou o seu novo rebanho a assistir com frequencia ás instruções do venerando missionario; depois, dirigindo-se a Malagrida, diante de quem se ajoelhou, fez entrega de um crucifixo com estas palavras de Isaïs: *Clama, ne cesses, et quasi tuba, exalta vocem tuam et annuntia populo meo scelera eorum*; eleva tua voz incessante como trompa e annuncia ao meu povo suas iniquidades.

Malagrida, com o crucifixo na mão, subiu ao pulpito, e fiel á recommendação do bispo, mostrou aos seus numerosos ouvintes a neces-

sidade da penitencia. Não foi esteril sua voz ; que, finda a missão, viu-se multidão de pessoas, com a fronte coroadada de espinhos, seguir a procissão expiatoria com que Malagrida, segundo seu costume, terminava a estação.

De S. Luiz foi o infatigavel apostolo enviado ao Pará, distante d'ahi 160 leguas. Quando ahi estava, chegou de Portugal o novo bispo d'esta cidade, Miguel Bulhões, frade dominicano. Foi logo Malagrida apresentar-lhe suas homenagens. Mostrou-se o prelado muito seu affecto, e lhe deu pleno poder para exercitar seu ministerio em toda a extensão da diocese do Pará. Aproveitou-se logo d'elle o santo homem, fazendo os exercicios de Santo Ignacio nas principaes egrejas do Pará, produzindo como sempre notaveis conversões.

Uma peccadora publica era desde muito o escandalo da cidade. Assim que ouviu Malagrida trovejar no pulpito contra o vicio de impudicia, entrou-se de tão viva compunção, que desejando renovar a penitencia de Magdalena, veio a publico, vestida de sacco e coberta de lagrimas, prompta a confessar-se publicamente em presença da multidão abalada e enternecida com o espectaculo.

No entanto, a mais valiosa obra do apostolo no Pará, foi a fundação de um seminario.

Atravessaram-se-lhe muitos obstaculos, como succede a todas as obras de Deus. O bispo Bulhões não denegava licença ; mas as condições eram tão peizadas, que Malagrida entendeu recuzal-as. Graças á intervenção do padre Alexis Antonio, a quem elle muito queria, Bulhões desceu-se algum tanto de suas exigencias. Fundou-se pois o seminario, e aos 16 de junho de 1749 celebrou-se a installação solemne dos novos alumnos. Dignou-se o bispo presidir á festividade, vindo ao cahir da tarde, seguido de grande multidão, á igreja do collegio ; e logo que o prelado se assentou em um throno pomposamente ornado de colgaduras, cercado dos jovens alumnos, Malagrida desenvolveu pungentemente aquellas palavras do Salvador : “Deixai que as creancinhas venham para mim.” Feito o discurso, seguiu para o novo seminario uma procissão: todos admiravam o recolhimento e modestia dos moços seminaristas, os quaes, chegados á santa vivenda, ajoelharam diante da estatua da Santa Virgem, e cantaram em dois côros *Salve Regina*, em saudação d'Aquella que consentia ser-lhes mãe. E brevemente outros alumnos abasteceram suas fileiras, e teve Malagrida a gloria de vêr prosperada uma obra que elle sabia ser utilissima áquellas povoações.

Desonerado dos cuidados que empregára na fundação do seminario, passou o apostolo a fazer os exercicios de Santo Ignacio. Quiz o bispo Bulhões fazel-os tambem sob sua direcção, deixando temporariamente o seu paço para habitar uma cella humilde do seminario re-

centemente edificado; e ahi muito de coração se deu á penitencia e aos actos contemplativos, com grande edificação dos que tiveram a honra de ser com elle.

Cuidou Malagrida que era aquelle o favoravel momento de propôr ao prelado outra obra que o seu zelo desde muito meditava para gloria de Deus. Vinha a **ser, a construção, no Pará, de um convento** semelhante ao da Bahia, servindo, a um tempo, para as almas de mais perfeita vida, e refugio ás peccadoras conversas. Porém o bispo disse ao padre que não podia subscrever a tal projecto: “Quem nos dará n'este paiz, dizia elle, bastantes rendimentos para alimentar essas pobres mulheres? E depois, quem quererá dirigil-as? Vós, os jesuitas, tendes regras que vos cohibe de acceitar administração tão cortada de difficuldades: será por tanto essa administração incumbida ao bispo, e bem sabeis que semelhantes conventos de mulheres, ordinariamente lhe causam mais aborrecimentos e impeços que o resto da diocese.”

Malagrida não ousou redarguir a taes objecções; mas, consultando Deus em suas préces, resolveu dirigir-se ao rei de Portugal, D. João V, e a sua esposa, a piedosa rainha Marianna de Austria.

E fiado que sua magestade fidelissima se houvesse com elle tão liberalmente, que a existencia das casas projectadas se realisasse, dizpôz-se a partir rapidamente para Portugal.

XV

MALAGRIDA EM LISBOA

(1749-1751)

Aos 7 de dezembro de 1749, embarcou-se Malagrida em um navio do Porto, prestes a fazer-se de vela para Lisboa. Apenas o navio sahiu do porto, que um pegão de vento o arrojou para a costa, em risco de ir a pique; mas o capitão, confiadissimo na santidade de Malagrida, creu que nada tinha a temer com tal companheiro de viagem, e continuou sua rota, sem ao menos se precaver amainando as velas para dar menor preza á tempestade. Os marinheiros que o viam da praia, espantavam-se de tal temeridade: “aquelle bravo gallego — diziam elles — desde que metteu em seu navio o padre Malagrida, pensa que é o senhor dos mares, e não deixa de ter rasão”.

Todavia quiz Deus que a fé do fiel portuguez passasse por terribes provas. Á tempestade, que tivera o navio no fundo, succedeu calmaria não menos desastrosa. Estavam ainda mui longe do continente, e a provisão de agua era quasi exaurida. Para que ella durasse algum tempo mais, ordenou o capitão que se fosse diminuindo a razão ordinaria dos passageiros. Ao principio soffreram corajosos a dura

privação; mas depois, mingoando-lhes as forças, resolveram dirigir-se ao santo que levavam consigo, para obterem por seu intermedio consolação a tantos males. Malagrida recebeu-os ternamente, e empenhou-se em lhes reanimar a coragem com palavras; mas depois de orar fervidamente, foi ter-se com o capitão, pedindo-lhe que fosse menos mesquinho com os passageiros, e lhes dêsse agua em maior quantidade. O capitão desculpou-se que era grande imprudencia fazel-o, pois que havia apenas uma pipa de agua. “Vamos vêr — disse Malagrida.” E seguidos de outros passageiros, desceram ambos ao porão. Ahi, recolhendo-se Malagrida um momento, e fazendo depois o signal da cruz sobre a pipa, disse ao capitão: “Creia-me que temos agua de sobra: seja mais generoso.” Teve o capitão fé n’aquella palavra, e fez distribuir agua a granel: tamanha era a confiança que o santo homem lhe inspirava!

Alguns dias se passaram em que adiantaram pouquissimo: afinal, soprou brisa assaz rija, que em pouco se tornou furacão violento; cabos e velas tudo foi espedaçado, o leme partido, e o navio mettendo agua por toda a parte, ameaçava a cada instante afundir-se no abysmo. N’este supremo perigo, correm os passageiros ao santo missionario, que os tranquilisa e persuade a que façam voto em honra da Virgem Santa de se confessarem e commungarem em um de seus sanctuarios privilegiados, se escaparem áquelle perigo imminente. Apenas a equipagem pronunciou o voto, aplacou-se a tempestade, e o navio avariado pôde seguir sua rota até á foz do Tejo.

Já a marinhagem e passageiros saudavam com transportes de alegria o termo desejado de sua longa e desastrosa navegação, quando os gritos de jubilo se mudaram em brados de angustia. O navio que, á mingua de leme, não podia ser norteadado, batera contra um rochedo á flor d’agua. Desde a praia, os moradores da costa, viam afflictos submergir-se o navio, sem que elles podessem soccorrel-o. Na sua desesperação lembram-se os naufragos que já duas vezes Malagrida os tinha salvado da morte: rodeiam-no, e conjuram-no com lagrimas, que os soccorra. Então, o homem de Deus, pegando do veu que cobria a imagem da Virgem Santa, companheira e protectora das suas missões, sóbe á coberta, e abençoa o navio. N’este momento, a embarcação, safando-se por si propria, deriva á corrente, e como se a propulsasse mão invisivel, entra barra dentro, com applausos e acclamações da multidão, testemunha do manifesto milagre.

Divulgou-se por toda Lisboa o prodigio operado pelo apostolo do Brazil, á sua chegada a Portugal. El-rei D. João V enviou-lhe um dos seus bateis para o trazer a terra, e conduzir até ao seu palacio. Á vista do veneravel servo de Deus, o rei apesar de uma dolorosa paralyisia, que lhe tolhia quasi o uso dos membros, ajoelha e pede-lhe a benção. O humilde religioso, em tal conjunctura desfez-se em lagrimas. Confundido ao vêr a seus pés tão poderoso monarcha, de-

balde procura retrahir-se; o rei pega-lhe da mão e a leva ao rosto. Com a voz cortada de soluços, Malagrida pronuncia então a oração da igreja: *Respice quæsumus, Domine, super hunc famulum tuum Regem*; Senhor nós te pedimos que olheis para o rei vosso servo. “Não, meu padre — exclamou o monarca interrompendo-o — não digais *rei*; dizei *pecador*”. Palavras dignas do príncipe fidelíssimo, que nos recordam as bellas respostas do glorioso S. Luiz!

Animado por tão agraciada recepção, expoz Malagrida ao rei os motivos que o trouxeram á Europa. Disse que viera sobpôr á protecção de sua magestade os conventos e seminarios que fundára na America, e que ficavam sugeitos ás aggressões de numerosos adversarios; implorava para taes fundações o soccorro de suas liberdades; e pedia ao mesmo tempo auctorisação para fundar outros estabelecimentos de tal genero, tão salutaes ás almas. O rei agradeceu a Malagrida o zelo empregado em trabalhos uteis aos seus vassallos, e prometteu-lhe protegê-lo, a elle e a suas obras. Antes de o despedir, perguntou-lhe se trouxera comsigo aquella imagem da Virgem Santa, mediante a qual operava tão grandes prodigios; e respondendo-lhe Malagrida, que a imagem estava ainda no navio, ordenou el-rei que se fosse buscar com grande pompa, para a casa dos jezuitas.

Passados dois dias, uma flotilha de botes, com os mastros empaavezados de bandeiras e galhardetes, foi em demanda da venerada imagem, e a conduziu até ao paço, onde a esperavam os alumnos dos jezuitas, com immensa multidão de povo. Logo que a estatua desembarcou, começou a procissão a caminhar: á frente, em duas filas, iam os meninos do collegio cada um com sua bandeira; depois, seguiam-se os metres de sobrepelliz; quatro d’estes levavam a imagem miraculosa sobre um magnifico andor; Malagrida ia apoz elles, descalso, com o crucifixo na mão, e seguido dos marinheiros, que, por sua intercessão, se salvaram do naufragio; por fim fechava o cortejo a multidão compacta. O proprio rei assistiu a esta maviosa cerimonia, de uma janella do seu palacio. Quando a estatua foi posta no bello altar que se lhe preparou na egreja do Collegio, Malagrida subiu ao pulpito, e dirigiu algumas phrases calorosas, dictadas por seu coração de apostolo, ao auditorio. D’esta arte inaugurou os seus sermões na capital de Portugal.

Poucas semanas bastaram para adquirir a estima e veneração de todos os habitantes. Um homem distincto, que havia muitos annos pedia a Deus a mercê de vêr em sua vida um d’aquelles santos, cujas heroicas virtudes descrevem os annaes da Igreja, depois de conversar com Malagrida, não pôde deixar de exclamar: “Agora estou satisfeito, que vi um santo!”

Penetrada de igual veneração pelo apostolo, a piedosa rainha Maria Anna de Austria, quiz fazer, dirigida por elle, a direcção dos exer-

cícios de Santo Ignacio, com todas as damas do seu serviço. Porém, cresceu de ponto a sua fama com uma cura miraculosa, attribuida ás orações do jesuíta.

D. Antonio do Amaral Sarmento, antigo governador das Indias Orientaes, tinha uma filha chamada Rita, que uma longa doença pozera ás portas da morte. Já a medicina a tinha desamparado. No auge do desespero, a mãe de Rita corre á casa do *santo* e roga-lhe que alcance do Senhor a cura da sua amada filha. Malagrida vae ao leito da joven enferma, pede um pouco de pão, e diz-lhe. “Tome, minha filha, este pão e coma-o; depois levante-se e venha ao collegio agradecer a S. Francisco Xavier que a vai curar”. A menina pegou do pão, comeu, e, caso maravilhoso! sentiu renascer-lhe a vida em todos os membros já atrophiados. N’esse mesmo dia foi ao collegio a pé, agradecer a S. Francisco Xavier, consoante Malagrida lhe recommendará, a mercê de sua cura.

O modesto religioso, quando interpoz S. Francisco Xavier n’este milagre, quiz esquivar-se á fama de thaumaturgo, mas ninguem deixou de lhe attribuir aquella milagrosa cura.

Multiplicava-se, digamol-o assim, no serviço das almas, revigorizando a devoção nas communidades religiosas, fazendo em toda as igrejas da cidade exercicios de Santo Ignacio, confessando, prégando, catequisando, e por toda a parte enceleirando optimos fructos de penitencia. Não podia propriamente esconder de si estes successos; mas tão humilde era que tudo imputava á proteção da Santa Virgem. “O demorar-me em Lisboa, escrevia elle, parece convir a Nossa Senhora do Maranhão; por que não sou eu (e com effeito eu que sou?) mas sim esta Augusta protectora dos meus trabalhos, que merece todas as considerações com que aqui me honram”. Maior consolação ainda aguardava o santo apostolo.

Por esse tempo, el-rei D. João V, no aperto de crueis soffrimentos, tentou cobrar forças nos soccoros da religião, e resolveu recolher-se espiritualmente sob a direcção de Malagrida. O augusto penitente começou por transformar o seu paço em verdadeira solidão: todo absorto em Deus, depoz as insignias da realza aos pés da devota imagem de Nossa Senhora das Missões, que mandou collocar no seu oratorio, e revestir de preciosos estofos recamados de ouro e pedras; depois, entregou-se todo á direcção do seu guia espiritual. O ministro de Deus não se acanhou de expôr ao monarcha as grandes verdades da salvação com a maxima energia; e o rei ouvia as austeras lições com admiravel docilidade. Um dia, abalado no imo d’alma por aquella palavra penetrativa, exclamou: “Diga, meu padre, diga o que devo fazer para aquietar plenamente a minha consciencia”.

Em meio d’estas felizes disposições feriu a morte aquelle bom principe, no dia 31 de julho de 1750, no mesmo dia em que a Igreja

celebra a festa de Santo Ignacio, cujos salutare exercicios tão dignamente o aperceberam para comparecer ao tribunal divino.

Foi Malagrida quem recebeu o ultimo suspiro do príncipe agonizante! “Ditoso, — exclamou o papa Bento XIV, em pleno consistório (23 de setembro de 1750) quando annunciou aos cardeaes a morte do rei de Portugal. — Feliz aquelle nosso fidelissimo filho, que teve Malagrida por director, e que em seus braços expirou!”

A historia, fallando de D. João V, compraz-se em recordar a sabedoria do seu governo, a proteção esclarecida que deu ás letras, ás sciencias e artes, e sobre tudo o zêlo verdadeiramente admiravel que exercitou na dilatação progressiva das fronteiras do imperio christão! Succedeu-lhe seu filho, José I; mas este joven príncipe, inerte de mais para poder reinar por si, cahiu sob a tutela do celeberrimo marquez de Pombal, cujo odio devia ser tão funesto a Malagrida.

Antes de expirar D. João V, concedera ao santo varão tudo o que elle requerera para as suas fundações americanas. Além de lhe conceder inteiro poder na edificação de conventos e seminarios, onde quer que os julgasse proveitosos á salvação dos fieis, entregou-lhe o rei uma valiosa quantia para costear as primeiras despesas de suas fundações, e consignou a cada uma das cazas que estabelecesse, uma renda de oito centos cruzados do seu bolsinho particular.

Opulentado pela liberalidade do piedoso monarcha, deu-se pressa o apóstolo em despendar aquellas munificencias no proveito das suas queridas christandades do Brazil. Dispoz-se pois a partir. Quando se despediu da rainha mãe, esta princeza, affligida com a perda de director tão douto e prudente, exprimiu-lhe o desejo de que ficasse em Portugal, para assistir á morte d’ella tambem, que não podia estar longe. Malagrida, com firmissima voz, que não podia deixar duvida, affirmou á rainha, que tornaria a tempo para consolal-a em sua ultima doença. “Consinto em vossa partida, com essa condição; e não me olvideis em vossas orações” — disse a rainha.

A ponto de transpôr pela terceira vez o vasto Oceano, lembrou-se o apóstolo da patria, e dos irmãos que alli deixara.

Moveu-lhe o coração esta saudade, e pegando da penna lhes dirigiu, em 25 de julho de 1751, este affectuoso adeus, do qual escrupulosamente conservamos o texto:

“O padre Gabriel Malagrida — depois de 29 annos vividos na felicidade e alegria de sua alma, ao travez de variadissimos trabalhos, entre povos do Brazil, portuguezes e barbaros, no cumprimento de seu ministerio apostolico e serviço do seu tão bom Mestre — achando-se neste momento, sem saber como, nesta cidade e côrte de Lisboa, á conta de gravissimos interesses d’aquelle Soberano Senhor, isto é, para fazer authorizar pelo rei de Portugal differentes fundações de conventos, casas de retiro e seminarios, antes de voltar segunda vez ás costas de

Italia, e repassar o oceano, aproveita esta ocasião para enviar a sua mais viva saudade, e os seus mais ternos abraços a todos os padres, que conheceu, especialmente aos P. P. Cadolini, Cazati, Andiberti, Brusati, Altogradi, Ynurea, Brizio, Carolino; e do mais intimo da sua alma lhes pede que recommendem, *se et sua omnia* ao adoravel Salvador Jesus e a sua Mãe Santissima, esperança e protectora das suas missões.

“*Illa invenit tantam gratiam in oculis Regis et Principum*, ella foi agraciada nos olhos dos reis e dos principes; pelo que todos os soccorros e favores conseguiu, e afóra isso, copiosas esmolos para fundação de seminarios me ha promettido a grandiosa munificencia do rei. Verdade é, que os conselheiros não estão todos por igual *bene affecti in causam*, bem dispostos nesta empresa; por quanto dispender muito lhes custa sempre muito”. Aquelle digno e caro padre Carboni recebera ordem de S. Magestade para procurar o effeito de sua piedosa liberalidade; mas a perda, tão prematura e chorada por todo o reino d’aquella grande columna da nossa companhia, veio aguarentar estas formosas esperanças.

“Dai-me a vossa santa benção, e adeus até ao paraizo.

“O mais indigno servo de todos no Senhor

Gabriel Malagrida

“Collegio de Santo Antão, Lisboa, 25 de Julho de 1751.

“P S. Eu quizera escrever a cada um em particular; não o faço por que estou occupadissimo em fazer os exercicios ás senhoras d’esta côrte, e tambem por que, depois de dois longos annos, não sei quem é vivo, nem quem é morto”. (*)

Não é tão sensibilizador vêr aquelle venerando missionario, encanecido na tarefa de vinte e nove anos de apostolado, pedir humildemente a benção de seus irmãos, repetir com aprazimento seus nomes, que tão longa ausencia lhe não deliu da memoria, e dulcificar os pezares do apartamento com o pensamento do paraizo, para onde lhes marca a todos o supremo encontro? E’ doce achar tamanha ternura no coração de homens heroicos, que por amor de Deus sacrificam o que mais caro lhes é na vida, mas com a meiga esperança de tornar a vêr em melhor patria todos aqueles de que se apartaram.

(*) Christoph von Murr, Diario, zur Kunstgeschichte, T. X, p. 195.

XVI

ULTIMA VISITA DE MALAGRIDA Á AMERICA

(1751-1754)

Malagrida queria transportar-se em um navio mercantil em que se achavam já quatro missionarios da Companhia; mas a rainha, em prova de muito affecto, fê-lo embarcar a bordo da nau do estado que devia conduzir á America o novo governador do Brazil, Francisco Xavier Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho. D'esta arte, por disposição secreta da Providencia, se encontraram na mesma embarcação o maior esteio das missões americanas, e o mais implacavel inimigo d'ellas.

Ia largar-se o panno quando um enviado do rei foi a toda a pressa levar a Malagrida uma carta autographa de D. José I, em que este principe o nomeava no honroso cargo de conselheiro real nas possessões de além-mar. Deste modo, o successor de D. João V, quiz antes da partida do apostolo, dar-lhe o final testemunho de sua estima e affeição.

Durante a viagem, Malagrida não descurou ensejo algum de lembrar á equipagem os deveres da vida christã. Um dia, em conversação de que elle era parte, algum dos officiaes ousou dizer que a religião catholica era estorvo ao progresso temporal dos estados, e como exemplo citou Inglaterra, que se tornára, depois do scisma de Henrique VIII, a primeira entre as nações. O virtuoso jesuita não deixou passar semelhante preposição, e o official confundido, foi forçado a dizer que não tinha fallado seriamente.

Abicaram em S. Luiz aos 26 de Julho de 1751. Agradecendo á Virgem Santa a protecção de tão prospera viagem, o governador Mendonça (que ainda não tinha desafivellado a mascara), e mais tres grandes dignitarios do estado, quizeram pessoalmente conduzir ao collegio dos jesuitas a milagrosa imagem de Nossa Senhora das Missões, que Malagrida não deixara em Lisboa.

Concorreu muita gente áquelle brilhante prestito, e com festivas aclamações, misturadas ao ribombo da artilheria, assim saudavam a boa vinda do novo governador, e do santo apostolo.

Mas, ninguem foi mais alegre d'aquella vinda que os padres do collegio. A volta de Malagrida foi-lhes gratissima surpresa, por que elles não esperavam mais vê-lo. Os seus antigos discipulos não sabiam como testemunhar-lhe seu contentamento. Perguntou-lhe um d'elles, como podera tão cedo voltar ás plagas americanas, e elle, sorrindo, respondeu com o verso de Virgilio:

Matre Dea monstrante viam...

Mal repousado ainda das fadigas da viagem, começou o apóstolo activamente a realisar enfim os projectos que tanto o preocupavam. Queria principiar com a fundação de um seminario em S. Luiz, porém o bispo D. Francisco de S. Thiago, allegando que, segundo o Concilio de Trento, a elle só competia fundar tal estabelecimento, recusou-lhe a licença.

Malagrida, por essa occasião, não insistiu, e applicou-se exclusivamente a prégar.

A festividade da gloriosa assumção da Rainha dos Ceos, devia celebrar-se por aquelles dias. O santo missionario, predispondo o povo para aquella solemnidade, reuniu-o tres dias a fio na igreja do collegio, onde prégoou. No proposito de lhe fallar tanto aos olhos como á intelligencia, collocou a imagem de Nossa Senhora das Missões, revestida com os magnificos enfeites que lhe deram os principes de Portugal, sobre um leito de flores, em meio de lyrios e rozas.

Este insolito espectáculo attrahiu muitissima gente e deu de si feliz influencia. No dia da festa, foi o bispo quem fez pontifical no altar, e presidiu á grande procissão em que a imagem milagrosa foi levada pela cidade.

Feita esta salutar missão, Malagrida tornou ao Pará, e achou ahi o seminario, que annos antes fundára, em florentissimo estado. Confiava poder enfim edificar a casa de azylo em que tanto pensára; mas mal conhecia elle a malicia de seus inimigos. Afim de indispor contra o homem de Deus os paraenses, alguns calumniadores propalaram falsas atoardas á conta d'elle, dizendo: "Que elle fôra a Portugal para advogar a causa dos escravos; que, abusando de sua influencia sobre o rei, lhe extorquirá ordens secretas, emancipando todos os escravos".

Os portuguezes, temerosos de se verem esbulhados dos seus haveres, perdendo os escravos, facilmente acreditaram aquelles boatos mentirosos, e a Malagrida força lhe foi sahir da cidade a toda a pressa para não ser victima do odio.

Voltou pois a S. Luiz pelo mar. Já tinha entrado no estreito canal que conduz ao porto, quando de subito uma ventania furiosa empola as vagas; a barca, arfando sobre o abysmo, está a pique de ser engolida pela voragem. Na maior angustia do perigo, os remadores ajoelharam aos pés de Malagrida, que rezava serenamente: "Salvaenos!" exclamavam elles.

Mantendo todo o seu socego, ergueu-se o apóstolo, fez o signal da cruz, e no mesmo instante cahiram os ventos, serenaram as ondas, e a barca pôjou felizmente no porto.

Immediatamente o incansavel obreiro do evangelho se entregou

aos seus trabalhos communs. Prégou as grandes verdades da fé; mas taes verdades não penetram a seu talante nas intelligencias brancas.

Que fez elle para as tornar mais sensiveis? A' imitação do padre Anchieta, compoz dramas religiosos onde poz em scena os principaes personagens do evangelho: o nascimento do Salvador, a Paixão, o juizo final, foram representados aos olhos do povo, movido até ao pranto por aquelle espectáculo novo. Muita gente, sahindo d'aquelle theatro, entrava em sua casa mais commovida e melhormente convertida, do que tinha sido nos mais eloquentes sermões.

Não se esquecia, no entanto, Malagrida da sua obra principal. Pois que não pôde obter o seminário, quiz ao menos estabelecer um asylo igual ao da Bahia.

Não o contradisse de modo algum o bispo de S. Luiz; e por tanto, a primeira pedra foi lançada com grandes festas.

Eram 9 de julho de 1752. Todos os habitantes da cidade, com o bispo e governador á frente, assistiram á pia cerimonia.

Malagrida tivera o cuidado de fazer elevar, á beira do fosso cavado para os alicerces, um tablado ricamente ornamentado, em que foi exposta a imagem de Nossa Senhora das Missões. E, orando enthuasiasticamente, excitou o ardor do povo, por maneira que desde logo os trabalhos se adiantaram acceleradamente.

Nunca visto espectáculo! Os mais grados personagens da terra se dirigiam diariamente, conduzidos por Malagrida, para os alpendres da construção, e ahi se misturavam aos alveneis e pedreiros, para adiantar a obra. Uns carregavam pedra, outros rodavam padiolas carregadas de terra, outros amassavam o cimento; mas não podia contemplar-se friamente aquelle bom velho de sessenta e trez annos, encanecido na milicia do apostolado, curvando os hombros extenuados debaixo de enormes pezos, offegante e coberto de suor, socorrendo os demais, e allivial-os de suas cargas, e depois dar-lhes o agradecimento em nome de Deus, e abençoal-os com efusão! Ditosos os povos que viram taes exemplos.

O convento, principiado no mez de julho, concluiu-se no fim de agosto. Quinze meninas requereram entrar alli no serviço de Deus. Foi uma commovente festa a das virgens consagradas ao Senhor, trocando as vans frivolidades do mundo pelo habito de burel. Toda a cidade assistiu a esta cerimonia. As mais qualificadas senhoras se nobilitaram acompanhando as servas de Christo até á sua nova vivenda. A' frente ia Malagrida empunhando o crucifixo. Foram parte no cortejo todos os religiosos da cidade, e os soldados em forma contribuíram com a sua assistencia, a dar realce ao esplendor da festa.

Já Malagrida premeditava outra fundação. Entre os meios de que usava para conquistar almas a Deus, o mais poderoso, a seu ver, eram os exercicios de Santo Ignacio. Dizia elle, que os seus raios

invencíveis, o seu gladio, eram os exercicios. — Quando eu floreio esta espada, accrescentava elle com santa emphase, e vibro estes raios, todo o inferno fréme e treme.

E para poder mais commodamente fazer os exercicios, mandou edificar uma casa de retiro a meia legua do Maranhão, em local arborizado e fresco das brisas agradaveis do mar. Este ermo encantador era uma como Thebaida, e não havia vêr sem commoção, o fervor dos penitentes que allí iam chorar suas culpas, e trabalhar na reforma de sua vida, dirigidos pelo virtuoso missionario.

O biographo latino de Malagrida descreve pelo miudo o methodo que elle seguia em seus santos exercicios. Na vespera do retiro, diz elle, reunia o apostolo todos os que desejavam ter parte n'esses exercicios salutaes, e lhes recommendava que se abstivessem, durante esse tempo solemne, de qualquer negocio capaz de os distrahir.

Na manhã do dia seguinte, depois de uma leitura de piedade, proferia em voz alta a meditação, na qual dava livre curso aos sentimentos devotos que exuberavam de sua alma. Ao terminar da oração, pegava do crucifixo, e com penetrante voz pintava, de um lado o amor de Jesus Christo aos peccadores, e do outro a ingratidão do peccador para com Deus morto na cruz por seu amor: estas palavras tiravam lagrimas dos corações mais de pedra.

Apos a meditação, subia ao altar a celebrar os santos mysterios; depois, fazia uma solida instrucção sobre qualquer ponto de moral, insistindo particularmente na preparação que era mister fazer-se para a recepção dos sacramentos. O meio efficaz que suggeria para extirpar da alma os mais inveterados vicios, era o exame de consciencia, para o qual traçava methodos assim faceis quanto seguros.

Duas outras meditações santificavam ainda aquelles dias tão santamente preenchidos; e ao sahir da noite, todos os exercicios terminavam pela resa do Rosario em commum. Sentindo-se obrigados a expiar suas culpas, os penitentes recorriam logo a rigorosas flagellações de dia, cintavam-se com asperos cilicios, e de noite, antes de adormecerem, açoitavam-se até fazer gotejar o sangue. Depurados pela penitencia chegavam com fervor á Mesa Sagrada, e assim consolados e fortalecidos, reentravam corajosos por entre as provações e combates da vida”.

Acabada a casa do retiro, faltava o seminario.

Malagrida esperára pacientemente até então. A morte do bispo que lhe impugnára o projecto, removeu todas as difficuldades.

Em 8 de setembro de 1753, teve o varão de Deus o prazer de introduzir em um novo estabelecimento muitos alumnos destinados a serem o esteio e ornamento das igrejas do Maranhão.

Uma carta da rainha Maria Anna de Austria, arrancou Malagrida

aquellas occupações tão queridas do seu coração de apóstolo. De seu proprio punho, lhe escreveu a mãe de D. José I para que voltasse a Portugal. Dizia ella, que via com pavor avizinhar-se o momento da morte, e havia mister dos conselhos e orações de um homem tão versado na sciencia dos santos. Não ousou Malagrida recusar-se ao pedido da rainha, lembrando-se da promessa feita, antes de sahir de Lisboa. Dispoz-se pois a atravessar o Oceano pela quarta vez.

E, deixando para sempre a plaga remota que regára com seu suor e até com o sangue, ahi deixava o apóstolo monumentos do seu zelo, que só poderão ser destruidos pelo odio dos inimigos da igreja, e da Companhia de Jesus.

Uma casa de retiro em S. Luiz, tres seminarios, quatro conventos de mulheres, muitos asylos, oito igrejas restauradas; taes são os estabelecimentos com que dotára o Brazil, e para tantas fundações, empecidas por mil estorvos, as mais das vezes não tinha elle recursos senão a sua inabalavel confiança no auxilio da providencia divina.

Que ha pois que admirar na veneração dos povos por aquelle santo apóstolo? Por toda a parte, tanto na America como na Europa, resoava em honra d'elle um concerto unanime de louvores, de certo benemeritos, e bastantes a soterrar a impostura e os embustes que tentaram denegrir vida tão pura e santa.

Os padres capuchinhos da cidade da Bahia escreviam d'este theor ao geral da sua ordem em Roma: "Vão bem os nossos negocios, mercê dos muitos milagres do padre jezuita, Gabriel Malagrida. E' um santo poderoso em obras e palavras: é o Xavier do nosso tempo".

"Bem que a côrte de Lisboa, o reino de Portugal, e todas as suas colonias formem sublime conceito d'este ardente apóstolo, fique vossa P. certo que esta reputação está longe de corresponder ao seu immenso merito, e á sua heroica virtude. Temos sido e somos, testemunhas oculares. Cada dia temos que admirar-lhe a austeridade da vida, o zelo ardente, e o espirito de oração; cada dia lhe descobrimos novas virtudes e favores que o ceu concede sómente aos seus maiores servos. Quando fôr preciso para a gloria de Deus e honra da douta Companhia a que elle pertence, promptos estamos a confirmar com juramento tudo o que deixamos dito".

Não menos glorioso era o juizo que formava do santo apóstolo o primeiro superior da Companhia: "Eu não creio, dizia Francisco Retz, que a sociedade toda hoje possua missionario comparavel ao padre Malagrida!"

Elogio assás significativo para que recordemos aquella phalange de heroes, cuja voz então repercutia nas quatro extremidades do mundo. — Nas plagas da China e do Japão, nas do Paraguay e do Canadá, nos torrados desertos de Africa e nos gelos do Septentrião.

XVII

VOLTA MALAGRIADA A LISBOA

(1754-1756)

Com viagem mais feliz que a passada, sahiu do Maranhão o padre Malagrida no principio de janeiro de 1754, e entrou no porto de Lisboa no principio de fevereiro. No mesmo dia do desembarque, foi apresentar-se á rainha, a quem fallou assim:

“Senhora, fiel á promessa que fiz a vossa magestade, ha tres annos, antes de sahir para a América, venho consagrar ao serviço de vossa magestade o restante dos meus dias”.

Desde logo começou entre a piedosa princeza e o exemplarissimo missionario affectuosa convivencia quasi quotidiana. Era dulcissimo goso para a rainha confiar suas maguas a um homem que se lhe figurava tão favorecido das graças celestiaes.

Porém, tão grande influencia na corte, por força, devia grangear a Malagrida o odio do ministro de estado, o ambicioso Sebastião José de Carvalho. De feito, por esse tempo, estalou entre esses dois homens terrivel antagonismo: — lucta, sem duvida muito desigual, na qual, um pelejava com a omnipotencia que lhe dava o primeiro cargo do reino; em quanto o outro, velho, alquebrado por austeridades e canceiras de trinta e tres annos de apostolado, nas florestas americanas, combatia tão sómente com as armas inflexiveis da virtude e da paciencia. Facil era prever, desde o começo, o resultado da lucta.

Antes de entrar nos pormenores d'este duello, senão antes d'esta perseguição atroz á innocencia — onde veremos em campo tudo quanto a tyrannia dispoz extraordinariamente de brutalidade e crueza — cumpre dar ao leitor noticia d'aquelle famoso estadista, por tantas maneiras preconisado pelos thuribularios da civilização moderna.

Sebastião José de Carvalho, marquez de Pombal depois, havia sido, com estreia da sua carreira politica, embaixador de Portugal nas côrtes de Londres e Vienna. N'esta segunda cidade desposou em segundas nupcias uma senhora da illustre casa de Daun. Repatriado a Lisboa, habilitou-se a occupar o logar vago de secretario de estado; mas el-rei D. João V, que o conhecia de fundamento, jámais consentiu em confiar-lhe o ministerio. Implorou Carvalho e Mello a protecção da rainha, a qual encarregou o jezuíta João Baptista Carbone de instar com el-rei, que o ouvia com muita attenção; mas não logrou melhor exito este meio. Cada vez que lhe fallavam em Sebastião José de Carvalho, o soberano respondia: “Conheço cabalmente o espirito turbulento, hypocrita e audacioso de Carvalho; descende de uma familia vingativa, cruel, e furiosa”.

Só depois da morte de D. João V, attingiu Sebastião de Carvalho

o galarim dos seus desejos. O joven monarcha José I, em prova de respeito á mãe, confiou logo ao seu protegido as funcções de secretario de estado. O primeiro acto do novo ministro foi incutir-se na estima do jezuíta José Moreira, confessor do rei e da rainha sua esposa, a fim de captar, medeante o jezuíta, o valimento do soberano. O padre deixou-se embair pelo secretario de estado, e assim se fez causa involuntaria do predomínio despotico que o ávido ministro exerceu sobre o fraco animo de José I.

Tal era a posição que o ministro ganhára á força de intrigas, quando chegou á côrte o antigo apostolo do Brazil, chamado pela rainha. Viu o ministro com olhos invejosos a progressiva influencia do jezuíta, e já fomentava no secreto do coração os meios de preparar-lhe a queda, quando um incidente, pouco valioso de si, lhe esbrazou no peito odio implacavel a Malagrida — odio que o sangue do sancto ancião devia pagar!...

Poucos dias eram passados depois que Malagrida chegára a Lisboa. (*) Sahia elle, uma manhã, de longa pratica com a rainha, quando nas escadas do paço encontrou o ministro. Como o não conhecesse, passou ávante. Ferido no seu orgulho, Sebastião José de Carvalho reteve-o, e perguntou-lhe se o não conhecia. “Não tenho essa honra” respondeu simplesmente Malagrida. — Oh! que mortal tão ditoso! — exclamou o valido — como! o padre vive na côrte, e não conhece o secretario de Estado!

A taes palavras, Malagrida, confuso de sua ignorância, lançou-se aos pés de Carvalho, desculpando-se que apenas acabava de entrar em Portugal, e lhe rogou humildosamente que lhe perdoasse a descortezia involuntaria; depois, proseguiu em tom respeitoso: “Agora que tenho a honra de conhecer e fallar a V. E.^a, permitta-me, senhor, que lhe faça um pedido; e é de retirar do Maranhão seu irmão, o sr. Mendonça; por que é tanto o odio que seus processos administrativos lá lhe tem grangeado, que eu lhe futuro alguma desgraça, se elle se não evade depressa á vingança de seus inimigos”. “Heide pensar n’isso” — respondeu seccamente Carvalho. E voltou-lhe as costas.

Porém, desde aquelle lance, irritado em dobro, já pela ignorancia do missionario quanto á sua pessoa, já pela audacia com que lhe fallou no irmão, o ministro jurou perder o atrevido jezuíta que ousou dar-lhe conselhos.

De mais d’isso, Malagrida teve, d’ahi a pouco, revelação celestial do destino que se lhe predispunha. Prégando um dia na igreja de S. Julião, um dos ouvintes, repentinamente apoderado de espirito maligno, pegou de gritar com tregeitos de arremetter: “Ainda ahi

(*) Christovão de Murr, *Descripção do carcere da Junqueira*, pelo Marquez de Alorna.

XVII

VOLTA MALAGRIADA A LISBOA

(1754-1756)

Com viagem mais feliz que a passada, sahio do Maranhão o padre Malagrida no principio de janeiro de 1754, e entrou no porto de Lisboa no principio de fevereiro. No mesmo dia do desembarque, foi apresentar-se á rainha, a quem fallou assim:

“Senhora, fiel á promessa que fiz a vossa magestade, ha tres annos, antes de sahir para a América, venho consagrar ao serviço de vossa magestade o restante dos meus dias”.

Desde logo começou entre a piedosa princeza e o exemplarissimo missionario affectuosa convivencia quasi quotidiana. Era dulcissimo goso para a rainha confiar suas maguas a um homem que se lhe figurava tão favorecido das graças celestiaes.

Porém, tão grande influencia na corte, por força, devia grangear a Malagrida o odio do ministro de estado, o ambicioso Sebastião José de Carvalho. De feito, por esse tempo, estalou entre esses dois homens terrivel antagonismo: — lucta, sem duvida muito desigual, na qual, um pelejava com a omnipotencia que lhe dava o primeiro cargo do reino; em quanto o outro, velho, alquebrado por austeridades e canceiras de trinta e tres annos de apostolado, nas florestas americanas, combatia tão sómente com as armas inflexiveis da virtude e da paciencia. Facil era prever, desde o começo, o resultado da lucta.

Antes de entrar nos pormenores d'este duello, senão antes d'esta perseguição atroz á innocencia — onde veremos em campo tudo quanto a tyrannia dispoz extraordinariamente de brutalidade e crueza — cumpre dar ao leitor noticia d'aquelle famoso estadista, por tantas maneiras preconisado pelos thuribularios da civilização moderna.

Sebastião José de Carvalho, marquez de Pombal depois, havia sido, com estreia da sua carreira politica, embaixador de Portugal nas côrtes de Londres e Vienna. N'esta segunda cidade desposou em segundas nupcias uma senhora da illustre casa de Daun. Repatriado a Lisboa, habilitou-se a occupar o logar vago de secretario de estado; mas el-rei D. João V, que o conhecia de fundamento, jámais consentiu em confiar-lhe o ministerio. Implorou Carvalho e Mello a protecção da rainha, a qual encarregou o jezuita João Baptista Carbone de instar com el-rei, que o ouvia com muita attenção; mas não logrou melhor exito este meio. Cada vez que lhe fallavam em Sebastião José de Carvalho, o soberano respondia: “Conheço cabalmente o espirito turbulento, hypocrita e audacioso de Carvalho; descende de uma familia vingativa, cruel, e furiosa”.

Só depois da morte de D. João V, attingiu Sebastião de Carvalho

o galarim dos seus desejos. O joven monarcha José I, em prova de respeito á mãe, confiou logo ao seu protegido as funcções de secretario de estado. O primeiro acto do novo ministro foi incutir-se na estima do jezuita José Moreira, confessor do rei e da rainha sua esposa, a fim de captar, medeante o jezuita, o valimento do soberano. O padre deixou-se embair pelo secretario de estado, e assim se fez causa involuntaria do predomínio despotico que o ávido ministro exerceu sobre o fraco animo de José I.

Tal era a posição que o ministro ganhára á força de intrigas, quando chegou á côrte o antigo apostolo do Brazil, chamado pela rainha. Viu o ministro com olhos invejosos a progressiva influencia do jezuita, e já fomentava no secreto do coração os meios de preparar-lhe a queda, quando um incidente, pouco valioso de si, lhe esbrazou no peito odio implacavel a Malagrida — odio que o sangue do sancto ancião devia pagar!...

Poucos dias eram passados depois que Malagrida chegára a Lisboa. (*) Sahia elle, uma manhã, de longa pratica com a rainha, quando nas escadas do paço encontrou o ministro. Como o não conhecesse, passou ávante. Ferido no seu orgulho, Sebastião José de Carvalho reteve-o, e perguntou-lhe se o não conhecia. “Não tenho essa honra” respondeu simplesmente Malagrida. — Oh! que mortal tão ditoso! — exclamou o valido — como! o padre vive na côrte, e não conhece o secretario de Estado!

A taes palavras, Malagrida, confuso de sua ignorancia, lançou-se aos pés de Carvalho, desculpando-se que apenas acabava de entrar em Portugal, e lhe rogou humildosamente que lhe perdoasse a descortezia involuntaria; depois, proseguiu em tom respeitoso: “Agora que tenho a honra de conhecer e fallar a V. E.^a, permitta-me, senhor, que lhe faça um pedido; e é de retirar do Maranhão seu irmão, o sr. Mendonça; por que é tanto o odio que seus processos administrativos lá lhe tem grangeado, que eu lhe futuro alguma desgraça, se elle se não evade depressa á vingança de seus inimigos”. “Heide pensar n’isso” — respondeu seccamente Carvalho. E voltou-lhe as costas.

Porém, desde aquelle lance, irritado em dobro, já pela ignorancia do missionario quanto á sua pessoa, já pela audacia com que lhe fallou no irmão, o ministro jurou perder o atrevido jezuita que ousou dar-lhe conselhos.

De mais d’isso, Malagrida teve, d’ahi a pouco, revelação celestial do destino que se lhe predispunha. Prégando um dia na igreja de S. Julião, um dos ouvintes, repentinamente apoderado de espirito maligno, pegou de gritar com tregeitos de arremetter: “Ainda ahi

(*) Christovão de Murr, *Descripção do carcere da Junqueira*, pelo Marquez de Alorna.

estás, velho maldito! Ai de ti!” Sem perturbar-se, impoz-lhe silencio Malagrida, e o energumeno não ousou balbuciar palavra. Porém, depois do sermão, o companheiro de Malagrida, o padre Manoel da Cruz, lhe exprimiu o seu espanto da serenidade com que elle ouvira os brados do possesso. “Estou affeito a isto — respondeu Malagrida — não é esta a vez primeira que o demonio me faz semelhantes ameaças”.

Pouco tempo depois, quando elle referia o caso ao infante D. Pedro, accrescentou que a despeito da repugnancia que lhe fazia acreditar vozes de energumenos, não duvidava que aquella voz era a do demonio que o ameaçava. — Pois o padre teme o demonio? — perguntou-lhe o infante. — Sim, meu principe; temo-o — respondeu o sancto homem — por que sei quanto poder Deus lhe concede”.

N’esta correnteza de coisas, a rainha, conforme se lhe prefigurára, cahiu gravemente enferma. Já todos os medicos a haviam condemnado. Só Malagrida se não mostrava inquieto. O futuro justificou a sua serenidade, porque a rainha melhorou.

Retirou-se a soberana, para apressar a convalescença, á sua magnifica quinta de Belem, onde, longe do tumultuar da cõrte, podia respirar mais puro ar, ali perto da praia, vendo das janellas do palacio as frotas alvejarem no remoto horisonte. Julgava-se ella quasi restabelecida, quando, volvido um mez, a molestia se manifestou com mais assustadores symptomas. Ainda em Lisboa se ignorava a noticia da subita recahida, e já Malagrida o sabia de um modo extraordinario.

Estando elle a orar de madrugada, em sua cella, sentiu bater á porta, e cuidou ouvir a voz do padre Ferreira que lhe dizia: “Depressa! vamos a Belem que a rainha está a morrer!” — Ahi vou — respondeu Malagrida; e correu logo á cella do padre Ferreira, dizendo: “Aqui estou, vamos lá” — Onde quereis ir?! — perguntou-lhe o padre espantado. — Onde me dissesstes que fosse convosco! Pois quando eu estava resando, não me fostes dizer que vos acompanhasse a Belem, que a rainha estava nas ultimas?!”

Cada vez mais alheado, o padre Ferreira não dava tino do que devia pensar; comtudo, pozêram-se ambos a caminho; e, apenas chegados a Belem, souberam que em verdade a rainha estava a expirar. Malagrida pôde entrar nos reaes aposentos; e, beijando respeitosa-mente as mãos, já glaciaes, da rainha, exhortou-a sem rodeios a pensar na eternidade. Os aulicos levaram a mal a sancta ousadia do jezuita, e aconchavaram-se entre si para o não deixarem chegar outra vez ao leito da rainha moribunda.

Profunda fôra a afflicção de Malagrida por essa recusa e tal que — para evadir-se á colera dos inimigos, resolveu retirar-se para Setubal, longe da cõrte. Ia pôr-se a caminho, quando o padre Ignacio de Carvalho lhe disse, que a rainha estava livre de perigo. Malagrida

respondeu-lhe: “Eu vou para Setubal; cá ficaes para vêr em breve os tristes funeraes”.

Alguns dias depois, ao reverso da expectativa, a rainha expirou aos 14 de agosto de 1754.

No mesmo instante em que expediu a alma, prégava Malagrida em Setubal, na egreja parochial de Santa Maria. De subito, desfeito em lagrimas, exclamou: “A nossa rainha, a nossa mãe commum, acaba de entregar o espirito a Deus!” Estas palavras causaram tanto maior abalo, quanto na manhã de aquelle mesmo dia, noticias da côrte se espalharam as mais agradaveis a respeito da saude da soberana.

A morte d'aquella piedosa princeza, (*) foi perda irreparavel para a Companhia de Jesus: com ella se alluiu o derradeiro esteio contra os ataques de Sebastião de Carvalho.

Ninguem a chorou tanto como Malagrida. Como derradeira prova de estima, lhe legára a rainha em seu testamento 40.000 cruzados para a fundação de um mosteiro de freiras em Setubal. Se este legado foi entregue a Malagrida não o diz a historia; mas tudo nos persuade a crer, que o primeiro ministro se não aqodaria em entregar ao seu inimigo a quantia que lhe destinára a munificencia da rainha.

Na sua nova residencia de Setubal, o velho apostolo do Brazil prégava sem descanso, fazendo publicos exercicios de Santo Ignacio, e acerando o povo com as maravilhas que visivelmente operava. Um dia, o conde de S. Lourenço, primeiro camarista do infante D. Pedro, appareceu lagrimoso em casa do missionario, recommendando ás suas orações o seu primogenito, esperanza de sua casa e consolação de sua velhice. Estava em perigo de morte. — “Tenha animo — respondeu-lhe o padre — seu filho não morrerá ainda”. E de feito, contra o que se esperava, o menino recobrou saude; e seu pai, exultando, attribuiu esta cura ás orações de Malagrida.

Tanta era a veneração que o sancto homem inspirava, que o povo se apinhava em volta d'elle nas ruas, e empregava respeitosa violencia para lhe beijar as mãos e a orla da lôba. Era de mais para o inimigo de todo bem, que bafejou seu odio ao coração de um padre indigno que insidiosamente expoz Malagrida em negocio bastante intrincado. Chamado á presença do patriarcha de Lisboa, foi o apostolo obrigado a ir justificar-se na capital. Facil lhe foi desmascarar a calumnia; e o prelado, testemunhando-lhe sua confiança, encarregou-o de ir afervorar a predica em muitos mosteiros da sua jurisdição.

Por esse tempo fizeram os moços religiosos collegiaes de Santo Antão, a solemne cerimonia da renovação de seus votos. O reitor do collegio pediu a Malagrida que, n'aquella occasião, proferisse algumas palavras para alumiar nos seus juvenis irmãos o zelo e o amor á

(*) Ritter, *Vita d. D. Mariannæ de Austria*, cap. V et XVIII.

perfeição. Aceitou de bôa mente o velho missionario e adoptou para texto de sua exhortação as palavras de S. João: “Amou Deus por tal maneira o mundo que lhe deu seu filho unico”. Ditas as primeiras palavras, vencido do ardor que o incendeia, não podendo abafal-o, ergue-se, e começa a percorrer a desmesurados passos o sanctuario, repetindo por entre lagrimas e gemidos: *Sic dilexit mundum*, culpando-se a si mesmo de tibio e ingrato com tão bom Senhor.

Voltando a si e corrido de sancta confusão, por haver revelado o que passava em sua alma, assentou-se para continuar a exhortação, mas as lagrimas suffocavam-no, e não pôde proseguir. Que importava? Já não se faziam mister palavras. Todo o auditorio chorava, e não se ouvia senão o gemer e suspirar.

Nova occasião de realçar seu zelo na salvação das almas se offereceu ao sancto homem. Entre varias providencias adoptadas por Sebastião de Carvalho — dizia elle — para regenerar o paiz, mandava construir um theatro, onde todas as noites, impudicos actores e actrizes davam ao publico torpes prelecções de desmoralisação e impiedade. Affligia-se Malagrida com a parte que ardia nas almas assoprada por essas detestaveis representações. Ouvindo tão sómente o seu zelo, quando tinha 65 annos, renovára suas lides litterarias para aniquillar as comedias do tempo, compondo outras, em que intermeava com muito engenho, lições de virtude, disfarçadas sob figurações amaveis e recreativas. Um d’aquelles dramas, intitulado *Sancto Adriano*, é dedicado ao serenissimo infante D. Antonio; o outro, intitulado *A Fidelidade de Leontina*, offereceu-o Malagrida á rainha Maria Anna Victoria. D’esta arte redundava em aproveitamento das almas o mais válido meio de que lança mão o espirito do mal por induzil-as á sua ruina.

As armas, porém, que lhe deram os mais estrenuos triunfos sobre o inferno, foram os exercícios de Santo Ignacio. Depois que se estabeleceu em Lisboa, applicava-se todo no modo de fundar n’esta cidade uma casa de retiro onde podesse repousadamente fazer os sanctos exercícios.

“Unamos nossas orações — repetia elle aos seus confrades — para que violentemos o céu até lhe arrancarmos esta mercê”.

Propriamente elle não cessava de pedir ao rei, á rainha e aos irmãos do rei, que lh’o concedessem; mas todas as suas diligencias eram atravessadas pelo perfido Carvalho, que se temia de vêr as suas creaturas repostas no trilho do dever pelo sancto missionario. A morte da rainha parecia ser o corte final em seus intentos; pelo que certo padre lhe perguntou que esperança tinha de lograr bom exito de sua empreza. “Pois bem — respondeu elle com socegado aspecto — Deus me dará outro protector”. E, dias depois, disse ao mesmo padre: “Vêde! já tenho quem se offereça a substituir a rainha: é o serenissimo infante D. Pedro”.

E, em verdade, aquelle principe, que muito queria á Companhia, offereceu a Malagrida fundar uma casa de retiro nas suas proprias terras; desgraçadamente, como queria construir edificio espaçoso e commodo, foi mister tempo em organizar o risco. Esta demora deu mate ao intento. O rei, amartellado em segredo pelo impio conselheiro, retirou o consentimento que dera. O maximo de suas concessões cifrou em alugar-se casa onde se fizesse um ensaio dos exercicios.

Malagrida deu-se logo á procura de casa; e, após muitas pesquisas, achou em fim local apropriado nos arrabaldes de Lisboa. Em poucos dias se dispoz tudo para a recepção dos exercitantes, mas ao chegar o dia prefixo para a inauguração dos exercicios, apenas se encontrou uma ou duas pessoas que os seguissem. Obrigado se viu, pois, Malagrida e desistir, desta feita, do seu projecto. Voltando ao collegio, um padre muito da sua intimidade lhe disse para o consolar do desastre: “Isto vai mal... alugou o padre uma casa para fazer a tentativa dos exercicios, e logo aos primeiros, ninguem annuiu ao seu convite. Toda a gente vae agora dizer que a sua obra não péga em Lisboa”.

Com sereno rosto lhe respondeu Malagrida: — O padre sabe a preceito que santo Agostinho diz que a providencia de Deus, relativamente a nós, é um mysterio de luz, e de trévas. E, em verdade, acontecimentos ha na vida, que são como as scenas das peças theatraes: umas vezes scenas festivas, outras vezes scenas lugubres. Os exercicios cedo se hão de fazer em Lisboa, e então veremos grande concurso de gente a recebê-los”.

XVIII

TERREMOTO DE LISBOA EM O 1.º DE NOVEMBRO DE 1755

No dia um de novembro de 1755, estallou o terrivel tremor de terra que encheu de consternação todo Portugal, e reduziu uma das mais florescentes cidades da Europa em um acervo de ruínas. Dias antes d’essa pavorosa catastrophe, passava o sancto missionario em uma das mais concorridas praças de Lisboa, e vendo os mercadores a remexerem-se na costumada freima, suspirou e disse a meia voz, de modo que o companheiro o ouviu. “Ah! quantas fadigas por tudo isso que tão breve se vae extinguir!” Teria elle antecipado conhecimento do castigo reservado áquella cidade criminosa? A circumstancia seguinte parece remover duvidas a tal respeito: costumava elle dizer missa, bastante tarde: mas, no dia do sinistro, disse-a muito cedo, e logo depois da acção de graças, foi procurar o padre Francisco de Portugal, que por doente se levantava mais tarde que a communidade.

e derrubar o Estado! Cada dia novas calumnias provocam suspeitas e averiguações novas! Que farão? não sei; mas não deixo de estar em alvoroço. Comtudo, ponho minha esperança em Deus e em sua divina Mãe”.

No remate desta carta lê-se o seguinte *post scriptum*: “No instante em que lavro estas linhas, novo rancho de exercitantes, com bandeira, alçada, transpõe o limiar da nossa santa casa”.

Os sustos do venerando ancião não eram infundados. Para logo se desencadeou a tormenta que elle via apontar no horizonte. Em a noite de 19 de setembro de 1757, todos os jesuitas residentes na corte receberam ordem de sahir immediatamente do paço. Eram os padres José Moreira, confessor do rei e da rainha: Thimotheo de Oliveira, confessor e preceptor da princeza do Brazil, a serenissima infanta; Jacinto da Costa, confessor do infante D. Pedro; José de Araujo, confessor do infante D. Manuel, e Manuel de Mattos, confessor do infante D. Antonio. (*)

Foi a todos prohibida alguma relação com a familia real.

Esta providencia, sem ser fundamentada em alguma declaração previa, fez espanto nas pessoas de bem.

Dizia-se altamente que a ruina dos jesuitas se preparava a occultas e que esta ruina arrastaria a das outras ordens, a do clero, a da piedade, e, enfim, a dos bons costumes publicos. O proprio rei, subcrevendo o decreto da expulsão, não escondeu que o fazia violentado.

E, no entanto, o ministro, tentando desvirtuar cada vez mais os jesuitas, na opinião do povo, derramou no reino um libello, recheado de novas calumnias, com o titulo: *Relação abreviada da república que os jesuitas da provincia de Portugal fundaram nas possessões do ultramar*, etc., etc.

Este opusculo, contendo tantas mentiras como phrases, teve a sorte que merecia: foi geralmente recebido com desprezo; e o que mais desacreditado o tornou no bom senso dos homens sisudos, foi o proceder da corte de Hespanha a tal respeito, com grande afrontamento de Sebastião de Carvalho. O folheto foi honrado em Hespanha com a condemnação ao fogo de envolta com outras obras da mesma laia saídas de Portugal.

Não desalentado com este desastre, Carvalho urdiu nova traça, mais engenhosa que a primeira. Em seus calculos diabolicos, nada se lhe figurou mais util ás suas calumnias contra os jesuitas, que uma condemnação publica promanada de Roma. Quem duvidaria da culpabilidade dos religiosos, acusados pela propria Sancta Sé? Fiel a tal plano, persuadiu o primeiro ministro ao credulo José I que solictasse de Roma, junto do papa Bento XIV, um Breve de visita e reforma, ao qual fossem sujeitos os jesuitas do Reino. Bento XIV luctava,

(*) Novaes, *Storia de Pontifici*, t. XV.

a esse tempo, com a morte. Constrangido pelos cardeaes Archinto e Passionei, que desde muito eram conhecidos por somenos favoraveis á Companhia, assignou com a mão já fria o pedido Breve; e a 2 de maio de 1758, foi o cardeal Saldanha nomeado visitador e reformador da Companhia de Jesus, em todos os estados submissos ao rei fidelissimo.

Era o reformador nomeado, inteiramente devoto do conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho, a quem devia o chapéo cardinalicio. Por tanto, não ha para que nos admiremos se logo em 4 de junho, tres semanas sómente depois de sua nomeação, appareceu um decreto declarando os jezuitas réos de traficós vergonhosos e contrarios ás disposições dos sanctos canones.

Tres dias passados, a 7 de junho, o patriarcha D. Manuel Atalaya, apoz uma contenda de quatro horas com o conde de Oeiras, cedeu enfim, e publicou um decreto que despojava todos os jezuitas dos poderes necessarios para exercer o sancto mysterio. E, nas outras dioceses, os outros prelados do reino, egualmente submissos aos caprichos do conde de Oeiras, se deram pressa em providenciar no mesmo sentido.

Foi golpe mortal na Companhia; mas em nenhum peito bateu tão rijo como no de Gabriel Malagrida. O decreto do interdicto chegou a Setubal em 13 de junho. N'este dia celebrava-se na villa a festividade de Santo Antonio de Padua, tão querido dos portuguezes, seus compatriotas. Já grande numero de fieis estava reunido na egreja dos jezuitas para exercitar ahi suas devoções; foi necessario desalojal-os. Então houve um alto clamor de gementes soluços; todo o povo, rompendo em murmuração, condemnou ruidosamente a providencia iniqua que lhe roubava os seus amados padres! Internecido a lagrimas, Malagrida escreveu immediatamente ao padre Diogo da Camara, pedindo-lhe que procurasse o patriarcha, seu parente, e o movesse com as mais urgentes rasões a levantar o interdicto posto á Companhia. Foi o padre Camara ao quarto do prelado, que se estorcia nas vascas da morte. No lance de receber o Viatico, o patriarcha moribundo reconheceu a innocencia dos jezuitas, e d'isso fez lavrar authenticico, que rubricou com o seu anel; mas era tarde; aquella reparação posthuma já não podia estorvar que o conde de Oeiras proseguisse contra a Companhia o seu plano de destruição.

XX

ATTENTADO DE 3 DE SETEMBRO DE 1758 — PRIZÃO DE MALAGRIDA EM 11 DE JANEIRO DE 1759

Havia longo tempo que o conde de Oeiras farejava debalde qualquer pretexto plausivel para consumir a ruina dos jezuitas, maiormente a de Malagrida, quando um caso funesto lh'o occasionou. Na noite de 3 de setembro de 1758, vindo el-rei D. José I da casa da

jovem marquezia de Tavora (D. Thereza) na sege de Pedro Teixeira, seu creado particular, perto do palacio da Ajuda, desfecharam-lhe contra a sege alguns tiros. Eram uns miseraveis assalariados pelo duque de Aveiro, que queria vingar-se de Teixeira que, poucos dias antes, o ultrajara no mais sensivel da sua dignidade.

O rei foi ferido, ou não foi, n'esta emboscada? Com certeza nunca se soube. Como quer que fosse, na manhã do dia seguinte divulgára-se por toda Lisboa o attentado contra a pessoa do rei.

Longe de abafar estes boatos, o ministro, que entrevia com secreto gaudio o modo de perder todos os seus inimigos, denunciou ao rei uma pretendida conjuração, da qual participavam os jezuitas e os principaes fidalgos da côrte. O rei, aterrado, encarregou o conde de Oeiras de castigar os culpados. E' o que elle pretendia.

Não se apressou, todavia, a operar. Por mais de trez mezes, houve-se com profunda dissimulação a respeito das victimas cujo assassinio meditava. Por fim, no mez de dezembro, estalou a tempestade.

No mesmo dia, e á mesma hora, todas as casas dos jezuitas foram cercadas pela tropa; levaram-lhes os papeis, e prohibiu-se a todos os padres apparecer em publico. Ao mesmo tempo, as familias Tavora e Aveiro são prezas e aferrolhadas. O conde de Oeiras creou um tribunal extraordinario, cujo presidente se fez, para julgar os pretendidos reus. São interrogados; mas, apesar das mais acerbas torturas, negam constantemente o crime que lhes assacam.

O duque de Aveiro sómente, vencido pela dôr, faz uma confissão que pouco depois retracta; n'essa confissão, porém, pronunciou o nome de Malagrida e dos jezuitas. Que optima fortuna para o ministro! Passados apenas quinze dias, lavra-se a sentença, condemnando á morte todos os conjurados, e além d'isso, declara os jezuitas, e Malagrida principalmente, primeiros autores do attentado.

Em quanto Lisboa inteira esperava ansiosa o desenlace d'esta tragedia, o antigo apostolo do novo mundo, ainda exilado em Setubal, abafava os seus soffrimentos orando. Áquelle santo exercicio consagra o santo varão quatorze horas entre dia e noite. Dormia trez horas apenas; o tempo restante gastava-o correndo as praças publicas, reunindo á volta de si mendigos e creanças, para lhes fallar de Deus, e exhortal-os a evitar o peccado, e a frequentarem os sacramentos da igreja.

Entretanto, Sebastião de Carvalho não esquecia a sua victima dilecta. A onze de dezembro, dois dias antes da prisão do duque de Aveiro, e de seus pretendidos cumplices, foi Malagrida chamado subitamente á capital pelo cardeal Saldanha. Sem delongas, põe-se a caminho, e chega a Lisboa ainda antes do portador que lhe dera a ordem do prelado.

No meio de suas angustias, os jezuitas de Lisboa sentiram doce consolação quando viram o veneravel missionario. Como preparo

para a triste sorte que os ameaçava, fizeram em commum, dirigidos pelo homem de Deus, os exercicios de seu bemaventurado padre.

Assim se realisaram as palavras que Malagrida dissera em Setubal: “Antes de morrer, farei ainda exercicios em Lisboa; a quem e como? Não sei, mas hei de fazel-os”.

No primeiro dia de recolhimento, enquanto celebrava no altar, derramou copiosissimas lagrimas. Como lhe perguntassem a razão, exclamou: “Ah! é chegado o tempo da tribulação, e não ha ninguem no mundo que possa valer-nos!”

Muitas vezes, no decurso dos exercicios, recommendava a seus irmãos obediencia á vontade de Deus. “Nosso Senhor — disse elle um dia — cuidará de nós durante a perseguição. A Companhia vae ser expulsa do reino; mas voltará um dia. Eu de mim, offereço-me a Deus por todos os meus irmãos; a minha maior dôr, é não padecer eu sósinho. Deus sabe quanto me peza vêr soffrer os meus irmãos!... Confiemos — repetia elle a miudo. — A Companhia resurgirá gloriosa d’esta prova, e d’entre vós alguns hão de acabar a perseguição!”

No dia 28 de dezembro, depois do meio dia, foi chamado ao cardeal, que, sem lhe dar audiencia, o remetteu logo ao ministro. O conde, assim que o viu, caminhou para elle com um papel na mão, e disse-lhe: “Esta carta foi achada na sua banca; foi o padre que a escreveu? — Sim — respondeu Malagrida, lançando-lhe um rapido olhar. — N’esse caso, voltou o ministro, estava o padre sabedor de que se tramava contra os dias do nosso augusto soberano? — Com effeito, replicou Malagrida serenamente — uma voz interior me tinha dito que o rei corria perigo em epocha desconhecida para mim. Entendi ser meu dever prevenir sua magestade. Eis-aqui por que eu escrevi essa carta, que conservei entre outros papeis, esperando occasião propicia de a fazer entregar ao rei. — Mas, retrucou Pombal, por que a não fez chegar a sua magestade por intermedio de algum secretario de estado?”

— Por que eu queria, respondeu o padre, que lhe fosse realmente entregue.

A esta resposta, em extremo ousada, ergueu-se o ministro exclamando: “Ousa assim fallar-me? D’onde lhe vem tanta audacia? — Malagrida respondeu socegradamente:

— Que importa ao que nós dizemos que V. Ex.^a se levante?”

O ministro interrogou-o sobre varios assumptos das missões do Maranhão, e o jezuíta respondeu com a mesma franqueza e firmeza; depois, arrebatando-se Carvalho contra os padres do Maranhão, que accusava de traidores ao rei no negocio das colonias, o velho missionario respondeu mansamente:

— “V. Ex.^a engana-se; melhor que ninguem conheço eu esses remotos paizes, e os apostolos que os evangelisam; e nunca lá vi o

que V. Ex.^a argúe aos padres. Se o eu soubesse e me calasse, julgar-me-hia o mais culpado dos homens.

“Saiba V. Ex.^a, ajuntou elle afinal, que para me induzir a accusar calumniosamente os padres do Maranhão, Sua Majestade, apezar do seu poder, não tem nos seus extensos dominios, nem bastantes recompensas para me seduzir, nem bastantes supplicios para me assustar”.

Despedido pelo ministro, Malagrida voltou a casa do cardeal; mas este recusou ouvil-o, e mandou-o para o collegio.

E' razão admirar-se a gente que Pombal nunca publicasse aquella famosa carta sobre a qual se fundamentou o procêssô intentado contra Malagrida. E' que, em verdade, ella nada continha prejudicial ao santo velho. Se a elle tivesse enviado á côrte, seria com applauso dos padres mais graves, que em verdade o applaudiram.

Um d'esses, o padre Carvalho, parente do ministro, depois de lêr a carta, disse-lhe: “Meu padre, olhe que vai metter-se em terriveis difficuldades”.

— Sei isso, respondeu tranquillo o servo de Deus, eu mesmo serei uma das victimas da caverna do leão; mais isso que monta? Com tanto que me deixem luz bastante para lêr o meu breviário, e me permitam celebrar a santa missa, essas negras masmorras não as temo!

— Mas, meu padre — redarguiu o padre Carvalho, dir-se-ha que foi a Companhia quem o instigou a escrever essa carta ao rei, para lhe incutir terror panico. — Que me interroguem — replicou Malagrida, tomando o crucifixo que tinha ao peito. — Eis a imagem de Jesus Christo, Salvador Nosso, por cujo amor percorri as mattas do novo mundo, soffri fôrme e sêde, e quasi a morte; sobre esta cruz bemdita, eu juraria que ninguem me induziu a este passo, mas que a vontade de Deus unicamente me guiava”.

Depois da sua ultima vista com o secretario de estado, o santo homem apercebia-se na oração para a suprema lucta que em breve devia travar contra o seu inimigo mortal.

Na noite de 11 de janeiro de 1759, a soldadesca furiosa foi tiral-o do collegio, onde estava com sentinellas á vista, desde que voltára a Lisboa, e o conduziu ás prizões do estado. O provincial dos jezuitas, João Henrique, na Junqueira, e os padres José Moreira, Thimotheo de Oliveira, João Alexandre de Sousa, João de Mattos, e outros muitos, entraram com elle na fatal carroça que o conduziu á sua masmorra.

Na vespera, quando palestrava com outros padres á hora de recreio, perguntára elle, quanto tempo o padre Antonio Vieira, seu glorioso predecessor, entre os selvagens do novo mundo, e bem assim na côrte de Lisboa, soffrera outr'ora as prizões da inquisição. Alguem lhe respondeu: dois annos. Ficou elle algum tempo silencioso, e como absorvido em dolorosas reflexões. Com certeza, entrevira o calix amargo que devia tragar até ás fezes.

No dia seguinte ao da prizão, sem ser ouvido, foi declarado reu de leza magestade, cúmplice e auctor principal do attentado de 3 de setembro. Persuadiu-se elle então que Deus lhe acceitára o sacrificio da vida, pela salvação de seus irmãos.

Declarado criminoso de estado, devia, ao que parece, ser executado com os outros presumidos reus que acabaram no cadafalso em 13 de janeiro, atormentados com horriveis requintes de crueldade. Como quer que fosse, ou por que o perfido ministro conhecesse que o povo não estava ainda disposto a julgar capaz de tal crime aquelle santo homem, ou por que quizesse prolongar as angustias e os tormentos da sua victima, o certo é, que o teve dois annos completos em masmorras subterraneas, onde padeceu inauditas torturas.

Avaliemol-as pela carta seguinte, que o padre Manoel Pereira, foragido á perseguição, conserváva em grande apreço para a relêr de tempo a tempo aos seus companheiros de infortunio, e amparar sua coragem desfallecida com o exemplo dos seus irmãos de Portugal. (*)

“Acabam de chegar a Turim dois jezuitas, os padres Fantinos e Bonjoanininus, que o nosso rei, tão bom para os seus vassallos, fez tirar dos carceres de Lisboa, e tratar generosamente durante a sua viagem.

“Forma-se idéia das angustias que passaram, ao ver a pallidez livida de suas faces descarnadas. A sua mansidão, porte, conversação modesta e religiosa, são para os moradores de Turim infallivel prova de sua innocencia. Estes bons padres nos contam coisas maravilhosas e horriveis sobre os padecimentos inauditos que tem de amargurar os jezuitas portuguezes, ainda retidos em ferros, e sob as benções celestiaes, que Deus, em sua bondade, desce sobre elles, em meio de circumstancias extraordinarias.

“Eu li ha dias algumas excellentes cartas escriptas por aquelles presos: São dignissimas dos heroes da primitiva igreja. O que mais me encanta, é vêr em todos esses padres acorrentados por amor de Jesus Christo, perfeita submissão á vontade de Deus, jubilo ineffavel ao travez dos tormentos, amor apaixonado por sua cruz, que tão pesada lhes é! Tem um desejo unico: é dar a vida n’aquella cruz; tem um só medo: é serem apartados d’aquella cruz ainda vivos e a seu pesar.

“A narração das dôres que tragam aquelles heroes cheios de Deus, e verdadeiramente crucificados com Jesus Christo, espantará a posteridade! Dificilmente se acredita que homens de vida irreprehensivel, sepultados vivos em furnas estreitas e tenebrosas, onde não penetra luz nem ar, e tão humidas que a palha que serve de leito aos prezos em poucos dias apodrece e se torna uma esterqueira; bandos inteiros

(*) Esta carta encontra-se na obra de Navarrette. De viris illustribus in Castella Veteri Soc. Jesu ingressis et in Italia extinctis. Bononice. MDCCXCVII, lib. II, p. 9 et segg.

de ratos arrancando o pão das mãos aos condemnados, e passeando-lhe sobre o rosto enquanto dormem; insectos de toda a natureza, uma bicharia infecta, nascida na immundicie e na miseria, as roupetas despedaçadas por tal maneira, que estes desgraçados são obrigados a servir-se de uma pouca de palha ou de um miseravel pedaço de cilício; o tormento da fome, por que raro é o dia em que cada um tem a ventura de receber seis onças de pão de rala; carcereiros brutaes e ferozes, que os tratam da maneira a mais indigna, emfim, uma obscuridade continua, alumiada pelo clarão frouxo de uma lanterna que, muitas vezes, á mingoa de azeite, se apaga, por que de proposito lh'o não deitam!

“Alguns d'estes infelizes tem sido despojados de suas imagens, veronicas, e até do seu breviario; porém, quando lhes quizeram arrancar das mãos a imagem do Salvador crucificado, tão riça resistencia oppozeram, que os algozes não ouzaram arrebatá-lhes esta derradeira consolação no seu martyrio! Outros estão cobertos de ulceras, e está lá um padre ancião, que não tem habito que o cubra, e cujo corpo é uma chaga desde a cabeça até aos pés. Este desgraçado velho, que não póde mover os braços, é obrigado a comer com a cabeça sobre a terra para tomar o alimento com os dentes, e sorver a agua com a lingua.

“Nem missa, nem medico, nem Sacramento, salvo no caso de molestia mortal, e ainda então estes infelizes só recebem o corpo de Jesus Christo, depois que o sangrador, que faz as vezes de medico, atesta com juramento a evidencia da morte. Mas... oh prodigio! Este pão celestial, muitas vezes, restituiu a saude a moribundos que se julgavam perdidos; e dá-se o caso de estar alli um enfermo, que já recebeu o viatico oito ou dez vezes. Pelo que, o cirurgião, quando o chamavam para este doente, dizia: “eu já sei o remedio que o cura; que lhe levem o viatico”.

Muitos d'estes, quando morriam, mostravam no rosto uma expressão celestial. Os proprios guardas, quando levavam os cadaveres á sepultura, diziam com admiração: “eis-aqui verdadeiros rostos de bem-aventurados!” Alguns d'estes guardas, admirando a resignação e coragem heroica d'aquelles prezos, lhes disseram muitas vezes: que raça são vossês? Ahi, onde o mais duro páu, e o mesmo ferro, não resistem á humidade e á ferrugem, vossês podem viver ha tantos annos, e até alguns com bôa saude!”

E' que, em meio d'aquelles tormentos, divinas virtudes amparam os generosos athletas de Jesus Christo.

“Falta-nos tudo — escrevia um d'elles, o padre Kaulen, em 12 de outubro de 1766; mas nada perturba a serenidade de nossa alma. Estamos a padecer incessantemente, e todavia sempre alegres. Acreditae que a maior parte de nós pede ao Senhor acabar aqui seus dias...”

Com certeza, Malagrida era um dos heroes que faziam votos por terminar sua vida n'aquelles horriveis ergastulos; porém, morte mais ignominiosa e horrenda estava reservada para o apostolo de Deus!...

XXI

PROCESSO DE MALAGRIDA

(1759-1761)

Em quanto o sancto ancião se definhava na masmorra, o seu inimigo afanava-se soffregamente em proscrever do reino todos os jezuítas d'uma assentada. Empilhados em alguns navios, desprovidos, sem soccorros, os desgraçados proscriptos, atirados ás ribas maritimas de Italia, eram postos na praia descaridosamente, em numero de 1300!...

Ainda a crueza de Pombal se não satisfazia com estas atrocidades: tinha sêde de sangue. Coacto, com a presença do nuncio apostolico, o cardeal Acciajuoli, inventou falso pretexto para o expulsar do paiz. Depois, desempeçado de qualquer estorvo, apontou o seu rancor ao extenuado velho de 72 annos, que penava nos subterraneos da Junqueira, havia quasi tres annos.

Debalde quiz suspeital-o de regicida. Em todo Portugal, todas as vozes á uma proclamavam alto e bom som a innocencia do *sancto* — que assim chamavam a Malagrida. Se o ministro, pois, quer vencer e esmagar o inimigo, cumpre-lhe apagar-lhe a auréola de sanctidade, com que o povo entusiasta lhe illumina a fronte. Mas esse genio do mal não conhece balisas. A sanctidade de Malagrida, nas mãos do marquez, se tornará arma de mortifero gume. Ao parecer do ministro, aquella sanctidade é impostura, hypocrisia, embuste infame! O ancião, que branqueou nas lides do apostolado, favorecido de dons do milagre, e alumiado de luzes propheticas, não passa de um impio, heresiarca, fautor de heresias, horrido blasfemo! E, em castigo de tamanhos crimes, deve ser entregue ao tribunal da inquisição!

Uma manhã, Malagrida esquecia-se, a orar, dos tormentos do carcere: eis que o carcereiro lhe penetra no subterraneo, e ordena ao velho que o siga. — “Terminou a minha prizão?” — Não: tenho ordem de o conduzir aos carceres do Santo Officio. — O desgraçado beijou o seu crucifixo, e preparou-se para sahir. Estava quasi nú; havia vinte e oito mezes que não mudara de roupa branca; a sua roupetta era um apontuado de trapos. E, n'este estado, compareceu diante dos inquisidores.

Cumprê dizer, em abono de uma instituição exageradamente agredida pelos impios, que Pombal acautelou-se removendo os inquisidores que lhe despraziam, e os substituiu por sujeitos de sua feição. Começou, pois, tirando o cargo de inquisidor geral a D. José, irmão do rei, por que o infante recusára manchar suas mãos no sangue do innocente, e substituindo-o por seu irmão Paulo de Carvalho de Men-

donça. Excluiu, outrosim, do tribunal Fr. Francisco de S. Thomaz, da ordem dominicana. Na primeira sessão em que Malagrida appareceu para ser interrogado, aquelle venerando frade de S. Domingos declarára com nobre firmeza, que não concorria para a condemnação do desgraçado jezuita, por que não via prova alguma dos crimes que lhe increpavam.

O inquisidor geral Paulo de Carvalho, observou-lhe que o rei desejava a condemnação de Malagrida como hereje. — “Não — replicou o digno filho de S. Domingos — não posso capacitar-me de que seja essa a intenção de Sua Magestade, e que o rei se intrometta na ordem judiciaria estatuida n'este tribunal”. O prelado, exacerbado contra a resistencia, impossivel de contrariar solidamente, levantou a voz, bradando: “O rei quer: é mister obedecer!” Este argumento convenceu o corajoso dominico, que já era inutil impedir um julgamento de antemão decidido; mas, em descargo de sua consciencia, repelliu a parte que lhe podia caber em tão feia iniquidade, e sahiu de golpe da audiencia, por maneira que n'aquelle dia não pôde concluir-se o julgamento de Malagrida.

Foi logo o inquisitor geral dar conta do succedido a seu irmão, o qual, para obstar que fr. Francisco de S. Thomaz lhe não embarcasse os designios, expediu-lhe logo officio da secretaria de estado a nomeal-o bispo de Angola.

O modesto frade implorou o ministro que o não sobrecarregasse com encargo tão improprio de seus annos e forças; Pombal, porém, respondeu-lhe apenas que se não queria ir para Angola como bispo poderia talvez ir como simples frade. E fêl-o embarcar logo em um navio que estava de verga d'alto para as Indias. O desgraçado dominicano, quebrado de soffrimentos, morreu durante a viagem, victima de sua constancia, e do seu amor á justiça. D'esta arte, derruía Pombal os obstaculos empeciveis aos seus designios!

Em que se fundamentavam, pois, as novas accusações que o sanguinario ministro sobrepunha á victima? Eram duas obras disparatadas que lhe attribuiam compostas na escuridade da masmorra. Uma intitulava-se: *Vida heroica e admiravel da gloriosa Sancta Anna, dictada por Jesus e sua Santa Mãe*. A outra era um *Tractado sobre a vida-reinado do Antichristo*.

Tal é o corpo de delicto que ninguem viu, nem pôde vêr; por que essas duas obras nunca existiram senão no libello dictado pelo ministro. E não nos tomem isto como affirmção gratuita.

No primeiro tempo de sua prisão, teve em sua companhia o preso padre Pedro Homem, que recuperou a liberdade em 1777, depois da quêda do marquez de Pombal. (*) Ora, este padre, fazendo revisar

(*) *De tribus in Lusitanos Jesu socios publicis juliciis dissertatio*. Norimbergæ, 1793.

o seu processo de condemnação, sustentou, perante os juizes, que o padre Malagrida, por sem duvida compozera uma *Vida de Santa Anna*; mas que não tinha nada que vêr com a que lhe attribuiram no procêssso.

“Quanto á obra sobre o Anti-Christo — accrescentou o padre Homem, não foi auctor d’ella Malagrida; mas sim o infame padre Platel, o ex-capuchinho Norbert, estipendiado por Pombal para calumniar os seus adversarios”. Este miseravel recebia pelo seu infame mister uma pensão de 1:300\$000 rs.

Não obstante, os inquisidores deram extractos d’estas pretendidas obras de Malagrida, em que faziam dizer ao apostolo que “Sancta Anna tinha feito, antes de nascer, os tres votos de religião; e que, para contentar todas as pessoas da Sanctissima Trindade, fizera voto de pobreza ao Padre, de obediencia ao Filho, e de castidade ao Espirito Sancto, etc., etc. . . .” As proposições extrahidas da obra ácerca do Antichristo são ainda mais desatinadas. Segundo elles, Malagrida propozera que haveria tres antichristos, o padre, o filho e o sobrinho; que este nasceria no anno 2920 em Milão; que esposaria Proserpina, etc. Se tal impostura fosse admissivel, essas seriam as heresias ou antes os desvarios que Malagrida escrevêra ou dictára em uma caverna onde não tinha penna, nem tinta, nem papel, nem copista . . .

Conceda-se por um momento que essas absurdas ridiculezas sahiram da penna de Malagrida. Que devia, que podia deprehender-se d’isso, senão que o infelicissimo ancião, em resultado de privações e padecimentos com que o flagellavam, inlouquecêra!? E em tal cazo, que povo, já não direi culto, mas em que barbaro paiz se condemnaria um mentecapto ao garrote e ao fogo? Por isso, Luiz XV, quando leu a sentença do sancto officio, exclamou indignado: N’esse caso tambem eu devia mandar matar esse desgraçado louco *des Petites Maisons* que se julga o Padre Eterno!” (*)

Malagrida nem era réu de heresias, nem estava doido. Muitas vezes a sabedoria das suas respostas enleiou os inquisidores. Na primeira audiencia declarou solemnemente que submettia os seus escriptos ao juizo da egreja romana; no gremio da qual desejava viver e morrer. “Desde já, ajuntou elle, me desdigo de todas as proposições que ella declarar avêssas á sancta doutrina”. Interrogado sobre o que acreditava de suas revelações, respondeu: Confesso que sou peccador; não me compete dizer o que sinto de minhas proprias revelações”. — Ignora — perguntára-lhe um juiz — que Deus não escuta os peccadores? — “Sei; — respondeu — mas tambem sei que Deus disse pela bocca do psalmista: “Quando vier o meu tempo, julgarei as justicas”. Os inquisidores citaram-lhe as palavras do Apostolo; “Não creias em todo o espirito”. — Certamente, voltou Malagrida — mas

(*) Murr, *Journal zur Kunstgeschichte*.

Jesus Christo disse: “Na cadeira de Moisés estão assentados os scribas e phariseus”. Constrangido a confessar que era um impostor, exclamou: “Se a vida que vivi até aos 72 annos foi uma simples hypocrisia e impostura, possam os cravos que prendem nosso Senhor Jesus Christo a esta cruz, transformar-se em raios de fogo e reduzir-me a pó!” A voz com que o ancião proferira esta imprecação, fez tremer os juizes em suas poltronas; mas o coração d’elles estava impedernido, sua alma venalissima não podia amollecere aos gritos da consciencia.

Faltava ainda um traço na humilhação da victima: não bastava accusal-o de impiedade, de heresia e de blasphemia: era preciso infligir-lhe ás cans a nodoa de vicio mais aviltante. Em seu subterraneo, Malagrida tivera como companheiro um mau padre, desvirtuado por seus costumes viciosos: foi este o escolhido pelo marquez de Pombal para a execução de um plano satanico. Vendido ao dinheiro do ministro, aquelle sclerado não duvidou accusar o santo velhinho, curvado sob o peso de tantos trabalhos apostolicos, de ser escravo de costumes infames. Revê tudo que ahi ha de mais incrivelmente hediondo em tal accusação. Comtudo, os juizes escutaram a voz d’esse vil impostor, e declararam Malagrida convencido do crime de impudicia!

Finalmente, no fim de janeiro de 1761, appareceu a sentença, produção tão infame e escandalosa que é difficil lê-la até ao fim! O marquez, advertido pelos seus das palpaveis contradicções da sentença, esforçou-se por tiral-a da publicidade; mas já não era tempo: esse monumento de cruel bestialidade percorreu a Europa, e será eterno padrão de opprobrio de seu auctor! Dal-a-hiamos aqui, se não estivessemos convictos de que nenhum leitor teria animo de lêr setenta e duas paginas de calumnias. O proprio Voltaire, quando leu esta sentença, não se teve que não exclamasse: “Ao excêso do ridiculo e do absurdo, ajuncta-se o excesso do horror!”

Segundo os termos da sentença, Malagrida era réu de heresia, de blasphemia, de falsas profecias, e de impiedades horrorosas; réu de abusar da palavra de Deus; de ultrajar a magestade divina, ensinando moral infame e escandalosa; de seduzir os povos com a pertinacia de sustentar até ao seu ultimo momento pretendidas revelações e condemnaveis heresias: de ter envidado todas as industrias para derramar em Portugal, e nos estados seus subordinados, as suas abominaveis doutrinas, etc. Por taes crimes, e como heresiarca obdurado, o condemnaram a ser sem demora degradado das ordens e relaxado ao braço secular. O tribunal civil julgou reaes os enormes crimes que pezávam sobre o infeliz ancião, e logo lavrou sentença condemnando o apostolo a ser garrotado pela mão do algoz, e queimado na Praça publica de Lisboa.

XXII

EXECUÇÃO DE MALAGRIDA EM 21 DE SETEMBRO DE 1761

Aos 21 de setembro de 1761, dia em que a igreja celebra o martyrio do sancto apostolo da Ethiopia, se consummou o supplicio juridico de Gabriel Malagrida. Pombal, desde muitos annos docil ás lições philanthropicas dos philosophos, abolira em Lisboa as procissões do auto-da-fé, *momices d'outro tempo*, como elle, a muito, lhes chamava; porém, para o martyrio de Malagrida, por odiosa excepção, restaurou o antigo costume, e ordenou que a procissão se fizesse com a maxima solemnidade.

Em redor da praça do Rocio fez construir palanques para a nobreza e para o povo, convidando a côrte para esse vergonhoso e sanguento espectáculo. A tropa occupava as avenidas das ruas e praças visinhas, para manter a ordem da multidão immensa que confluira ao logar da carnificina. O cadafalso sobre que devia lêr-se ao réu a sentença condemnatoria, disposto em amphitheatro, decoraram-no luxuosamente. O ministro presidiu á cerimonia. Em frente d'elle estava o monarcha e a côrte.

Para negrejar ainda mais o horror do espectáculo, esperou-se até ao empardecer da tarde, para que o ancião fosse levado ao supplicio atravez de algumas ruas entre cirios funebres. E, com o fim de excitar contra elle os ultrajes do povo, pozeram-lhe na cabeça uma especie de mitra de papellão, e sobre a sua roupêta de jezuíta, unica que ainda se encontrou em Portugal, pintaram-lhe, como nos sambenitos, grotescas e horrendas figurações de demonios. Sahiu do carcere, com as mãos atadas para as costas, e um freio de páu na bocca, entre dois frades benedictinos e duas pessoas destinadas, segundo o usual, a servirem-lhe de padrinhos na cerimonia do auto da fé. Depós elle caminhavam mais 52 condemnados; mas foi elle o unico estrangulado, o unico a padecer, naquelle sevo dia, morte cruel e infamissima!

Quando subiu com firme passo os degrãos do patibulo, um commissario do tribunal lhe leu a sentença. Depois, o bispo de Sparta, coadjutor do cardeal-patriarcha, procedeu á aviltadora cerimonia da degradação. Terminado isto, exhortou o paciente a confessar os seus crimes e a pedir perdão ao rei e ao povo do escândalo que dera. “Desde que puz os pés na terra portugueza — respondeu com dignidade o sancto velho — servi sempre S. M. Fidelissima como bom e leal subdito; comtudo, se, por ignorancia, o offendi na minima coisa, eu lhe peço humilde e sinceramente perdão”.

Depois de proferir vibrantemente estas palavras, em meio de profundo silencio da multidão, entregou-se ao carrasco encarregado de o garrotar. E, no momento em que expirou, proferiu distinctamente estas palavras: “Senhor, havei piedade de mim; nas vossas

mãos entrego a minha alma. Neste momento, dizem muitas relações dignas de fé, que o seu rosto se illuminou de subito de extraordinario resplendor, que arrancou um brado de surpresa e espanto aos milhares de espectadores. O carrasco accendeu logo a fogueira; e, para evitar que o povo recolhesse as cinzas do sancto martyr, foram logo lançadas ao mar. Muitas pessoas affirmaram que se achou entre as cinzas o seu coração perfeitamente illeso e que uma piedosa matrona o levára para sua casa como preciosa reliquia.

Assim morreu o padre Gabriel Malagrida, na edade de 72 annos, dos quaes vivera 50 na Companhia de Jesus, e consagrára mais de 40 no serviço de Portugal, tanto no Novo-Mundo como na Europa.

Eis-aqui o retrato que nos deu o padre Rodrigues, que teve a ventura de o conhecer em vida: “Malagrida era de estatura mediana; em seu rosto, onde transparecia uma nobre dignidade, lia-se a indole modesta e branda; ordinariamente estava pallido, mas se fallava das coisas de Deus, purpureavam-se-lhe as faces; brilhavam-lhe então os olhos com umas scintillações de extraordinario fulgor; a testa era saliente mas não larga; o nariz bem feito, os beiços rubros, os cabellos louros e barbas longas que por maravilha encaneceram antes do cabello. Todo o seu exterior respirava santidade, e ninguem que o visse deixaria de respeital-o e veneral-o.

Quando o summo pontifice Clemente XIII soube as particularidades da sua morte, exclamou: “A igreja de Jesus Christo tem mais um martyr! E á sua vista fez o papa gravar um retrato de Malagrida com uma gloriosa inscripção, em que se diz que elle morrera pela justiça, e pela verdade. Eis a inscripção:

Apostolicus e S. J. vir, Italus,
Vitæ sanctitate, rebus gestis miraculisque clarissimus,
De Lusitanie regnis, de populis immortaliter meritis,
Olim Joanni V. Regi fidelissimo apprime carus,
Mariannæ Austriacæ Reginae indivinis rebus consultissimus
Summis infimisque semper mire gratus ac venerabilis,
Soli invisus Dæmoni ejusque fautoribus et ministris. Qui
Maragonum, Brasiliamque cum sacro ministerio peragratus,
Christi ac Regis imperio inter Barbaros propagato, pietate
Inter Christianos vel restituta, vel aucta, puerorum seminariis,
feminarumque cœnobiis passim erectis.
Hisque inter infinitos labores
Et mille vitæ discrimina confectis rebus,
Ex India revocatus in Lusitaniam
Dum corruptos hominum mores corrigere impensius studet

Concussam terræ motu Ulyssiponem metu salutari concutiens,
Veluti quietis publicæ perturbator, urbe pulsus primum,
Mox impiæ contra regem conjurationis arcessitus,
Postremo violatæ religionis lege damnatus,
Inter bonorum lacrymas et præconia
Publico tamen omnium judicio absolutus,
Illatam injuste necem, pie fortiterque excepit
Ulyssipone, die XXI
Septembris anno Domini 1761, ætatis suæ 72.
Post an-
nos prope 40 Lusitaniæ saluti unice impensos.

XXIII

OS PERSEGUIDORES DE MALAGRIDA

Decorridos dez annos sobre o supplicio de Malagrida, ainda o odio do seu perseguidor ia procurar a victima no tumulto.

O famoso opusculo do padre Malagrida, *Juizo sobre as causas do terremoto de 1755*, tinha muito quem o lêsse ainda em Lisboa. Pombal, vendo com irritação o profundo abalo que a leitura do folheto fazia nos espiritos honestos, só descansou quando pôde prescrever a obra com os seus artificios. Obteve pois do credulo monarcha um edital mandando que o livro fosse queimado pela mão do carrasco.

Debalde, porém, cuidára o marquez que ajuntava mais uma ignominia á memoria do veneravel apostolo. Dignou-se Deus mostrar a toda a luz, a innocencia do seu servo. E' caso verdadeiramente digno de nota, que todos os que participaram do assassinio juridico de Malagrida, experimentaram já n'este mundo os effeitos da justiça divina.

Ditosos seriam se podessem conhecer a mão que os feria!

A sentença que relaxava Malagrida ao braço secular era assignada por Paulo de Carvalho de Mendonça, João Mancilha, e Nuno Alvares Pereira. Todos trez tiveram morte miseravel.

Já vimos como o marquez de Pombal elevára seu irmão Paulo ao cargo de inquisidor geral, contra todas as regras de direito e de justiça; queria tambem obter para este irmão, em demasia condescendente, a dignidade de cardeal; já o papa Clemente XIV tinha expedido cartas em que concedia a purpura romana ao protegido do ministro; mas, antes que o breve chegasse a Lisboa, morreu Paulo de Carvalho de morte subita.

O inquisidor Nuno Alvares Pereira, no dia da execução de Malagrida, dera um esplendido jantar, em signal de jubilo. Pouco tempo depois, foi atacado d'uma molestia grave, triste consequencia das suas devassidões.

Em poucos dias, o seu corpo era um esterquilinio, exhalando um fedor intoleravel. Desamparado de amigos e até de creados, ficou só com elle uma mulher desde muito sua consocia na libertinagem. No entanto peiorou a olhos vistos, e chegou ás ultimas. Deliberaram então

levar-lhe de casa a desgraçada cúmplice para salvar ao menos as apparencias, e ministrar-lhe os ultimos sacramentos. Mas o miseravel, que desde o começo da enfermidade raivava desesperado, e não quizera saber nunca de confissão, persistiu impenitente até ao derradeiro suspiro. Dilacerado pelos remorsos, preza de bem fundados terrores, expirou escabujando furioso, com todos os symptomas de precito.

João Mancilha, que as intrigas de Pombal elevaram a provincial dos dominicos, não foi menos punido pela justiça divina. Logo que morreu D. José I, a rainha D. Maria, que lhe succedeu, fez prender o condescendente inquisidor. Levado perante uma commissão nomeada para o julgar, foi convencido de toda a casta de crime, e condemnado á morte; mas a rainha lhe perdoou, commutando-lhe a pena em prisão perpetua no convento de Pedrogão, distante de Lisboa.

Hão-de lembrar-se da falsa testemunha que impoz a Malagrida accusações infames. Poucos mezes depois, o sclerado cegou, e expirou em longos soffrimentos suas abominaveis calumnias.

Pelo que respeita ao impostor Norbert, não nos deteremos com a historia bastante notoria d'esse vil aventureiro.

Bastar-nos-ha o que d'elle disse o bispo de Sisteron na sua pastoral de 24 de abril de 1745: "O capuchinho Norbert, é um rebelde, sedicioso, obcecado pelo orgulho e mentecapto; é um homem atrevido, que nunca teve espirito de vocação; um devasso que é a vergonha de seus confrades, um demente que se manifesta a cada hora por novas extravagancias; um rebelde que formalmente protesta não reconhecer superior, nem ecclesiastico, nem secular; coração retrincado sem viso de honestidade ou boa fé, espirito perigoso que nunca se deve perder de vista; enfim é um homem capaz de tudo". O ex-capuchinho Norbert, tambem conhecido pelo nome de abbade Platel, sobreviveu longo tempo áquelle retrato nada lisongeiro, mas fiel. O seu procedimento foi igual até á morte, em 1770, correspondendo no modo como morreu, á maneira como viveu.

Porém, o genio máu, cujos traços a cada passo se topam intervindo n'essa immensa iniquidade, foi o marquez de Pombal. A hora da vingança celeste bateu tambem para o ministro orgulhoso, e terriveis foram suas vinganças.

Forçado a demittir-se de secretario de Estado, despojado de todos os empregos, reduzido á condição de simples particular, e banido da capital, o marquez retirou-se para a villa que lhe dera o titulo.

Um grito de vingança resoou contra elle de todos os pontos de Portugal. Mais de oitocentas victimas restituídas á liberdade pediam justiça! Citado ao mesmo tribunal onde tinha feito condemnar tantos innocentes, o velho ministro chegou a saber que contra elle se projectava a sentença de morte, mas a rainha, por compaixão da sua velhice de oitenta annos, lhe perdoou, mais piedosa do que elle fôra com Malagrida. Desterrado para Pombal, ahi arrastou vida miseravel, até aos

8 — R. I. H.

83 annos. Oxalá que aproveitasse na queda, chorando os seus crimes! Mas, eivado das doutrinas impias dos philosophos do seculo dezoito, já no leito da morte despresou os confortos da religião. (*)

Não ha muitos annos (era em 1829) que os filhos da Companhia resurgida entravam em Portugal, como predissera Malagrida. Por onde quer que passaram receberam-nos em triumpho os catholicos habitantes do reino fidelissimo. Os vigarios sahiam-lhes ao encontro nos limites de suas parochias, e os acompanhavam até ao territorio da parochia visinha.

Os sinos, as girandolas, as musicas, os arcos triumphaes, nada esqueceu. D'este modo, os sucessores de Malagrida, por entre aclamações festivas do povo, chegaram a Pombal, antiga residencia do ministro de estado.

“Por effeito verdadeiramente extravagante das paixões humanas, e por uma cadêa de conjuncturas inexplicaveis, o corpo do perseguidor da Companhia, jazia ainda em Pombal sem sepultura.

“Os despojos do celeberrimo ministro tinham sido fechados em um pobre esquife, coberto com um máu pedaço de panno preto, e posto á entrada de uma capella pertencente aos franciscanos. Pombal, apezar dos 800 mil ducados que confessou ter gasto na extincção dos jezuitas, e apezar das restituições a que foi condemnado, tinha legado farta riqueza á sua numerosa familia, para que podesse erigir-lhe magnifico monumento na sua terra de Oeiras. Mas nunca seus herdeiros poderam obter a permissão de o transferir. O primeiro estorvo, foi o ministro que lhe succedeu, e assim se vingava de uma recusação da mesma natureza que o marquez de Pombal lhe fizera.

“Mas depois d'esta epocha, não póde explicar-se, sem especial disposição da Providência, como o cadaver do anniquillador da Companhia podesse estar insepulto, como para n'este estado esperar, na estrada de Lisboa a Coimbra, que a mesma Companhia voltasse. Com certeza não previra elle isto, quando disse: “Ella voltará, mas hade-lhe ser difficil fazer ninho”. Não se faz idéa da impressão que

(*) O Visconde de Carnaxide, “O Brasil na Administração Pombalina”, Brasiliana, vol. 192, página 60, citando Marquês de Rio Maior, diz isto:

Em 8 de Maio de 1782, com 83 annos de idade, morreu o Marquês de Pombal e “não lhe faltaram nem parentes nem familiares que rezassem com êle e por êle no supremo lance, nem ministro do Senhor para o confessar, ungi-lo, dar-lhe em alimento o Corpo de Cristo e aplicar-lhe a Indulgência plenária para a hora da morte”.

(Nota do pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.)

“este encontro fez no espirito dos padres: confessam nunca ter experimentado sensação mais forte do que sentiram ao avisinharem de Pombal, e mórmente quando entraram na capella, e ouviram dizer: eis-aqui o seu tumulto.

“O padre superior (era o padre Delvaux, cujas palavras temos a honra de citar terminando este livro), representando em Portugal a Companhia, intendeu cumprir seus deveres, esquivando-se ás acclamações do povo, para ir á igreja dos franciscanos, e ahi, profundamente recolhido, em frente do corpo do marquez de Pombal, rezar “uma missa de defuntos pelo descanso de sua alma”.

Tal' foi a derradeira vingança dos irmãos e sucessores de Malagrida.

FIM

A Constituinte de Alegrete

*(Capítulo de "A Guerra dos Farrapos",
ensaio romanceado, no prelo dos editores Ir-
mãos Pongetti, no Rio de Janeiro).*

Paulino Jacques

Em 1811, na campanha contra os castelhanos invasores, tropas portuguesas acamparam à margem esquerda do arroio Inhanduí.

Lá estiveram muito tempo, de forma que o acampamento cresceu, pouco a pouco. Os soldados foram constituindo família e levantando os seus ranchos de beira-chão. Ao cabo de cinco anos, tamanho o impulso povoador, o primitivo acampamento, acrescido de novos guerreiros e gaúchos livres, tornou-se um povoado. :

Ranchos de barro e santa-fé, uns poucos de madeira e zinco, onde se instalavam os boliches, e algumas barracas das tropas em ação, agrupadas irregularmente, nas proximidades do rio, formavam a aldeiola nascente.

Os seus escassos habitantes puzeram-na sob a proteção de N. S. da Conceição Aparecida, chamando-a por êste nome.

O crescimento da população e o número de ranchos e casebres, que se levantavam de mês a mês, auguravam-lhe um futuro radiante. As terras eram férteis e a irrigação não deixava nada a desejar.

Entretanto, as guerras com os castelhanos continuavam cada vez mais encarniçadas. Havia invadido um bom pedaço da Província de S. Pedro e teimavam em permanecer nesse território. O Marquês de Alegrete, comandante das tropas que os repeliavam, caiu sobre eles, com vontade de expulsá-los, definitivamente, acabando com os abusos e saques que praticavam em nome da liberdade. Não podendo resistir, retiraram-se, como bárbaros, destruindo e arrasando tudo. Ao passarem pela povoação da margem esquerda do Inhanduí, encolerizados pela derrota sofrida, saquearam-na, violando-lhe os lares. Após assassinares os que vinham em defesa da sua terra e da sua honra, incendiaram a aldeiola, reduzindo-a a cinzas. Isto em 1816, ou me-

lhor, na segunda campanha contra os castelhanos, que queriam, a ferro e fogo, apossar-se da Província.

Sem tardança, em protesto vibrante, o Marquês de Alegrete, que sabia da uberdade da região e da fatalidade do povoamento, que pairava sobre ela, em virtude de os antigos habitantes irem-se, de novo, agrupando em seu redor, mandou construir uma pequena igreja, na colina da margem esquerda do Ibirapuitã. Este rio, que nasce na Coxilha de Sant'Ana e desagua no Ibicuí, recebe, a sua vez, as águas do Inhanduí, um pouco acima do povoado de N. S. da Conceição Aparecida. Os antigos habitantes da aldeiola, ao saberem do erguimento da igreja, que tomou o mesmo nome, dirigiram-se logo, para lá, e começaram a levantar os primeiros ranchos e casebres, ao redor da capela. Foi o primeiro movimento povoador que se processou às margens do plácido e silencioso Ibirapuitã.

Com o decorrer do tempo, o povoado começou a crescer. Eram novos campeadores e gaúchos livres que vinham engrossar as fileiras dos primeiros homens que lavraram a terra ubérrima para semear o milho e o feijão, e construírem as pequenas mangueiras para ordenhar vacas de leite.

Os habitantes multiplicavam-se. Os ranchos e casebres cresciam em número, já erguidos mais ou menos em linha. As estradas reais, largas e infindas, cruzavam-se no seio da aldeia, como que traçando as linhas gerais de sua conformação futura. Os terrenos cultivados cobriam-se de árvores frondosas e da vegetação verde dos cereais e hortaliças domésticas. A aldeia caminhava para a vila. Em 1831, elevou-se o povoado àquela categoria.

Em homenagem ao seu ilustre fundador, a vila de N. S. da Conceição Aparecida passou, mais tarde, a chamar-se vila de Alegrete.

Os farroupilhas haviam-na escolhido para capital da República, não porque quisessem homenageá-la, mas por questão de estratégia, pois a sede do governo, de há muito, andava de um lado para outro. E, tendo sido nomeado, o Barão de Caxias, presidente e comandante das Armas da Província, em Novembro de 1842, urgia muita precaução.

Êles já pressentiam a atitude que tomaria o grande soldado da paz, com a sua coragem prudente e generosa.

A Constituinte, cuja inauguração ficara assentada, logo após a posse de Bento Gonçalves, somente, agora, podia ser instalada, pôsto já estivesse bem acentuado o desentendimento entre os membros do governo, não por falta de unidade no ideal comum, porém, por circunstâncias próprias da situação e por funestas manifestações de personalismo, da parte de alguns chefes menos avisados.

A vila é, ainda, bastante acanhada. Compõe-se de umas quarenta casas de tijolo e telha, dispostas em tórno da praça, onde se encontra pequena igreja, e de mais meia-dúzia de ruas, estreitas e curtas, que acabam em estradas largas e interminas, por onde os car-

reteiros trazem as carrêtas cheias de víveres e os soldados farrapos vêm receber ordens dos chefes. O mais são casas de madeira e zinco, quando não de barro e santa-fé, dispersas, em todos os sentidos, ao lado das estradas.

A praça foi, outrora, um capão perdido no centro da colina. A estada constante de fôrças militares e tropeiros, que acampavam em suas bordas, fê-lo tomar, porém, um aspecto menos bravo. E, pouco a pouco, os tarumãs, grapias, angicos, canelas, louros e cangiranas, que serviam de lenha para alimentar os fogões, foram caindo, ante o machado demolidor dos visitantes. Algumas árvores, contudo, sobreviveram à derrocada e vieram constituir a praça, em tórno da qual se ergueram as primeiras habitações. Pôsto as árvores, vencidas pelas fôrças do homem, houvessem perdido o vigor selvagem, o capim conservava, a despeito de tudo, o viço primitivo, vivo e luzente como uma esmeralda. A praça parecia um protesto do campo contra a invasão da cidade, ou melhor, da natureza contra o artifício da civilização.

A Câmara Municipal funciona num prédio sito à rua do Arvoredo (hoje, dos Andradas), esquina do Comércio (atualmente, Gaspar Martins), com cinco portas e duas janelas, na primeira rua, e três portas e uma janela, na segunda.

As casas mais apresentáveis enfileiram-se ao lado e em frente do edifício. São as dos vereadores e a do presidente da Câmara, e de mais alguns estancieiros abastados, que andam na guerra. A outra gente tem casa na praça, ou nas ruas centrais, e a população, lá onde as ruas se confundem com as estradas. Aquelas são, relativamente, planas, e estas, largas e tortuosas. As calçadas, feitas de enormes lajes, ligadas umas às outras por cimento, terminam numa vala rasa, por onde correm as enxurradas, nos dias chuvosos. A iluminação é natural. De dia, o sol aclara tudo, e, à noite, as estrêlas e a lua espalham luz de velório, nas ruas desertas. Nas casas, é o lampeão, o candieiro, a lamparina e a vela de cera ou sebo, que ardem, cabeceantes, até altas horas da noite. Quando chove, embaça-se a claridade, de dia, e, à noite, dilue-se na escuridão. Por vezes, os transeúntes topam uns com os outros, ao dobrar uma esquina, e desculpam-se, pois se trata de acidente comum, seguindo cada um o seu caminho.

A igrejainha é de simplicidade encantadora. Casa de material, com paredes altas e longas, tendo, à frente, uma porta elevada, em cima da qual se vêm duas janelas, também amplas. Não possui torre. Alguns degraus de pedra acabam o adro. No interior, domina o mesmo comedimento. Pequeno altar com a imagem de N. S. da Conceição, ladeada das de S. Francisco e S. Jorge. Este altar é coberto de pano vermelho e tem uns poucos castiçais com velas esguias, que ardem durante as solenidades. Vários bancos de madeira colocados em linha, uns atrás dos outros, e um confessionário ao lado. Estreita peça, à esquerda do altar, serve de sacristia, onde se vêem dois

armários e um crucifixo pregado na parede. Guarda os paramentos do padre. Pequeno côro, que fica, à entrada, em cima, com duas janelas. Simples, como a verdade, eis a igrejinha.

Grande parte das tropas farroupilhas em operação nesses pagos, acampava nos arredores da vila, que, perdendo a quietude habitual, era presa de grande agitação. Dia e noite, os guerreiros cortavam as estradas e ruas, a serviço, trazendo informações e levando ordens. Soldados, com enormes lenços vermelhos a tiracolo, montando cavalos fogosos, e armados de lança, galopavam pelas ruas estreitas, a sós, em piquetes, ou acompanhando oficiais de transmissão. Nas poucas barracas que havia no acampamento, dormitavam soldados, feridos ou doentes, enquanto outros, acantonados à beira do mato, ou em casas, ao lado da estrada, recuperavam as forças perdidas em entreveros sangrentos, num repouso longo e apazível. Há três dias que gozavam dêsse lazer necessário, alimentando-se bem, pois haviam passado fome dias antes, em marchas ininterruptas. Cantarolavam ao som da gaita e do violão fiéis, para “espantar os males”.

Ao redor do fogo, que acabava de ser aceso, conversavam soldados, preparando o churrasco e o chimarrão da manhã.

— Vocês devem ir apreciar a instalação da Constituinte, hoje, às dez horas.

— Vou, quero ver o general falar.

— Eu, também.

— E eu não vou, porque não tenho roupa; como vêem, estou só de cheripá.

— Ora essa, então tu não arrumas umas bombachas emprestadas?

— Onde?

— Qualquer companheiro te empresta.

— E' claro.

— Já andei de fogão em fogão, e não encontrei quem me emprestasse; de fato, ninguém possui. Qual de vocês, acaso, tem para me emprestar?

— Só tenho as que tu vêes, aquí no meu corpo.

— Eu, também.

— E eu, também.

— Pois então? Vocês não vêem que a roupa que o pessoal possui é a do corpo, nem mesmo os chefes se vestem regularmente?!

Os farrapos trajavam-se muito mal. As marchas puxadas e os poucos recursos financeiros da República, não comportavam outro modo de viver. Com pouco dinheiro e sem crédito, estavam destinados a sofrer muito. O que lhes valia, entretanto, era a envergadura moral, essa coragem inquebrantável que os glorificou para sempre.

Nos outros fogões, que ardiam em braseiro vivo, sapecando carne e aquecendo água para chimarrão, o mesmo espetáculo se presenciava.

— O Barão de Caxias já está aí!

— Que venha!

— Temos poucas armas, é verdade, mas muita coragem!

— Comer vivo a gente, êle não vai; na pior das hipóteses, poderá nos matar, a todos; mas, isso é da vida; que diabo!

— Eu sei muito bem de tudo isso, mas nunca é demais lembrar que o homem é valente e vai nos dar o que fazer!

— Nós brigámos com muitos homens valentes e estamos aqui!

— Então?!

— Estamos vivos para morrer!

Nas barracas, estavam os feridos, acordados. A madrugada foi geral, a não ser para aqueles, cujo estado era grave, os quais, ainda, dormiam. Deitavam-se nos arreios, bebiam hervas do campo e faziam curativos locais. Os ferimentos de bala eram mais raros, abundavam os de espada e lança.

O enfermeiro-mor, pela manhã, percorria tôdas as barracas, indagando do estado dos feridos.

— Como passou a noite, *seu* Nicácio?

— Lindo, como sempre.

Nicácio tinha um ferimento proveniente de bala que lhe atravessara o olho esquerdo e o pescoço.

— E, aquí, o amigo Alfredo?

— Da mesma forma, *seu* enfermeiro; tive, apenas, muita sêde.

Alfredo recebera um lançaço na barriga e tivera os intestinos quase rompidos.

— E o senhor, *seu* Tinoco, como vai?

— Aquí, como Deus quer!

Tinoco tinha dois balaços na espinha e a perna esquerda fraturada. Estava prestes a entrar em agonia. Brigara como um tigre, no último encontro.

O enfermeiro-mor percorreu outras barracas. Em tôdas elas, os feridos mostravam-se à altura de si mesmos. Médicos e cirurgiões rareavam-lhes. Mas, havia curandeiros, ou aplicadores de hemeopatia, e, nem por isso, os casos de morte abundavam. O bisturi para as intervenções cirúrgicas, era a cacheringuengue, que cortava e aparava tento. Gaze, algodão e desinfetantes escasseavam. Entretanto, não faltavam hervas campestres. Material de enfermaria e drogas farmacêuticas não eram conhecidos.

Valeu-lhes de muito o terem acampado nas proximidades da vila. As famílias abastadas lhes preparavam roupas e haviam encomendado do Uruguai armamento e munição. Gêneros alimentícios — pão, farinha, herva de mate, café — foram distribuídos às mancheias.

Encomendaram-se, também, arreiaamentos, da Argentina. Os soldados encilhavam muito mal os seus cavalos. Muitos montavam em pêlo.

Se a luta fôra em si mesma, a princípio, coragem e abnegação, agora o era em maior escala. As condições materiais dos republicanos tornavam-se, dia a dia, cada vez mais precárias. O império estava disposto a esmagá-los, de ponto, custasse o que custasse.

Na manhã de 1.^o de Dezembro de 1842, o edificio da Câmara Municipal encontrava-se todo enfeitado, por dentro e por fora. Bandeiras, flores, retratos dos chefes farrapos, cortinas com as côres da revolução, folhagens vistosas, tudo falava festa e entusiasmo. No salão principal, em anfiteatro, sentavam-se os constituintes em suas poltronas. Em frente, os que presidiam à solenidade, em cuja mesa se viam vasos com flores odoríferas, nas extremidades, e um grande tinteiro prateado, ao centro. Atrás dos constituintes — cujos vultos mais eminentes, entre outros, eram Ulhoa Cintra, Domingos de Almeida, Mariano de Mattos, Prado Lima, Lucas de Lima, Serafim França Antônio Vidente, Francisco de Sá Brito e Luiz Inácio Jacques ⁽¹⁾ — havia cadeiras colocadas em fila, onde se assentava a assistência. O salão, amplo, era repleto, havendo gente até em cima das janelas. O arrebatamento generalizava-se. Ia-se elaborar a lei suprema da novel República.

O presidente da mesa, o deputado Martins Avila, nomeou uma comissão, para introduzir, no recinto, o general Bento Gonçalves da Silva, que se encontrava numa saleta, ao lado.

Ao dar entrada na sala das sessões, o presidente da República é vivamente aclamado. Durante minutos, ouvem-se os aplausos entusiásticos do povo.

O padre Martins Avila dá-lhe assento, ao seu lado. Bento Gonçalves ergue-se, a seguir, para ler a fala de abertura.

Pôsto de estatura média, empolga o seu aprumo. Veste elegante farda de general, com o garbo que lhe é peculiar. A cabeleira basta, cobrindo a cabeça bem conformada, termina em suíças espessas e longas, que fazem moda. Ostenta, ao peito, as condecorações imperiais, que assinalam os seus inestimáveis serviços prestados à pátria, nas lutas cisplatinas. Como uma luva, a farda de gala senta-lhe no corpo. Sustentando a espada com a mão esquerda, com a direita segura as tiras de papel, que vai ler.

Relata os fatos que motivaram o adiamento da instalação da Constituinte, entre outros, a circunstância de mudar a sede, a Capital da República, segundo os imperativos de ordem militar, o que impossi-

(1) O autor é bisneto paterno destes dois últimos.

bilitava a reunião de todos os deputados, em determinada localidade, num dado momento. Afirma que, embora os Estados vizinhos não houvessem, ainda, reconhecido a República, mantinham com ela relações officiosas sobremodo acentuadas, e que o novo Estado gozava da simpatia de grande número de brasileiros de outras Províncias, razão por que só se lhe podia augurar um auspicioso futuro.

A oração é, de minuto a minuto, interrompida pelos aplausos da assembléia, ou melhor, dos situacionistas, e da massa entusiasta, de quem o general é ídolo.

Após entrar em considerações de ordem política e militar, sempre aplaudido, termina:

“Aproxima-se o dia em que, *banida a realza da terra de Santa Cruz, nos havemos de reunir para estreitar os laços federais à magnânima nação brasileira* a cujo grêmio nos chama a natureza e os nossos mais caros interesses. Todavia, o que deve inspirar-nos mais confiança, o que deve convencer-nos de que alfim triunfarão nossos princípios políticos, é o valor e constância dos nossos compatriotas; é alfim a resolução em que se acham de sustentar a todo custo a independência do país. Debaixo de tão lisonjeiros auspícios, começam os vossos trabalhos e cessa desde já o poder discrecionário, de que fui investido pelas atas de minha nomeação; cumprindo, pois, as condições com que fui eleito, eu o deponho em vossas mãos. Senhores representantes da nação riograndense, a felicidade e a sorte da República estão em vossas mãos!” (2)

O público prorrompe em frenética saudação. As mulheres formam alas, trazendo às mãos cestas de flores. A assembléia vive instantes de profunda exaltação cívica.

O general farrapo deixa o recinto, acompanhado da comissão que, ali, o introduziu. Ao passar entre as alas femininas, cobrem-no de flores as moças farrapas, sorridentes e jubilosas. As palmas e vivas aturdidores recrudescem. Os constituintes, em pé, saudam, também, o Presidente da República.

Fora, os cavalarianos, de lança em riste, fazem continência ao general e presidente republicano.

A assembléia continua reunida. Procede-se à eleição da mesa, que dá o seguinte resultado: presidente, padre Hildebrando de Freitas Pedroso; vice-presidente, Serafim dos Anjos França; 1.º Secretário, Tte. Cel. Joaquim Alencastro; 2.º Secretário, Silveira Lemos; suplentes, Luiz José Ribeiro Barreto, Luiz Inácio Jacques e Dr. Francisco de Sá Brito.

Proclamada a chapa vitoriosa, sob os aplausos da multidão, que enche o recinto, o padre Martins Avila dá-lhe, imediatamente, posse.

(2) “A Constituinte e o Projeto da Constituição da República Rio-Grandense”, de Florêncio de Abreu, p. 12. O grifo é nosso.

Releva notar que, a êsse tempo, já se havia cindido a Constituinte. Antônio Vicente da Fontoura, que substituiu a Domingos de Almeida, na Pasta da Fazenda, encabeçava a oposição, seguido do padre Martins Avila, frei Pedroso de Albuquerque, Serafim França, Martins Coelho, Silveira Lemos, Onofre Pires e Vicente Lucas.

Propositadamente, alguns dêles não comparecem à instalação, pois, era voz corrente, tramavam, com o auxílio de militares desprevenidos, um “golpe de Estado” contra o governo de Bento Gonçalves.

Nas sessões seguintes constituíram-se comissões especiais de poderes, de orçamento e de fazenda, de câmaras municipais, de força policial, de comércio, agricultura, indústria, canais, estradas e colonização, de justiça civil, criminal e guarda da Constituição e das leis, de instrução pública, associações e estabelecimentos públicos, civis e religiosos, de negócios eclesiásticos e divisão eclesiástica, da estatística, divisão civil e judiciárias, de saúde pública, catequese e civilização dos índios, de redação das leis e da polícia da Casa. ⁽³⁾ Apresentaram-se alguns projetos de leis, que não chegaram a ser votados, por falta de número.

A sessão de 17 de Janeiro de 1843 suspendeu-a, a mesa, para que uma comissão, adrede nomeada, fôsse levar a Bento Gonçalves a resposta à sua “fala” de abertura, em que depôs os poderes, de que se achava investigado, nas mãos da Constituinte. Foi intérprete da comissão José Mariano de Mattos, que, após louvar e agradecer os serviços prestados à nação pelo Presidente, salvando a República, assim terminou: “A assembléia fará os maiores esforços para organizar a Constituição política do Estado, e, bem que se ocupe dêste importante dever, não deixará, todavia, de promulgar as leis, que forem reclamadas pelo império das mais urgentes necessidades públicas. A assembléia afiança todo o seu apôio e coadjuvação ao Governo, enquanto fôr drigido pelo bem da Pátria, e espera que o resultado de seus trabalhos corresponderá à confiança que nela depositaram nossos concidadãos” ⁽⁴⁾

Bento Gonçalves, com estas palavras, expressa os seus agradecimentos: “Agradeço muito os sentimentos, que manifesta a Assembléia, e a confiança que deposita em mim; eu espero contribuir com todos os meus esforços para a felicidade da República, durante o tempo em que dirigir o timão do Estado, uma vez coadjuvado pela sabedoria da Assembléia, de quem em grande parte depende a felicidade do País”. ⁽⁵⁾

(3) DANTE DE LAYTANO, “História da República Riograndense”, Porto Alegre, 1936, p. 104.

(4) DANTE DE LAYTANO, ob. cit., p. 108.

(5) Ibidem.

A Constituinte, a-pesar-da cizânia reinante nas fileiras farrapas, continuava os seus trabalhos. A comissão eleita para elaborar o projeto de Constituição, da qual faziam parte os deputados José Pinheiro de Ulhoa Cintra, Francisco de Sá Brito, José Mariano de Mattos, Serafim dos Anjos França e Domingos José de Almeida, a elite intelectual da República, apresentou-o a plenário na sessão de 8 de Fevereiro de 1843.

“A República do Rio Grande é a associação política de todos os cidadãos riograndenses. Eles formam uma nação livre e independente, que não admite com qualquer outra laço de união, ou federação, que se oponha à independência de seu regime interno” — rezava o art. 1.º do Projeto. (6) As idéias de Jean-Jacques Rousseau, em seu “Contrat Social”, haviam penetrado na consciência dos membros da comissão, que procuraram realizá-las, no que eram aplicáveis ao gaúcho riograndense. Não seriam muitos os óbices a vencer, visto que a vida livre, que o filósofo do “Emile” aconselhava ao homem, constituía um como que instinto na gente dos pampas.

No art. 4.º, sentia-se mais nitidamente, a influência do pensador de “L’origine de l’inégalité parmi les hommes” — quando se estabelecia que: “o seu governo (o da República) é republicano, constitucional e representativo”. (7) O Novo Estado aspirava a um “governo brasileiro para o Rio Grande e demais províncias do Brasil, tanto que no art. 1.º, supracitado, admitia, expressamente, a federação, desde que não atentasse contra o seu regime interno — federação que foi, aliás, o ideal supremo dos farrapos.

Percebiam-se, ainda, os frutos da leitura de outro grande doutrinador do “século das luzes”, o barão de Montesquieu, que, com o “Esprit des lois”, ensinou aos povos a prática dos poderes do Estado — no art. 10º “O poder supremo da nação se divide para seu exercício em poder legislativo, poder executivo e poder judicial. Estes três poderes são delegados pelo povo a corpos separados e independentes uns dos outros”. (8) O Senado, permanente, que era, exercitava certas atribuições da Assembléia Geral, quando esta não se achava reunida, sistema que a Constituição da República, de 16 de Julho de 1934, veio, de algum modo, consagrar, instituindo a Secção Permanente do Senado.

Pôsto elege-se, como religião do Estado, a católica apostólica romana, admitia o culto livre das outras, porém, doméstico, ou particular, conforme estatuiu o art. 5.º (9). E’ que as idéias antireligiosas

(6) “A Constituição e o Projeto de Constituição da República Rio-Grandense”, de Florêncio de Abreu, p. 41.

(7) FLORENCIO DE ABREU, ob. cit. p. 42.

(8) Ibidem, p. 43.

(9) FLORENCIO DE ABREU, ob. cit. p. 42.

de Voltaire — que, com os outros dois filósofos, constituía a “tríade famosa”, que, aniquilando a aristocracia, permitiu o advento da democracia burguesa — não lograram conquistar a simpatia dos membros da comissão relatora, os quais, também, haviam meditado o “*Essai sur les moeurs et l'esprit des nations*”.

A comissão relatora do projeto estava integrada nos sentimentos liberais da época. As doutrina políticas dominantes não lhe eram estranhas. As idéias da República e Federação haviam amadurecido no espírito da gente dos pampas. A Inconfidência Mineira, em 1789, a Revolução Pernambucana em 1817, e a Confederação do Equador, em 1824, ministravam-lhes ensinamentos preciosos, e fortaleceram, ainda mais, as suas convicções republicano-federativas.

No exterior, a independência da Nova Inglaterra, a Revolução Francesa e a consecutiva libertação das colônias hispano-americanas, indicavam aos farrapos que o seu idealismo tinha base eminentemente real, e que se acordava com o processo evolutivo dos regimes políticos.

O projeto não chegou a ser discutido. A discórdia, que lavrou nas fileiras farrapas, e a aproximação de Caxias, obrigaram os constituintes a dissolver-se.

O monumento, ainda que inacabado, ficou. E foi o primeiro e único, na história das revoluções brasileiras contra o “poderio lusitano”.